



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

SABRINA CAETANO FERNANDES LEAL

**QUALIFICANDO OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA EM UMA TURMA DE
OITAVO ANO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
PRESIDENTE JOÃO GOULART**

JAGUARÃO, 2019.

SABRINA CAETANO FERNANDES LEAL

**QUALIFICANDO OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA EM UMA TURMA DE
OITAVO ANO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
PRESIDENTE JOÃO GOULART**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cristina Pureza Duarte Boéssio.

Jaguarão

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

L433q Leal, Sabrina Caetano Fernandes
Qualificando os processos de leitura e escrita em uma turma de oitavo ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart / Sabrina Caetano Fernandes Leal.
159 p.

Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2019.

"Orientação: Cristina Pureza Duarte Boéssio".

1. Leitura. 2. Intervenção. 3. Alunos. 4. Educação. I. Título.


SABRINA CAETANO FERNANDES LEAL

QUALIFICANDO OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA EM UMA TURMA DE
OITAVO ANO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
PRESIDENTE JOÃO GOULART

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao
Mestrado Profissional em Educação da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre em Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 16 de dezembro 2019.

Banca examinadora:


Prof. Drª Cristina Pureza Duarte Boéssio
Orientadora
Unipampa


Prof. Drª Paula Bianchi
Unipampa


Prof. Drª Cátia Dias Goulart
Unipampa


Prof. Drª Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet
UFPEL

Dedico este trabalho a Deus, ao meu esposo, Diego Leal, aos meus filhos Adryell e Matheus, meus pais, Osmar e Vanilda, e aos meus irmãos Bianca e Adriano.

AGRADECIMENTOS

Em tudo dai graças,
porque esta é a vontade de Deus
em Cristo Jesus para convosco.
(1 Tessalonicenses 5:18)

Ao se concluir uma etapa de uma jornada tão longa como esta, alguns agradecimentos fazem-se necessários:

A **DEUS**, pelas infinitas bênçãos que tem derramado em minha vida e sobre a minha família.

Aos meus **PAIS, OSMAR E VANILDA**, minha base forte, são exemplos para mim de amor e dedicação e cuidado constante para comigo. Aqui incluo **MEUS IRMÃOS, BIANCA E ADRIANO, AOS MEUS CUNHADOS ELIZEU E SAMUANY E AOS MEUS SOBRINHOS RAFAEL, GEAZI, ABNER**, que, juntamente com meus pais, contribuíram tanto para que eu chegasse ao final desse Curso, obrigada por me incentivarem e por não me deixarem nunca desistir.

Aos **MEUS FILHOS ADRYELL E MATHEUS**, por estarem sempre ao meu lado com palavras de carinho e incentivo, por nunca me deixarem desanimar.

Ao **MEU ESPOSO DIEGO LEAL**, pelo incentivo, pelo amor incondicional e por me impulsionar todos os dias com palavras de apoio e pela grande demonstração do sentido real da palavra FAMÍLIA. Meu companheiro de todos os momentos, sempre esteve ao meu lado, incansável e compreensivo. Não me deixando desistir nunca. Obrigada por tudo! Te amo muito!!!

À **ESCOLA QUE ATUO**, E.M.E.F. Presidente João Goulart, pelo incentivo e por acreditarem no meu trabalho.

AOS MEUS ALUNOS, os principais agentes desta pesquisa. Obrigada por sua disposição e participação no desenvolvimento da intervenção. Vocês foram demais!!!

AOS COLEGAS DE MESTRADO, pelas trocas, pelas dicas, pela cumplicidade e por sua amizade. Em especial: a Ivana Gonçalves Rebhahn, pelas caronas solidárias, pelo chimarrão para acalmar o nervosismo, pelas conversas de apoio e incentivo, a Tatiane Bandeira, a Adriana Cabaldi, Cristiane Marroche e Claudete Ferreira Feijó pelas demonstrações de empatia e amizade.

A MINHA ORIENTADORA, Professora Dr^a Cristina Pureza Duarte Boéssio, por toda a paciência que teve comigo e por nunca desistir de mim.

AOS PROFESSORES DA BANCA EXAMINADORA, muito obrigada por apontarem os caminhos para que este trabalho se consolidasse.

AOS PROFESSORES DO CURSO, muito obrigada por compartilharem seus ensinamentos.

A **TODOS VOCÊS**, que de alguma maneira contribuíram para que chegasse até aqui, o meu reconhecimento e a minha gratidão. Que Deus continue abençoando a todos!

Ler

Desconfio que não saiba ler
Pois todo o livro que releio
Entendo de outra forma
De um jeito diferente.
Talvez seja coisa de gente
Que muda todo momento
Igual água do rio
Que levada pela correnteza
Modifica-se e não é mais a mesma
Como pode isso acontecer?
Será que o livro se transformou?
Ou apenas sou eu
Que mudei?

Ivan Nunes Gonçalves.

RESUMO

Este Relatório Crítico-Reflexivo relata e avalia uma pesquisa, do tipo intervenção, que foi realizada com os estudantes da turma em que sou professora de Português, no 8º ano do Ensino Fundamental II, na cidade de Arroio Grande, Rio Grande do Sul, durante o mês de novembro no ano de 2018. A intervenção teve por objetivo geral de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart. Justifica-se pela minha preocupação com a aversão que os alunos apresentam em relação as atividades voltadas à leitura, pois como sou professora de Português, enfrento essa questão com muita proximidade, destaco ainda os obstáculos que enfrento em propor tarefas que despertem o interesse e o gosto dos estudantes pela leitura, juntamente com a ausência de hábito de ler que esses alunos manifestam. A pesquisa de cunho qualitativo teve como instrumentos para coleta de dados, três questionários, um realizado com as docentes das Áreas de Linguagem da escola para conhecer o perfil dos alunos em relação à leitura em sala de aula, o segundo questionário foi realizado com os alunos para aferir suas percepções sobre a leitura e um terceiro questionário, que foi realizado após o término da intervenção para analisar se os objetivos da pesquisa haviam sido alcançados. Também utilizei as Cadernetas de Metacognição e o Diário de Campo. A intervenção foi organizada em oito ações que envolveram Roda de Conversa com um autor com mais de cinco livros lançados, visitas às bibliotecas e Rodas de Leituras partindo das sugestões apresentadas pelos alunos após a realização do questionário inicial. Ao finalizar esse trabalho, conclui que os objetivos foram atingidos, pois os estudantes ao serem estimulados através das ações da intervenção, se mostraram mais próximos da leitura e do livro, participando de visitas a bibliotecas, de conversa com autor de livro e Rodas de Leitura.

Palavras-chave: Leitura, Intervenção, Alunos, Educação

RESUMEN

Este informe crítico-reflexivo informa y evalúa una investigación, de tipo intervención, que se llevó a cabo con estudiantes en la clase en la que soy profesor de Portugués, en el octavo grado de la escuela primaria II, en la ciudad de Arroio Grande, Rio Grande do Sul, durante el mes de noviembre de 2018. La intervención tuvo el objetivo general de alentar la práctica de lectura de los estudiantes del octavo año de la Escuela Municipal de Educación Primaria, Presidente João Goulart. Está justificado por mi preocupación por el disgusto que los estudiantes tienen en relación con las actividades de lectura, ya que como soy profesora de Portugués, enfrente este problema muy la falta de hábito de lectura que estos estudiantes manifiestan. La investigación cualitativa tuvo como instrumentos para la recolección de datos, tres cuestionarios, uno realizado con los docentes de las Áreas de Idiomas de la escuela para conocer el perfil de los alumnos en relación con el lectura en el aula, el segundo cuestionario se realizó con los estudiantes para evaluar sus percepciones sobre la lectura y un tercer cuestionario, que se realizó después del final de la intervención para analizar si se habían alcanzado los objetivos de la investigación. También utilicé los manuales de metacognición y el diario de campo. La intervención se organizó en ocho acciones que involucraron una rueda de conversación con un autor con más de cinco libros lanzados, visitas a bibliotecas y ruedas de lectura, basadas en las sugerencias hechas por los estudiantes después de completar el cuestionario. inicial. Al final de este trabajo, concluyó que los objetivos se lograron, ya que los estudiantes, cuando se estimularon a través de las acciones de intervención, se mostraron más cercanos a la lectura y al libro, participaron en visitas a las bibliotecas, hablaron con el autor de un libro y Reading Wheels.

Palabras clave: lectura, intervención, estudiantes, educación

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da cidade de Arroio Grande	44
Figura 2 – Escola campo de pesquisa	45
Figura 3 e 4 – Algumas da Cadernetas de Metacognição.....	58
Figura 5 – Imagem inicial do curta metragem	59
Figura 6 – Alunos assistindo o curta metragem	59
Figura 7 – Roda de Conversa	63
Figuras 8 – O menino que brincava com as palavras.	67
Figuras 9 – A poesia do brinquedo.....	67
Figuras 10 – Tempo de criança.....	67
Figuras 11 – A poesia na educação	67
Figuras 12 – Coisas de crianças	67
Figuras 13 – Ilustração do aluno	68
Figuras 14 – Poesia - Leitura	69
Figuras 15 –Roda de Conversa.....	70
Figuras 16 – Livro recomendado pelo autor	71
Figuras 17 – Poesia - Livros	72
Figuras 18 – Poesia - Como explicar?	73
Figuras 19 – A Biblioteca Pública Municipal de Arroio Grande.....	76
Figuras 20 – Recepção dos funcionários da biblioteca.....	77
Figuras 21 – Orientação da bibliotecária	78
Figuras 22, 23 e 24 – Prédio da Biblioteca	79
Figuras 25 e 26 – Alunos escolhendo a sua leitura ideal	80
Figuras 27 – Roda de Conversa com a bibliotecária	82
Figuras 28 – Alunos retornando com os livros escolhidos	84
Figuras 29 – Livro da Aluna5.....	89
Figuras 30 – Livro do Aluno7.....	89
Figuras 31 – Livro do Aluno11.....	90
Figuras 32 – Livro do Aluno17.....	90
Figuras 33 – Roda de Leitura realizada no pátio.....	96
Figuras 34 – Roda de Leitura, momento de compartilhar o texto lido.....	97
Figuras 35, 36 e 37 – Slides sobre a biografia.....	100
Figuras 38 – Roda de Leitura no pátio da escola.....	104

Figuras 39 – Avaliação sobre as Rodas de Leitura.....	106
Figuras 40 – Autorização para visita à Biblioteca da Unipampa Campus Jaguarão..	112
Figuras 41 – Participantes desta ação na frente da Unipampa.....	113
Figuras 42 – Professores do Curso de Mestrado recebendo os alunos.....	114
Figuras 43 – Recepção dos funcionários da biblioteca.....	115
Figuras 44 e 45 – Alunos dentro da biblioteca da Unipampa.....	117
Figuras 46 – Alunos lendo da biblioteca da Unipampa.....	118
Figuras 47 – Registro fotográfico da visita.....	119
Figuras 48 – Registro do piquenique.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma	53
Quadro 2 – Avaliação da atividade.....	91
Quadro 3 – Avaliação da atividade.....	107

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

OCEM – Orientações Curriculares Para o Ensino Médio

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

HQ – História em Quadrinhos

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

Prof. – Professor

ME – Mestre

E-Book – Livro em formato digital

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Costumas ler por prazer?.....	124
Gráfico 2 – Para ti, o que a leitura traz?.....	126
Gráfico 3 – Na tua opinião como a leitura deveria ser avaliada na escola?	127
Gráfico 4 – Costumas praticar a leitura fora da sala de aula?	129
Gráfico 5 – Como vês a leitura após o projeto?	130
Gráfico 6 – Qual a tua opinião sobre a s atividades desenvolvidas no projeto?	136

SUMÁRIO

Memorial da minha trajetória pessoal e profissional	18
1. INTRODUÇÃO	21
2. OBJETIVOS	23
2.1 Objetivo Geral	23
2.2 Objetivo Específico	23
3. JUSTIFICATIVA	24
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	33
4.1 Leitura e leitor.....	35
4.2 Formação de leitores em contexto escolar	36
4.3 A importância da biblioteca na formação de leitores	39
4.3 Os benefícios da leitura para o leitor	41
5. METODOLOGIA	44
5.1 Contexto da intervenção	44
5.2 Escola campo de pesquisa	45
5.3 Sujeitos da intervenção	46
5.4 Procedimentos Metodológicos	47
5.4.1 Cadernetas de Metacognição	49
5.4.2 Diário de Campo	50
5.4.3 Questionário	51
6. DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DAS AÇÕES	55
6.1 Primeira ação – A organização da proposta de intervenção	55
6.2 Segunda ação – Roda de Conversa com o escritor	67
6.3 Terceira ação – Visita à Biblioteca Pública Municipal	76
6.4 Quarta ação – Roda de Leitura	84
6.5 Quinta ação – Roda de Leitura.....	95
6.6 Sexta ação – Roda de Leitura / Avaliação	101
6.7 Sétima ação – Visita à Biblioteca da Universidade	111
6.8 Oitava ação – Avaliação final da intervenção.....	121
6.8.1 Transcrição e análise do questionário	123
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	134

REFERÊNCIAS	137
APÊNDICES	143
APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO DOCENTES DAS ÁREAS DE LINGUAGEM ...	143
APÊNDICE II - DADOS DOS PROFESSORES DAS ÁREAS DE LINGUAGEM .	144
APÊNDICE III - 1º QUESTIONÁRIO ALUNOS.....	146
APÊNDICE IV - 2º QUESTIONÁRIO ALUNOS	148
ANEXOS	150
ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ..	150
ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO À ESCOLA.....	152
ANEXO III - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA IMAGEM	154
ANEXO IV - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	155

Memorial da trajetória pessoal e profissional da pesquisadora

Rememorar meu caminhar até aqui é algo extremamente prazeroso, pois recorro com carinho meus primeiros passos no mundo da leitura, meu envolvimento com a prática escolar e o ingresso, através de Concurso Público, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, campo de minha atual pesquisa, onde atuo como professora de Português e Produção Textual.

Nasci no ano de 1982, no Município de Arroio Grande – RS, filha de pais que não tiveram grandes oportunidades de estudo, porém privilegiaram a educação dos três filhos. Com sete anos de idade, ingressei na antiga primeira série, em uma Escola Estadual de minha cidade, mas já estava alfabetizada, pois meus pais acreditavam firmemente na educação. Minha mãe ensinou-me a ler e a escrever – me apresentando ao vasto mundo da literatura – e também a organizar pensamentos e posicionamentos críticos, valorizando a Educação como fonte para adquirir e construir conhecimentos. Esses valores são o norte da minha prática docente e procuro transmiti-los aos meus alunos.

Passava minhas férias, juntamente com minha irmã, na casa de nossa avó materna, localizada na zona rural. Naquela época, não havia energia elétrica e nossa diversão à noite era ler livros e revistas que sempre carregávamos conosco. Líamos também os cartazes de propaganda que minha avó colocava para forrar o teto e as paredes do quarto onde dormíamos. Essas Leituras eram feitas sob a luz dos lampiões de querosene.

Lembro que, entre um chimarrão e outro, minha irmã e eu contávamos o que líamos nos livros para minha avó e para o meu tio, e seus olhos brilhavam ao ouvir nossos relatos, encantavam-se maravilhados com as fabulosas histórias que líamos. Por isso, sempre idealizei ser professora: para que outras pessoas também tivessem a oportunidade de conhecer esse encantador mundo dos livros e dessa forma valorizar o empenho de meus pais que me proporcionaram uma formação de qualidade.

Tive o privilégio de cursar o Ensino Fundamental, o Magistério, o Técnico em Contabilidade e o Técnico em Administração de Empresas em escolas estaduais de meu Município. Após concluir o Curso de Magistério, desenvolvi atividades voltadas à educação, através de Contratos Seletivos do Município de Arroio Grande (2005). Em

2010, ingressei oficialmente ao quadro do Magistério Público da minha cidade, através de concurso prestado para atuar nos Anos Iniciais.

Trabalhei em escolas rurais multisseriadas¹ e também em escolas da zona urbana, onde, atualmente, encontro-me lecionando. Após participar de vários simpósios, semanas de Educação, palestras, senti-me muito carente de conhecimentos para a execução de tão nobre função. Participei de todas as Formações Pedagógicas oferecidas em meu município, nas quais adquiri muitos conhecimentos, o que somou na aquisição da minha base educacional.

Em 2011, tive a oportunidade de concluir minha licenciatura em *Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas*, na modalidade a distância, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), pois o gosto pela Leitura sempre se fez presente em minha trajetória. No mesmo ano, iniciei minha pós-graduação lato-sensu em Educação Inclusiva, pela Universidade Barão de Mauá, essa etapa da minha formação foi concluída no final de 2012. Prestei várias provas de concursos públicos na área da Educação, em Arroio Grande e também para a 5ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação). Obtive aprovação em ambos lugares, porém optei por trabalhar mais vinte horas/aulas em minha cidade, na área de Português.

Recentemente, fui homenageada no Livro *A Poesia na Educação*² do autor Ivan Nunes Gonçalves pelos serviços prestados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart (doravante JG)³, em reconhecimentos da importância das atividades que realizo com os alunos voltadas ao aperfeiçoamento da leitura.

Entrar no Curso de Mestrado partiu de um sonho: aprimorar a minha prática dentro da sala de aula, valorizando a Leitura e ampliando o meu conhecimento sobre determinados assuntos abordados na minha prática. Tenho a consciência de que o professor precisa relacionar esses conteúdos com as vivências dos alunos, pois o mundo está mudando, e o que era importante para algumas pessoas há alguns anos, hoje já não faz tanto sentido. Apesar de, no decorrer de minha trajetória profissional,

¹ As classes **multisseriadas** são uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente, tendo de atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes.

² GONÇALVES, I. N. *A poesia na educação*. 1ª. ed. Santa Maria: Editora Pallotti, 2017. v. 500. 68p.

³ Com a autorização para divulgação do nome da escola Presidente João Goulart (APÊNDICE A).

ter participado de palestras, seminários, fóruns e outros espaços de atualização e formação, sentia a necessidade de aperfeiçoar cada vez mais minha prática pedagógica. O curso de Mestrado proporcionou-me uma reflexão mais aprofundada sobre a necessidade de criar estratégias diversificadas que pudessem atender à demanda educacional relacionada à leitura.

Em 2014, a escola JG mudou o currículo escolar, dividindo as aulas de Língua Portuguesa, que eram cinco semanais, em quatro de Português e uma de Produção Textual. Tal decisão teve como justificativa a alegação de que nossas aulas precisavam ter mais ênfase na leitura, pois os problemas constatados como a precariedade e desmotivação dos educandos para ler e produzir textos com qualidade era enorme e necessitava de uma solução. Em razão disso, evidencio a importância de se atentar para as práticas de leitura com as quais os estudantes demonstram menos familiaridade do que a esperada.

Além disso, entendo que o ensino de Língua Portuguesa tem como função social possibilitar a compreensão e o domínio dos usos da linguagem nas variadas situações sociais e nos diferentes propósitos comunicativos, o que corroborou para a necessidade de um projeto que auxiliasse os alunos e estimulando o gosto pela leitura.

Apresento, agora, o relatório do projeto QUALIFICANDO OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA EM UMA TURMA DE OITAVO ANO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PRESIDENTE JOÃO GOULART, com a realização de ações voltadas para incentivar a prática de Leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart.

1 INTRODUÇÃO

Ao entrar no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, minhas afinidades relacionadas à prática investigativa já iam ao encontro das atividades referentes à leitura em sala de aula. Essa temática sempre me inquietou, porque, os obstáculos relacionados à leitura e interpretação se comprovam cotidianamente em todas as tarefas propostas.

Como já descrevi, um dos maiores desafios que tenho é o de despertar o interesse dos estudantes pelas tarefas executadas em sala de aula. Quando se trata da temática leitura inúmeras dificuldades surgem instantaneamente. Isto ocorre, sucessivamente, todos os anos, nas turmas que leciono.

Observo a leitura como uma oportunidade, ou procedimento, de construção de significações e perante esse entendimento, foi essencial reconstruir minha prática. Neste aspecto, as ações desenvolvidas durante a intervenção, possibilitaram uma mudança a respeito da minha maneira de trabalhar a leitura.

Uma transformação na metodologia de trabalho do docente, ou na maneira de desenvolver ações singelas e habituais da sala de aula, ocasiona um resultado positivo em maior dimensão do que o esperado. Foi o fato que ocorreu nas ações que aqui serão descritas e que formaram a proposta de intervenção, que foi executada de maneira a envolver os estudantes em todos os momentos. Deste modo, as mudanças em minha prática pedagógica, foi significativa para que a proposta se concretizasse de forma satisfatória.

Consequentemente, para transpor as barreiras encontradas no dia-a-dia da prática educadora, é necessário estar em contínua procura e atualização para execução de um trabalho que chame a atenção dos estudantes e que ative o anseio pelo conhecimento. Partindo deste ponto destaco a relevância e a necessidade em dar continuação à minha formação por meio do Mestrado Profissional em Educação.

Dessa maneira, este Relatório Crítico-Reflexivo apresenta a pesquisa realizada com os estudantes da turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, em uma Escola Municipal, do Município de Arroio Grande, RS. Durante os dias doze a vinte e nove de novembro de 2018, foram realizadas oito ações com o objetivo geral de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental

Presidente João Goulart, partindo de atividades relacionadas à leitura e, como objetivos específicos motivar e aproximar os discentes da leitura; contribuir para formação de leitores autônomos e competentes e identificar a biblioteca como espaço de informação e lazer.

Este relatório foi organizado em oito tópicos: o memorial, a introdução, os objetivos, a justificativa, a fundamentação teórica, a metodologia, descrição e análise da intervenção e considerações finais.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart;

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Motivar e aproximar os discentes da/à leitura;
- Identificar a biblioteca como espaço de informação;

3 JUSTIFICATIVA

Esta intervenção justificou-se pela minha preocupação com o distanciamento que os alunos apresentam em relação as atividades voltadas à leitura, pois como sou professora de Português, enfrento essa questão com muita proximidade, destaco ainda os obstáculos que enfrento em propor tarefas que despertem o interesse e o gosto dos estudantes pela leitura, juntamente com a ausência de hábito de ler que esses alunos manifestam, aponto isso, também embasada nos resultados do questionário inicial⁴ que foi aplicado com os discentes para aferir a noção inicial que eles possuíam sobre a leitura.

Para isso apliquei um questionário para os alunos do 8º ano, com questões bem abrangentes sobre a temática leitura, questionei como eles costumavam praticar a leitura, se através de letras de músicas, por meio de mídias digitais, entre outras.

As devolutivas desse questionário me fizeram refletir sobre a necessidade de uma intervenção, pois observei que apesar da grande parte da turma apontar a leitura como forma de se adquirir conhecimento, isto é 17,4%, em contrapartida os 28,6% dos estudantes da turma afirmava não ter realizado leitura de nenhum livro durante o ano de 2018. Esse dado observado fortaleceu a ideia de se desenvolver ações que intervissem nessa realidade.

Quando os alunos foram questionados sobre o conceito que possuíam de leitura, dentre as opções que esses possuíam para escolher, havia: uma forma de aprender, uma obrigação escolar, uma forma de valorização pessoal, um passatempo ou uma chatice, Dessas, 71,5% da turma apontou como uma das maneiras de que se aprende algo.

E de acordo com a concepção sociointeracionista de linguagem, defendida por Bakhtin (2000), a qual destaca que a interação humana se tornaria muito difícil se a cada momento de fala ou de escrita tivéssemos que gerar um novo enunciado, sem existir nenhuma alusão para isso. O enunciado é, assim, uma “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 293). Neste sentido a leitura é percebida como um processo de produção de significados que ocorre partindo de interações

⁴ Apêndice III

sociais ou relações dialógicas que incidem entre dois indivíduos – o autor do texto e o leitor. De acordo com o que destaca Kleiman (2000) referente a relevância, na leitura, das experiências, dos conhecimentos prévios do leitor, que lhe possibilitam fazer previsões e inferências sobre o texto. Analisa a autora que o leitor edifica, e não somente recebe um significado completo para o texto: ele busca pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, empregando táticas fundamentadas no seu conhecimento linguístico e na sua experiência sociocultural (conhecimento de mundo).

Quando os alunos foram questionados sobre como percebiam a leitura, responderam que cerca de 21,5% percebe a leitura como uma obrigação escolar, enquanto que cerca de 7,5% tem a leitura como um passatempo. As opções uma forma de valorização pessoal e uma chatice, não foram marcadas pelos discentes.

Quando perguntados em relação ao suporte que utilizavam com mais frequência para realização de Leituras, dentre as opções questionadas estava o impresso e digital, desses quase 86% da turma apontou que fazia uso de material digital, isso deve-se a chegada da Internet a um grande número de pessoas e também sobretudo ao custo alto elevado dos livros impressos.

Considerando entre outras características do livro eletrônico, o aperfeiçoamento tecnológico, como formato, larga e rápida difusão de conteúdo e fácil distribuição, podendo possibilitar a difusão do livro em segundos. A internet pode ser uma grande parceira dos E-Books⁵ e das etapas de universalização da Leitura, ao proporcionar que o leitor compre um E-Book em uma livraria virtual e leia-o sem sair de casa. O aumento da digitalização de livros de certa forma, deverá contribuir com a mudança do livro impresso para o digital e sua popularização. Como cita Procópio (2010, p. 25),

[...] a revolução dos E-Books possibilita democratizar o acesso à Leitura a um nível ainda mais abrangente e de uma maneira extraordinária. Centenas de livros e documentos importantes, e muitas vezes dispersos, podem ser acessados com um simples clique.

Porém, o E-Book não apresenta só benefícios. Algumas inconveniências podem ser listadas. A perspectiva de observação e entendimento do leitor é um ponto

⁵ **E-Book** (ou **e-book**) é uma abreviação do termo inglês eletrônico **book** e significa livro em formato digital. Pode ser uma versão eletrônica de um livro que já foi impresso ou lançado apenas em formato digital.

relevante, pois a utilização do E-Book está estritamente direcionada à sua preferência pessoal. Vários leitores optam por sentir a textura do papel, o cheiro, folhear as páginas, e isso e-book não pode oferecer.

Aproximadamente, 85,7%, dos pesquisados tem acesso ao livro digital, por isso, verifiquei a necessidade de incentivar e despertar o interesse dos alunos também para que mantivessem o contato tanto com o livro impresso, como com o digital.

Quando os alunos foram questionados se haviam realizado a leitura de algum livro durante o ano de 2018, entre as opções para os pesquisados escolherem havia: sim, li um livro; sim, li mais de um livro e não li nenhum livro este ano, cerca de 50% dos estudantes relataram ter realizado a leitura de mais de um livro no período questionado, no entanto quase 21,5% da turma afirmou ter realizado a leitura de pelo menos um livro no ano, enquanto que 29% pontuaram não terem realizado nenhuma leitura neste período, fato que me deixou muito preocupada, visto que esta é uma das habilidades que desenvolvo nas disciplinas de Português e Produção Textual, com as quais trabalho.

Em relação aos gêneros textuais preferidos pelos estudantes, as alternativas para questionadas eram: aventura e ação; ficção científica; histórias românticas; poesias; policiais; religiosos; autoajuda; HQ e mangás; técnicos; terror e suspense; drama e biografia. Cerca de aproximadamente cerca de 65% preferem o gênero aventura e ação, pois estão dentro da faixa etária, entre 12 e 13 anos, fase de modificações sócio cognitivas e comportamentais, e são naturalmente curiosos, fascinam-se por mistérios, aventuras e histórias cheias de ação.

A hipótese que estou considerando para a escolha de livros para a prática de intervenção é a que os discentes preferem essa tipologia devido as peculiaridades desafiadoras desse gênero. Enquanto que os demais discentes apontam interesse nos gêneros de ficção científica, histórias românticas, poesias, HQ e mangás⁶, ambos os gêneros com pontuação de cerca de 7% cada um.

Quando os discentes foram questionados se gostavam de escrever, as opções para marcar eram: sim ou não. Cerca de 71,5% responderam que não gostam de escrever, e somente 29% relataram que gostam de escrever; para os que gostam de escrever foi questionado sobre o que escreviam, as respostas foram variadas,

⁶ História em quadrinhos de origem japonesa cujos personagens possuem especificidades características, com olhos anormalmente grandes e feições muito expressivas. (Dicionário Online de Português)

destacando-se temáticas como: ficção científica, vivências experienciadas por eles e poesias.

Quando os alunos foram questionados se conheciam algum autor de livro, cerca de 57% dos pesquisados afirmaram conhecer um escritor e apontaram o Professor Mestre Ivan Nunes Gonçalves, os demais discentes, disseram não conhecer nenhum autor. Quando os alunos foram questionados se já haviam pensado em escrever algum livro, as opções questionadas foram: sim ou não. Cerca de 79% responderam que não e apenas 21,5% confirmaram já terem pensado em escrever, mostrando interesse pela escrita.

Quando questionados sobre os filmes que mais gostavam de assistir, dentre as alternativas pesquisadas estavam: comédia; ação; aventura; romance; ficção; educativos; terror; drama; animação; musical e outros. Os gêneros mais pontuados foram de ação e os de comédia. Já em relação ao estilo musical, os alunos relataram gostarem mais do ritmo sertanejo. Em relação as pesquisas nos websites, os alunos relataram passar muito tempo nas redes sociais.

A questão inicial sobre a aversão dos estudantes sobre a leitura, me conduziu a uma reflexão sobre minha própria prática em sala de aula e também de minhas colegas. Para saber se estas também enfrentavam as mesmas dificuldades no trato com a leitura e os alunos em sala de aula, apliquei um questionário aberto⁷, e através das respostas fornecidas pelo grupo de seis docentes constatei que elas também se defrontam com os mesmos obstáculos, enfrentados por mim, quando a temática é leitura em relação aos alunos na sala de aula.

Minha ação, também se justifica pelos dados analisados no questionário realizado com os docentes que trabalham na Área de Linguagem, de acordo com as respostas dos professores, percebi que existe uma necessidade de transformar a visão que os alunos têm quanto a leitura/obrigação pela opção da leitura/satisfação, proporcionando ações de leitura como uma rotina prazerosa na vida dos discentes, desenvolvendo o seu intelectual.

As informações obtidas com esse questionário foram organizadas em um quadro⁸ para facilitar a apresentação dos dados coletados. As questões eram: Como

⁷ Apêndice I

⁸ Apêndice III

ocorre, na sala de aula, o processo de compreensão e produção textual? Como percebes a relevância e o domínio da linguagem culta nos processos de Produção e Interpretação de textos dos alunos? Quais os desafios e possibilidades nos processos de produção dos alunos? e como os alunos envolvem-se durante as atividades nas aulas?

A partir desses dados levantados com os professores, foi possível analisar que os alunos apresentam um distanciamento das atividades que se referem à leitura, por considerá-las algo enfadonho e por não conseguirem na maioria das vezes, chegar a uma interpretação satisfatória do texto lido.

O questionário que apliquei continha quatro questões abertas para saber sobre a visão que os docentes tem em relação aos alunos e atividades de leitura. A primeira questão era para saber como ocorria, na sala de aula, o processo de compreensão da leitura, para esta a maioria dos docentes apontou que a compreensão dos estudantes ocorre com mais facilidade quando os assuntos estão relacionados ao cotidiano dos estudantes, quando ocorre uma preparação ao tema e uma reflexão sobre o texto em foco, possibilitando antes das atividades propostas uma conversa informal com todos da sala interagindo as tarefas tem melhores resultados.

Quando os docentes foram questionados sobre como percebiam a relevância e o domínio da linguagem culta nos processos de leitura e interpretação de textos dos alunos, o outro dado apontado pelos professores, refere-se ao grande número de gírias que os estudantes acabam empregando em suas comunicações, o que acaba por dificultar o interesse em leituras que abordam uma linguagem mais formal, como a apresentada nos livros clássicos. Conforme os registros escritos:

[...] trazem um vocabulário carregado de gírias [...] (P4)

A não tem vocabulário. (P4)

[...] que todas as avaliações partem do domínio da língua culta [...] (P1)

Quando os professores foram questionados sobre qual era o desafio nos processos de leitura dos alunos, o dado levantado, foi a falta do hábito de leitura que os estudantes demonstram um afastamento significativo dos livros e conseqüentemente da leitura.

Quando os professoras foram questionados sobre como os alunos envolvem-se durante as atividades nas aulas, o dado observado foi que na maioria das vezes durante as atividades os alunos trabalham melhor em grupos ou duplas, o que parece

apresentar resultados mais satisfatórios, já que segundo as docentes, os alunos acabam motivando uns aos outros, como veem seus colegas produzindo, também se propõem a produzir. Conforme os registros escritos,

Durante as atividades os alunos trabalham em grupos ou duplas [...] (P5)
 [...] como veem seus colegas produzindo. (P4)
 Criar histórias coletivas e individuais [...] (P3)

Nas respostas das professoras, elas diziam que quando assumiam a posição de mediadores das atividades propostas em sala de aula percebiam que oportunizam uma maior condição para a construção do conhecimento dos alunos, e como ponto de partida esses educadores procuravam escolher o assunto a ser trabalhado juntamente com a turma. Conforme os registros escritos,

[...] que como mediador oportuniza a construção do conhecimento. (P5)
 Procuro escolher o assunto junto com a turma [...] (P3)

Conforme reforça Lerner (2002), o docente precisa assumir a função de mediador, em que os discentes possam ler por intermédio dele. O professor deve atuar como mediador esforçando-se em seu papel de formar leitores para uma vida toda e não apenas para cumprir com os preceitos do currículo da escola.

o essencial é [...] fazer da escola um âmbito propício para a leitura é abrir para todas as portas dos mundos possíveis, é inaugurar um caminho que todos possam percorrer para chegar a ser cidadãos da cultura escrita. (LENER, 2002, p.75).

Os professores, também destacaram que os alunos necessitam serem desafiados pela leitura e é o docente que tem esse poder para despertar a curiosidade e o prazer em ler bons textos em sala de aula. É essencial que o professor possa conduzir o seu alunado a ir além através de atividades que permitam a reflexão sobre o que se é ensinado na escola.

[...] despertar mais o aspecto qualitativo em suas produções escritas. (P6)
 [...] o desafio é fazer com que o aluno coloque no papel suas ideias. (P1)
 Se eles lerem mais, saberão escrever. (P5)

O docente precisa propor ao aluno atividades que sejam estimuladoras e desafiadoras, proporcionando aos estudantes oportunidades para refletir e procurar

alternativas para resolver, de forma criativa, os problemas que aparecem. Conforme afirma Antunes (2001),

[...] caberia ao professor um papel radicalmente diferente do que anteriormente exercia: de agente transformador de informações em selecionador dessas informações, seu decodificador, mostrando como descobri-las e selecioná-las e de que maneira as transformar em saberes. (ANTUNES, 2001, p.12)

O gosto pela ação de ler, procede da prática de leitura, pelo contato que se mantém com os livros e pelo estímulo que é ofertado aos estudantes. A sala de aula deve ser o lugar instigador e o docente cooperador, proporcionando aos estudantes ocasiões de serem bons leitores, fazendo intervenções partindo do conhecimento prévio e analisando a heterogeneidade da turma para dessa maneira incentivar o hábito da ler nos alunos.

Em contrapartida a ausência do hábito de leitura, além de tornar mais difícil a realização das atividades comuns de sala de aula, como interpretar o enunciado para a execução de um exercício, ou ainda a utilização da leitura para o relacionamento entre eles, para que se escutem, para que acolham e ponham em debate diferentes percepções em torno do texto. Permitindo que o ato de ler em sala de aula seja um exercício de alteridade para toda vida. E dessa maneira docente e estudantes precisam compreender a natureza – flutuação - do texto ficcional, que te mobiliza a sentir/ver algo por vários ângulos ao mesmo tempo.

Sendo assim, é necessário refletir sobre como nós, docentes, propomos as atividades para trabalhar a leitura em sala de aula, porque para muitos dos alunos o único contato que mantem com os livros ou outras formas de leitura é no ambiente escolar, sobre isso, Cattani e Aguiar destacam que, “cabe à escola a formação e o desenvolvimento do hábito de leitura e seu papel é tão mais amplo quanto mais restrito for o da família [...]” (CATANNI & AGUIAR, 1986, p.24). As autoras, defendem que o ensino de leitura ligado à escola.

Assim sendo, o ensino da prática da leitura, além de ser papel da família, porque é essa primeira instituição que o sujeito tem contato, a qual tem o poder para desenvolver os alicerces culturais básicos desde a infância do indivíduo, é papel também da escola. Cabe ressaltar a relevância da ação do professor, pois sua atuação é importante na formação de seus alunos, uma vez que ele deve ser o mediador entre

a leitura e o leitor (KLEIMAN, 1999), formulando táticas para que seu aluno se torne um indivíduo ativo e letrado, sem perder a motivação para a ação de ler.

Afinal como também defende a pesquisadora Regina Zilberman (2003) ler não é só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, vai além disso, é necessário refletir sobre o que se lê, e agir sobre, portanto ler vai além da compreensão, é dar significados, estabelecendo conexões entre o que compreendeu e outras etapas de seus estudos, de sua vida, e esse intercâmbio implica que o leitor articule algo de si no processo de interpretação.

Outro ponto que considerei para justificar minha intervenção foram as avaliações sobre o ato de ler realizadas pelo governo. As estatísticas governamentais, como as apresentadas pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), em 2003 e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2016, e o dia a dia das escolas apresentam um cenário inquietante em relação a execução e a compreensão da leitura como em relação à escrita, entre os estudantes do ensino Fundamental e Médio.

Da mesma maneira, que o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), vem examinando através da Pesquisa Trienal de Conhecimentos e Competências de Estudantes em países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico e em países convidados, como o Brasil, verificando, em 2006, as aptidões de estudantes nas áreas de ciência, leitura e matemática.

O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) aferiu que os estudantes em seis níveis de proficiência, de acordo com o grau de dificuldade das atividades de ciências, leitura e matemática, o que eles eram capazes de desempenhar. Aqueles que não evidenciaram competência nem para as tarefas mais simples foram classificados abaixo do Nível 1. No Brasil, 27,9% dos alunos não atingiram o Nível 1 de proficiência em ciências e de leitura.

Os subsídios mostram que, entre os 32 países participantes do exame para aferir a capacidade de leitura dos estudantes, o Brasil é o pior. De acordo com o PISA, 40% da população mundial apresentam dificuldades na sistematização da escrita e compreensão da leitura, isso se deve a dois fatores, dificuldades cognitivas e métodos escolares inapropriados no decorrer do processo de aquisição desses conhecimentos.

Nesse sentido destaco a necessidade de se repensar a leitura na escola, revisitando conceitos e padrões que são atribuídos a essa prática. Isto, articulado a desmotivação que os estudantes demonstram quando eu proponho alguma atividade

voltada à leitura, são algumas das principais justificativas para que esta ação fosse desenvolvida.

Somado ao anseio e a necessidade de colaborar na formação de alunos leitores, me proporcionou uma reflexão sobre as diferentes maneiras de se incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart.

Logo após, exibo a fundamentação teórica deste relatório.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em texto sobre as perspectivas do estudo de linguística, Leffa (1999) propõe que, dentre as diferentes linhas teóricas que se dedicam ao estudo da leitura, seja possível organizar três abordagens principais, são elas: as abordagens ascendentes, descendentes e conciliadoras. As abordagens ascendentes, seriam aquelas que estudam a leitura pela perspectiva do texto, nesse sentido, ler seria resumido a um ato de buscar “extrair um sentido do texto”. As abordagens descendentes, por sua vez, enfatizam o papel do leitor no processo de leitura, descrevendo a leitura “como um processo de atribuição de significado”. Por fim, as abordagens conciliadoras, buscam relacionar texto, leitor e contexto no processo de leitura, descrevendo, dessa forma, a leitura como “um processo interativo/transacional”, no qual a ênfase é colocada na relação com o outro.

Diferenciar essas perspectivas apontadas pelo autor me parece essencial porque se cristalizou, socialmente, um imaginário de leitura, especialmente em contexto escolar, completamente voltado ao que Leffa (1999) classificou como abordagens ascendentes. Em outras palavras, é possível perceber que, historicamente, quando há espaço para a leitura de textos ficcionais, o trabalho com a leitura realizado em sala de aula se ancora na tentativa de ensinar o aluno a decifrar o que o autor quis dizer, produzindo, assim, um imaginário de que a leitura seria um mero processo de decodificação da intenção alheia com o texto.

Busquei, em minhas intervenções, desconstruir essa imagem reducionista do processo de leitura, apontando as diversas possibilidades de interação que os processos de leitura podem proporcionar aos sujeitos. Em minhas atividades, procurei me aproximar do que Leffa (1999) denominou de abordagem conciliadora, pois acredito que a leitura tem uma influência inegável para a vida do ser humano e faz parte de toda sua constituição subjetiva.

A começar pela infância, o sujeito é compelido a conviver com essa atividade intelectual que lhe acompanhará durante toda a sua trajetória, isto é, na convivência direta com ela ou no seu convívio social nesse mundo letrado.

Conforme Yunes (2001), a leitura

corresponde ao papel de criar e expressar uma visão de mundo que se materializa no discurso sobre qualquer suporte, do papel ao celuloide, da letra

à imagem. Ainda mais: convoca a uma reflexão permanente, dada a instabilidade do próprio homem e suas inserções na história, segundo suas necessidades e desejos, suas aspirações e interdependências. O leitor, podemos inferir, não termina jamais de realizar esta tarefa enquanto vive. (YUNES, 2001, p. 93)

É importante destacar que, ao me filiar a essa visão mais complexa do processo de leitura, que considera tal processo como inerente ao sujeito e a vida em sociedade, não estou descartando os processos formais que envolvem a leitura, especialmente em contexto escolar. Como salienta Silva (1987, p. 43): um dos propósitos básicos de qualquer leitura é “absorver os significados mediatizados ou fixados pelo discurso textual, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um certo autor em uma determinada obra”.

Acredito, contudo, que a relação com o texto, seja ele de qualquer natureza, pode causar mudanças distintas no leitor, abrigando um afastamento e ajuizamento da realidade enquanto meio de verificação e a possibilidade de compreender as relações por detrás das ocorrências e conjunturas. Como confirma Foucambert (1997), o acesso ao escrito admite a comprovação, preparação e transformação de pontos de vista, colocando o sujeito em uma posição que lhe garante entender o mundo de outra perspectiva. É na ação recíproca entre leitor e o texto que ambos se constituem mutuamente, fazendo surgir um novo texto.

Tal abordagem de leitura desconstrói a ideia de que ler seja apenas a decodificação de códigos linguísticos, tal ato vai muito além, nas palavras de Freire (1989): a leitura “se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

Apresentada, brevemente, a perspectiva de leitura na qual me ancorei para desenvolvimento desse trabalho, buscarei, agora, resgatar algumas discussões teóricas importantes sobre o processo de formação de leitores e sua relação com o contexto escolar. Após definir a temática da Intervenção, identifiquei conceitos que sustentavam o tema da minha pesquisa, no intuito de melhor apresentar este capítulo, organizei-o em quatro partes: Leitura e leitor, Formação de leitores em contexto escolar, A importância da biblioteca na formação de leitores e os Benefícios da leitura para o leitor.

4.1 LEITURA E LEITOR

É preciso compreender, inicialmente, que ler não deve ser considerado um ato individual e sim dialógico. Leffa (1999) aponta que a leitura é um processo social, no qual a significação não está nem no texto nem no leitor, ela é produzida “nas convenções de interação social nas quais ocorre o ato da leitura” (LEFFA, 1999, p. 30).

A leitura, portanto, não é um ato solitário, isolado. Quando se lê um texto, não se interage apenas com o texto, enquanto materialidade, mas também com os imaginários de autor e leitor envolvidos no processo de leitura, o que implica na bagagem por parte do leitor sobre conhecimentos adquiridos – ou por buscar - textos e discursos mobilizados pelo sujeito na tentativa de atribuir sentido ao que está sendo lido.

É preciso lembrar que o leitor é sempre parte de um grupo social, e produzirá sua leitura relacionando o texto a suas experiências de vida e visões individuais do mundo, mediadas pelo contexto sociocultural em que ele está inserido. De acordo com Solé (1998) o procedimento de leitura deve acontecer através da influência mútua entre leitor e texto, e nessa interação o leitor vai edificando seu próprio texto, interligando com seus conhecimentos anteriores, edificando sua própria interpretação conferindo significados. Ou seja, “na leitura, o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios.” (SOLÉ, 1998, p.18).

Para que o texto seja significativo, portanto, é importante considerar a leitura de mundo, a interação com o meio no qual nos encontramos; assim sendo, a abrangência de um texto pode ser heterogênea, isto é, sofre alterações de pessoa para pessoa, já que somos seres historicamente construídos cada um com suas características.

Para Brandão e Michelitti (apud Chiappini, 1998, p. 17) “O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção⁹ de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra”.

⁹ Fato de entender; compreensão, entendimento. (<http://michaelis.uol.com.br/>)

4.2 FORMAÇÃO DE LEITORES EM CONTEXTO ESCOLAR

Começarei essa reflexão teórica sobre a formação de leitores em contexto escolar visitando as diretrizes sobre o trabalho com a leitura apontadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), por se tratar do documento oficial, elaborado pelo Governo Federal, com o intuito de orientar os educadores sobre alguns elementos fundamentais referentes aos objetivos, conteúdos e métodos que devem ser adotados pelos professores na atividade docente em cada disciplina da grade curricular.

É possível perceber, na elaboração dos PCNs da Língua Portuguesa, uma grande influência dos pensamentos do filósofo Mikhail Bakhtin, começando pelo conceito de Linguagem adotado pelo documento:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. [...] Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. (BRASIL, 1998, p. 19, 20)

Diferente de outras perspectivas que compreendem a linguagem como mera expressão do pensamento ou como simplesmente um instrumento de comunicação (TRAVAGLIA, 2009), os PCNs concebem a linguagem como processo de interação, meio pelo qual os sujeitos interagem com o mundo. Essa visão da linguagem implica pensar que toda produção linguística realizada pelos sujeitos no seio de uma formação social produz marcas da filiação cultural e ideológica de cada sujeito e/ou comunidade.

A abordagem da linguagem, a partir dos PCNs, está diretamente relacionada à noção de gênero discursivo. Nessa perspectiva, todo texto se organiza dentro de um gênero específico, que é selecionado pelo autor em razão de suas intenções comunicativas. Os gêneros do discurso devem ser compreendidos como “formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura” (BRASIL, 1998, p. 21), e são caracterizados por três elementos: conteúdo temático, construção

composicional e estilo. Toda forma de comunicação humana, de acordo com essa perspectiva, se dá através de um gênero discursivo e é determinada pelas condições de produção sócio históricas nas quais é realizada.

Tal concepção de linguagem afeta, diretamente, a forma como a leitura deverá ser tratada. O processo de leitura, nessa perspectiva, para que a leitura se dê de forma efetiva, o sujeito precisa ser capaz de: compreender os principais elementos do gênero lido as condições de produção nas quais foi colocado em circulação, além de relacionar o texto lido a outros textos e discursos atribuindo-lhes sentido. Conforme posto no documento, um leitor proficiente é aquele capaz de

selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos. (BRASIL, 1998, p. 70)

Para que os alunos alcancem esse nível de leitura, é papel da escola, primeiramente, dar ao aluno acesso a diferentes gêneros que circulam na formação social na qual ele está inserido, pois a competência leitora só pode ser desenvolvida através da prática da leitura. É preciso que esse processo seja, contudo, muito bem planejado, com estratégias adequadas para abordar os textos. Os próprios PCNs colocam a reflexão de que, muitas vezes, a forma como o texto é abordado pela escola, faz com que muitos alunos desistam de ler por não conseguirem responder às demandas exigidas nas atividades de leitura desenvolvidas em contexto escolar.

Em relação a isso, Zilberman (2003, p.16) coloca que “[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária [...]”. Desse modo, uma das maneiras de formar um leitor é estimulando esse gosto desde cedo nos sujeitos. Sendo assim, torna-se importante a criação de um ambiente pedagógico aberto, democrático e lúdico que permita a aproximação do indivíduo com a leitura.

Para que o processo de formação de leitores se dê de forma efetiva, é essencial que os professores conheçam os sentimentos dos alunos em relação às atividades que envolvem a leitura possibilitando a reflexão sobre quais delas mais contribuem para o envolvimento dos discentes, explorando suas emoções e seus pensamentos e

assim promovendo um aprendizado mais efetivo e concreto em relação ao mundo da leitura.

Ao analisarem diferentes fatores que interferem no processo de aprendizagem da leitura, Signorini e Dias (2002), destacam os de natureza afetiva, salientam que um histórico de fracassos e constrangimentos leva a um estado de ansiedade tal que, conduz ao nervosismo, ao erro e à autorrecriminação. As consequências são desastrosas tanto para o processo de aprendizagem como para a construção que cada aluno faz de sua própria imagem.

O sujeito ao justificar seu erro e/ou sua falta de habilidade por meio da incapacidade, compromete a imagem que faz de si, tanto diante da escola como também diante do conhecimento trabalhado. A frequência com que se expõe a cada nova tentativa infrutífera, a cada insucesso, afeta negativamente a motivação, o interesse, a vontade, a disposição de aprender (SIGNORINI; DIAS, 2002).

Segundo Leite e Higa (2011)

os indivíduos constituem-se como leitores a partir de uma história favorável de interação com a leitura e suas práticas sociais, por intermédio de diversos agentes mediadores; entre os quais, destaca-se, sem dúvida, o professor no seu trabalho pedagógico desenvolvido na escola. (Leite e Higa ,2011, p. 142)

A escola tem uma responsabilidade ao ser a facilitadora e formadora de seus alunos. O professor por sua vez, com suas habilidades e técnicas, deverá levar o aluno ao gosto e o prazer de ler, garantindo a construção dos conhecimentos necessários para a aprendizagem e amadurecimento. De acordo com Antunes (2003)

[...]O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. Mas nenhum, como disse, é neutro, no sentido de que não toma partido em relação a uma determinada concepção das coisas. (Antunes, 2003, p.81)

Geralmente, quando a criança é incentivada ao hábito da leitura e despertada para o prazer de estar lendo diariamente, ela passa a ter um excelente avanço na escrita, ou seja, ela escreve as palavras corretamente e evolui progressivamente em suas produções textuais, tendo ideias avançadas, criativas, cheias de imaginação. “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”. (MARTINS, 1994, p.25).

4.3 A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Como venho ao longo do trabalho explicando sobre a importância da leitura na vida dos sujeitos, continuo abrangendo o ato de ler não só na sala de aula, mas também no espaço mais adequado e preparado, com muitas obras e gêneros textuais para se compartilhar e realizar uma leitura detalhada que é o espaço chamado biblioteca.

A biblioteca é um espaço importantíssimo, onde os alunos realizam leituras, pesquisas e práticas pedagógicas, e é, ou deveria ser, um espaço de fascínio e instigante para a Leitura individual ou coletiva.

„ De acordo com Ribeiro (1994)

A biblioteca possibilita acesso à literatura e as informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente. Para atender essas premissas a biblioteca precisa ser entendida como um 'espaço democrático' onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo. (RIBEIRO, 1994, p.61)

Dessa maneira, a biblioteca é um lugar que deve funcionar como um elemento de apoio de leitura para todos do educandário e como um instrumento pedagógico do corpo docente da escola, que ajude e seja uma ligação entre professor, a leitura e o estudante.

Fornecendo informações, conhecimento e prática de leitura a seus usuários, como explica Ribeiro (1994) que a função deve ser bem clara e democrática, de uso coletivo e que ajude na formação do cidadão crítico, com opiniões bem formadas e esclarecidas.

Tornar os alunos em bons leitores acaba se tornando um grande desafio para os profissionais da educação, pois nem sempre as bibliotecas escolares apresentam um acervo diversificado o suficiente para atender a demanda. Conforme afirma Bamberger (1991)

a principal deficiência de muitas bibliotecas escolares é não oferecerem escolhas suficientes. As crianças têm de pegar o que encontram, e, quando o livro não se ajusta aos seus interesses sentem-se decepcionadas; em lugar de desenvolver-se, os hábitos de leitura são prejudicados. (BAMBERGER, 1991, p. 78)

Neste cenário, podemos observar que a educação para formação de leitores, passa por uma série de obstáculos, desta forma, é necessário fazer políticas educacionais que apontem aprimoramentos nos ambientes da biblioteca, seja ela pública, escolar, virtual ou outra.

Cabe ao docente explorar e incentivar os alunos a aprenderem a ler todos os tipos de gêneros textuais, diversificando seus hábitos de leitura, conhecendo outras formas de expressões, conhecendo outros autores, mas principalmente aprendendo a ler e interpretar toda forma de texto e contexto que a escola oferece aos seus alunos.

Nesses ambientes, os educadores podem recorrer a literatura não somente como uma estratégia para ensinar determinados conteúdos, mas, sim, sobretudo, para ser como uma forma de estimular a imaginação do sujeito, permitindo que o ato de ler dos alunos promova a ampliação as suas referências e que utilizem a fantasia para compreender e se relacionar com o mundo das palavras e seus significados.

A biblioteca escolar é a base para a formação de leitores. Nesta mesma discussão Silva (1997) aborda que:

Instalaremos o hábito da leitura em nossas crianças quando, nos diferentes espaços sociais, houver abundância de livros disponíveis. Assim, haveremos de repensar o papel a ser cumprido pelas bibliotecas escolar na formação de leitores. Sugerimos que a reivindicação dos educadores por melhores condições de ensino inclua também a instalação de bibliotecas nas escolas. (SILVA,1997, p. 99)

Nesse sentido, se entende a leitura como parte essencial na formação do conhecimento, por meio da compreensão de textos em diversos formatos, em que o leitor edifica seu senso crítico reflexivo, aumenta seu vocabulário, adquire conhecimentos sobre várias culturas e curiosidades, isto é, a leitura tem como finalidade não só transmitir o conhecimento, mas construir novos horizontes, contar novas histórias, conscientizar e criar novos questionamentos.

Para que isto aconteça, uma das tarefas principais das bibliotecas deve ser o estímulo para formação de leitores, através dos docentes sendo os mediadores desse processo gradativo. A escola que pretenda investir na leitura como ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de uma biblioteca escolar aberta, interativa, espaço livre para a expressão genuína do sujeito, biblioteca escolar esta que, por sua natureza interativa apresenta, como menciona Bajard (2002), as seguintes funções:

- colocar à disposição dos alunos a literatura infanto-juvenil de hoje, visando a desenvolver neles tanto a imaginação quanto o senso crítico;
- possibilitar o domínio da língua escrita em sua articulação com outras línguas, particularmente com a da imagem, através da familiaridade com a literatura infanto-juvenil;
- transformar a prática de alfabetização em prática de letramento permitindo a construção do sistema gráfico pela criança. Essa construção se opera inicialmente mediante a recepção; a produção de textos ocorre como resposta àquela recepção;
- possibilitar através da variedade de textos, documentos e meios, a conquista das diversas estratégias da escrita;
- oferecer aos alunos uma documentação que lhes permita encontrar a informação atualizada necessária a cada uma das disciplinas escolares;
- permitir aos jovens estabelecer conexões entre a leitura de textos e suas 'leituras do mundo';
- oferecer um espaço de troca, de crítica e de constituição da informação, para que os jovens vivam seu papel de cidadãos e de produtores de cultura;
- instaurar um local amistoso de encontro com colegas e professores de outras salas, pais e convidados. (BAJARD, 2002, p. 41)

Empregando como critérios as funções mencionadas por Bajard (2002), pode-se assegurar serenamente que nos dias de hoje já não compete à biblioteca escolar ou a qualquer unidade de informação ser somente armazenadora e difusora de informação, ela necessita participar efetivamente do processo educativo brasileiro no que se refere a promover a educação e produção de cultura e saberes da comunidade a que serve e, desta maneira, considerando que na primeira função apontada trata sobre a importância de estimular a imaginação e criatividade junto com o senso crítico, possibilitando auxiliar no desenvolvimento de cidadãos críticos e ativos, transformando-os aptos a desfrutar das benfeitorias oferecidas pela era do conhecimento.

4.4 OS BENEFÍCIOS DA LEITURA PARA O LEITOR

A leitura desenvolve no aluno um maior domínio da linguagem, a criatividade e o potencial de concentração, habilidades essenciais para um aprendizado de qualidade e para formação de alunos mais engajados e entusiasmados com os estudos. Em um aspecto científico, a leitura é abordada sob diversos ângulos, conforme o que Silva (1987) aborda

Ao praticar o ato da leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. De fato, o propósito básico de qualquer leitura é absorver os significados mediatizados ou fixados pelo discurso textual, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um certo autor em uma determinada obra. (SILVA, 1987, p. 43).

Por meio da leitura o indivíduo amplia seu conhecimento, aumenta seu vocabulário, estimula a criatividade, facilita a escrita, simplifica a compreensão das coisas, melhora a comunicação com os outros, desenvolve seu repertório, emocional e causa impacto.

A importância do ato de ler propicia e amplia a capacidade intelectual do indivíduo, pois, por meio da leitura o mesmo se insere no meio social de forma crítica e participativa. De acordo com Freire (2003)

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003, p. 13).

É possível afirmar que a leitura é uma maneira de conhecer, que como processo cultural de decodificação e interpretação de linguagens apresenta um valor central na sociedade. O ato de ler nos proporciona a descoberta da leitura de mundo, algo novo e fascinante, porém acredito que por meio da leitura de mundo, nós educadores, podemos escrever, reescrever e transformar a leitura da palavra.

Ler é essencial, por meio da leitura, podemos mobilizar nossos estudantes a testarem os seus próprios valores e experiências. No final de cada livro devem ficar enriquecidos com novas experiências, novas ideias, novas pessoas, conhecendo melhor o mundo e um pouco melhor a si próprios.

Com todos os autores que citei no trabalho, observei o quão importante é ser um leitor, dar o exemplo para os alunos sobre o ato de ler e conhecer o mundo ao redor através da leitura, contagiando a todos em sala de aula pelo gosto de experimentar esse novo mundo das letras, onde o leitor se transporta para dentro da arte literária e começa a construir conceito, opiniões e atitudes críticas.

Para desenvolver o prazer pelos livros com os alunos, é essencial que o educador também seja um leitor, que tenha esse encantamento pela leitura e demonstre isso em suas aulas. O professor é um exemplo para o aluno em diversas situações e ao comentar sobre seus livros favoritos e demais assuntos, será uma

maneira de incentivar os adolescentes a buscarem suas preferências e a aprimorarem seus gostos literários.

E quando se trata de leitura na adolescência, é preciso lembrar que, nessa fase da vida, há um desejo de entender melhor a si próprio e as transformações que ocorrem nesse período de transição. As histórias precisam espelhar esses interesses, com um texto leve e que se aproxime da realidade do leitor. Se a leitura levar os adolescentes à reflexão e ajudar a assimilar as mudanças, com certeza ela se tornará prática constante e permanente em suas vidas.

No entanto, não é possível contribuir para formar novos leitores, quando não se é leitor, ou professor leitor. Antes de mais nada, há que ser um professor leitor. Nesse sentido, Ezequiel Theodoro da Silva, em *O professor Leitor* (SILVA. 2009, p. 28), texto pertencente a coletânea *Mediadores de Leitura*, enfatiza,

O professor lê e faz ler os seus alunos. O professor lê e provê conteúdo. O professor lê e prevê caminhos. O professor lê e se vê melhor nas suas caminhadas. O professor lê e se reconstrói nas experiências. O professor lê e se vitaliza incessantemente. (SILVA. 2009, p. 28),

Assim, penso que a formação de leitores deve ser uma tarefa de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Afinal de contas, formar leitores não é somente tarefa do professor de língua e literatura. É também daqueles que lutam por uma educação de melhor qualidade para todos.

A seguir, descrevo a metodologia utilizada na construção da intervenção.
A seguir, descrevo a metodologia e os procedimentos utilizados na construção da intervenção.

5 METODOLOGIA

A metodologia, de acordo com Fonseca (2002), é o caminho para se chegar a um determinado objetivo. Em que *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, ou seja, estudo da organização, dos instrumentos e caminhos que serão trilhados para se desenvolver uma pesquisa, ou estudo, ou até, para se produzir conhecimento. Contudo, antes de apresentar a metodologia empregada na intervenção, exibirei o contexto e os sujeitos da pesquisa.

5.1 Contexto da Intervenção

5.1.1 Município de Arroio Grande

O Município de Arroio Grande foi iniciado no ano de 1803, por Manuel Jerônimo, provavelmente Manuel Jerônimo de Sousa, avô do Barão de Mauá.

A população estimada do município no ano de 2018 era de 18.351 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁰. O mapa abaixo mostra a localização da cidade no mapa do Rio Grande do Sul.

Figura 1 - Mapa da cidade de Arroio Grande



;Fonte: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430130&search=rio-grande-do-sullarroio-grande>> acesso em 05 de agosto de 2019.

Aqui neste município há disponível para comunidade a Biblioteca Pública Municipal de Arroio Grande que, segundo a Secretaria Municipal de Cultura, tem por finalidade de “proporcionar a preservação da memória e do conhecimento, além de difundir e expandir cultura e sonhos aos moradores do município”, conforme o descrito

¹⁰ Dados sobre a população da cidade disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430130&search=rio-grande-do-sullarroio-grande> acesso em 05 de agosto de 2019.

na primeira edição do Informativo da Biblioteca, lançado em novembro de 2012. Oferece empréstimos de livros; consulta local de obras literárias; espaço para leitura; videoteca; espaço adaptado para crianças e acesso à internet gratuita para trabalhos e lazer.

É também no município de Arroio Grande, também conhecido como “Cidade Simpatia”, que está localizada a escola em que desenvolvi essa intervenção, a qual apresento a seguir.

5.1.2 Escola Campo de Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, está situada na Avenida da Saudade, número 433, no bairro Branco Araújo, no Município de Arroio Grande, no extremo sul do Rio Grande do Sul. Em 2018, esse Educandário contava com 383 alunos matriculados, e divididos nos turnos manhã e tarde, com o funcionamento da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental em ambos os turnos. Os sujeitos atendidos, em sua maioria, são de família de classe econômica médio-baixa.

Figura 2 – Escola campo de pesquisa



Fonte: <http://imprensaarroiogrande.blogspot.com/2014/10/15-anos.html> acesso em 30 de junho de 2018.

Analisando o Regimento Escolar (2004), encontrei algumas orientações sobre a leitura, uma delas trata sobre a Lei nº 9394/96 do Ensino Fundamental, apontando como objetivo dessa etapa a formação básica do cidadão, mediante o desenvolvimento da sua capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno

domínio da leitura, da escrita e do cálculo, nesse documento também me deparei com um dos requisitos básicos que o aluno deverá apresentar ao final do Ensino Fundamental, que é o de dominar a escrita, a leitura e a interpretação, o que fortalece a ideia primordial da minha intervenção.

A intervenção foi realizada com a devida autorização do educandário através da Carta de Apresentação da UNIPAMPA (Anexo II) e convite para os alunos participarem da pesquisa, os termos de consentimento e assentimento (Anexo I), todos assinados.

Dentre os ambientes da escola, descreverei apenas a biblioteca, para fins da intervenção. Esse ambiente, antes do sinistro¹¹ ocorrido em 2016, era utilizado pelas docentes e discentes para realização de atividades relacionadas à leitura. Após o ocorrido, ele foi improvisado no final de um dos corredores e não há mais privacidade e nem pode ser considerado um local adequado para as práticas pedagógicas que envolvam os alunos que precisam pesquisar ou simplesmente realizar um momento de leitura. A biblioteca está inserida dentro do educandário com a finalidade de induzir o conhecimento, por meio de uma ferramenta chave: a leitura.

Neste contexto, a intervenção foi desenvolvida neste educandário, mais precisamente, para a minha sala de aula, com a minha turma de 8º ano onde sou professora da disciplina de Português. A intervenção teve por objetivo geral incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart.

A seguir, descrevo os sujeitos envolvidos nesta intervenção.

5.1.3 Sujeitos da Intervenção

Como leciono com alunos de 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II da referida escola campo de pesquisa, inicialmente identifiquei que houvesse necessidade de delimitar o grupo pesquisado. Por este motivo, preferi apenas uma turma, haja vista, que trabalho com quatro turmas, sob minha responsabilidade, são aproximadamente cem estudantes, e este seria um número inviável para desenvolver esta pesquisa.

¹¹ Incêndio ocorrido no dia 20 de setembro de 2016 na Escola, destruindo prédios importantes do educandário, iniciado por causas desconhecidas.

Escolhi a turma de 8º ano do turno da manhã, pois o grupo é formado por adolescentes, faixa etária que gosto muito de trabalhar e também pela possibilidade de poder dar continuidade a esse trabalho no próximo ano.

. Minha intervenção pedagógica abrangeu 16 estudantes do Ensino Fundamental II, dentro das disciplinas de Português e Produção Textual, abrangendo alunos dentro da faixa etária em torno de 13 a 14 anos de idade, o grupo era formado por dez meninas e seis meninos.

Para manter o critério de preservar a identidade dos participantes, não os nomearei. Eles serão aqui representados pela palavra Aluno seguido de um número, como Aluno1, Aluno2, Aluno3 e assim por diante. Indico essa nomenclatura, neste caso, pois ao responder o questionário, os discentes não se identificaram.

A seguir, exponho os procedimentos metodológicos empregados na construção da intervenção.

5.2 Procedimentos Metodológicos

Esta é uma pesquisa intervenção de abordagem qualitativa. O aspecto qualitativo analisa, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), os dados obtidos diretamente pelo pesquisador, por meio do contato com a circunstância estudada e pela análise efetivada das informações que alcançou. Em relação a esta pesquisa, o fato de vivenciar cotidianamente as dificuldades de leitura dos estudantes, justifica esta abordagem. Será também um modo diferente de refletir sobre as minhas práticas de leitura com meus alunos, considerando a falta de interesse deles e partindo dessas reflexões, com base nas minhas leituras propor algo para modificar esta realidade.

Por pesquisas do tipo intervenção compreendo que são aquelas que de acordo com Damiani (2012), são realizadas com o fim de assessorar na resolução de problemas práticos. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador organiza sua prática de intervenção, aplica e em seguida pondera sobre os resultados alcançados.

A proposta teve como objetivo geral incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart; e justifica-se pela dificuldade em executar atividades relacionadas à leitura, e também pela aversão dos estudantes em se envolverem e participarem destas.

Os dados foram analisados a partir de um procedimento de análise temática de acordo com as ideias de Minayo (1993), centrando-se, inicialmente, em uma apreciação geral sobre a experiência pedagógica.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados as Cadernetas de Metacognição (DAMIANI, 2006) e o Diário de Campo. Ainda foram utilizados como instrumento de diagnóstico e de avaliação da intervenção, três questionários: o primeiro, com perguntas abertas, realizado com os professores das Áreas de Linguagem, o segundo com base em um questionário semiestruturado e o terceiro, baseado em um formulário de perguntas fechadas, esses os outros dois questionários foram realizados com os discentes.

O primeiro questionário¹², citado anteriormente, foi aplicado as seis docentes das Áreas de Linguagens da escola campo de pesquisa e possuía quatro questões dissertativas que tinham por objetivo verificar a percepção dos professores em relação à postura dos alunos/leitores nas atividades voltadas à leitura.

As respostas foram analisadas através dos recursos escritos das docentes e serviram para justificar a necessidade dessa intervenção, pois por intermédio dos dados levantados com as professoras, foi possível constatar que elas também enfrentam as mesmas angústias do que eu, pois seus os alunos também apresentam dificuldades nas atividades que envolvem a leitura na sala de aula e que precisam adquirir ou fortalecer o hábito de ler, devendo serem desafiados pela leitura.

O segundo questionário semiestruturado¹³ apliquei para os discentes composto por dez questões fechadas de múltipla escolha e duas questões abertas, referentes a leitura, com o objetivo de diagnosticar o perfil inicial dos alunos em relação à temática pesquisada, servindo para reforçar a necessidade dessa intervenção.

O terceiro questionário¹⁴ foi aplicado aos dezesseis estudantes que formavam a turma participante e possuía sete questões que tinham por objetivo conhecer a opinião dos estudantes sobre as ações desenvolvidas durante a intervenção, assim como de verificar se o objetivo geral proposto que era de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, havia sido alcançado.

¹² Apêndice I

¹³ Apêndice III

¹⁴ Apêndice IV

5.2.1 Cadernetas de Metacognição

No que diz respeito às Cadernetas de Metacognição que utilizei durante a intervenção, foram baseadas de acordo com as ideias Damiani (2006), sobre o exercício da metacognição que está relacionado à compreensão e controle da nossa própria aprendizagem.

A metacognição permite novas perspectivas para a investigação das diferenças individuais do rendimento, pois evidencia o papel pessoal na avaliação e na influência cognitiva, conforme à maneira como cada indivíduo age sobre seus próprios processos de aprendizagem. Conforme Ribeiro (2003), diz sobre o objetivo de estimular a metacognição,

[...] o professor possui toda a vantagem em multiplicar as situações abertas de investigação, as resoluções de problemas complexos no decurso dos quais o sujeito é levado a escolher entre várias alternativas e a antecipar as consequências desta escolha. Só este gênero de atividade pode dar ao aluno, sobretudo se tem dificuldades, oportunidade de conduzir de maneira refletida as suas próprias operações cognitivas (p.114).

É necessário destacar que, para aprender, é importante aprender como fazer para aprender e, neste sentido, a metacognição pode ser entendida como “a capacidade chave de que depende a aprendizagem” (RIBEIRO, 2003, p.115). A Metacognição é percebida como um processo que abrange a simultaneidade da tomada de consciência e do controle da própria cognição, o autocontrole (DAMIANI, 2006. p.3).

Segundo Damiani (2006), a proposta inicial da Caderneta de Metacognição é a de se trabalhar com a autorreflexão dos alunos com a intenção de identificar sobre o que e como estão aprendendo. Durante toda a Intervenção os alunos foram preenchendo suas Cadernetas de Metacognição, a qual se consistiu num pequeno caderno para registro entregue no início do projeto, a qual foi também utilizada como instrumento de reflexão sobre as ações realizadas.

As questões foram, por mim adaptadas considerando que o método da Caderneta de Metacognição de Damiani (2006)¹⁵, propunha três perguntas que servia como guia para a escrita: O que eu aprendi? Como eu aprendi? O que não entendi?

¹⁵ Caderneta de Metacognição de Damiani (2006), formada por três questões: O que eu aprendi? Como eu aprendi? O que não aprendi?

Para os discentes envolvidos nesta intervenção propus apenas duas questões, para que eles escrevessem as suas percepções sobre as temáticas abordadas e por consequência refletissem sobre seus registros. A cada ação finalizada os estudantes responderam às perguntas: “O que eu aprendi na aula de hoje?” e “O que eu gostaria de aprender?” Essa escrita foi desenvolvida e lida de maneira espontânea no encontro seguinte para o grupo.

Percebi que a Caderneta de Metacognição funcionou como um instrumento de supervisão, uma maneira de acompanhar os progressos do aluno. A Caderneta me possibilitou acompanhar o andamento do projeto através da visão dos alunos, por intermédio do registro sobre as questões que propus para orientar a escrita. Foi possível observar como cada um é um ser único em suas percepções, mesmo todos tendo participado da mesma ação, suas visões fixaram em pontos diferenciados dos momentos.

5. 2.2 Diário de Campo

Também utilizei como instrumento de coleta de dados, o meu Diário de Campo, no qual estavam registradas minhas observações (não-estruturadas) do que ocorreu nas aulas, durante a intervenção.

No que diz respeito ao Diário de Campo, este é utilizado pelo pesquisador para anotar cotidianamente suas percepções, registrando, em tempo real, maneiras, fatos e acontecimentos percebidos durante a intervenção. Conforme, Minayo (2007), no Diário de Campo podem ser anotados todos os episódios no transcorrer da pesquisa, ou seja, lembretes sobre conversas informais e sobre a temática da pesquisa. E através desse apontamento poderá se estabelecer afinidades entre as experiências da pesquisa e o suporte teórico recebido na universidade e/ou obtido pelo pesquisador, por seu próprio empenho.

Segundo Minayo (2014, p. 295) o Diário de Campo “nada mais é do que um caderninho de notas, em que o investigador, dia por dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista”. Neste, devem ser registradas todas as informações adquiridas através da observação, proporcionando dados para análise, como: casos ocorridos, expressões e até mesmo da ausência das falas dos discentes, impressões, condutas, até mesmo os gestos realizados pelos

participantes, isto é, todos os subsídios que podem ser aproveitados para análise dos dados.

5. 2.3 Questionário

Por questionário, de acordo com Gil (2002, p. 114), “entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado”. As perguntas, são previamente estabelecidas e formuladas pelo pesquisador, “devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 201).

De forma geral, o questionário é um instrumento de coleta de subsídios formado por um número grande ou pequeno de questões que tem a finalidade de oferecer determinadas informações ao pesquisador. Conforme, afirma Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Entre as vantagens, esse procedimento admite alcançar um amplo número de indivíduos e pode consentir o anonimato nas respostas.

Dessa maneira, ao edificar a intervenção, o passo inicial foi aplicar um questionário¹⁶ com os estudantes para identificar suas preferências de leitura, suas pretensões, se gostavam ou não de ler. No caso específico desta intervenção, optei pelo emprego do questionário com perguntas mistas para a definição do perfil geral de leitura dos alunos envolvidos com a pesquisa. As respostas me auxiliaram a conhecer melhor os estudantes acerca das vivências de leitura.

As perguntas desse questionário foram as seguintes: 1) Definição de leitura (Para mim, a leitura é, acima de tudo); 2) Qual é o tipo de suporte que tu utilizas com mais frequência?; 3) Neste ano, tu leste algum livro?; 4) Que tipo de livros lê; 5) Tu gostas de escrever?; 6) Se sim, sobre o que escreves?; 7) Conheces, pessoalmente, algum autor de livro?; 8) Se sim, quais autores conheces?; 9) Já pensaste em escrever algum livro?

O questionário foi aplicado aos dezesseis estudantes que compunham a turma do 8º ano da EMEF Presidente João Goulart, no período de 01 a 05 de outubro de 2018. E partindo dos resultados aí adquiridos, foi possível edificar a intervenção,

¹⁶ Apêndice III

buscando atender as expectativas manifestadas pelos alunos e os desafios do professor a fim de atuar na formação de leitores.

Organizei a intervenção com oito ações, que ocorreram entre os dias 12 a 29 de novembro de 2018, na primeira ação, no dia 12 de novembro fiz uma Roda de Conversa com os alunos a fim de apresentar o projeto e neste dia ainda exibi um vídeo, “ A menina que odiava livros” da autora Manjusha Pawagi, para motivar aproximar os discentes da leitura. No dia 13 de novembro, organizei uma Roda de Conversa com o Prof. Me. Ivan Nunes Gonçalves, sobre a importância da leitura e também contando sua trajetória como autor de livros, com o objetivo de motivar e aproximar os discentes da leitura.

A terceira ação foi desenvolvida no dia 19 de novembro, com o objetivo de identificar a biblioteca como espaço de informação e lazer, neste dia levei os alunos até a Biblioteca Pública Municipal, lá eles puderam buscar informações com a bibliotecária e sua equipe sobre o funcionamento daquele local e observaram o acervo disponível, escolhendo um livro de sua preferência para levar emprestado, também realizaram uma Roda de Leitura, desfrutando do prazer da leitura naquele espaço.

Já na quarta e quinta ação, ocorridas nos dias 20 e 22 de novembro, respectivamente, com o objetivo de motivar e aproximar os discentes da leitura, realizei Rodas de Leitura na escola para que os estudantes lessem os livros selecionados na Biblioteca Municipal.

Na sexta ação, ocorrida no dia 26 de novembro, com o objetivo de motivar e aproximar os discentes da leitura; organizei a Roda de Leitura para apresentação final da leitura do livro escolhido anteriormente para o restante da turma, onde os discentes seguiram um roteiro pré-estabelecido de como apresentar a obra, tais como explorar os dados catalográficos aprendidos; o gênero (narrativo, HQ, poemas...). O que conta o texto ou suas principais ideias; se há imagens (mostrar). Que parte do livro mais gostou, se o livro correspondeu às expectativas iniciais ao pegá-lo? Indicando também se era recomenda ou não a leitura a todos ou a alguém da sala. Com duração máxima de cinco minutos, com o objeto de motivar e aproximar os discentes da leitura.

No dia 27 de novembro realizamos uma visita à Biblioteca e às dependências da Unipampa/Campus Jaguarão, na oportunidade, os estudantes receberam informações da equipe de bibliotecários sobre o funcionamento da biblioteca e também receberam sugestões de leituras infanto-juvenis e a apresentação do acervo

à disposição. Assim como, puderam realizar uma Roda de Leitura com os livros selecionados lá e desfrutaram de um momento de lazer através da leitura.

Na oitava e última ação desta intervenção, realizada no dia 29 de novembro, realizei uma Roda de Conversa e apliquei um questionário para avaliar a interação dos estudantes durante o projeto. Para melhor elucidar essas ações, a seguir, exibo o cronograma de ações da intervenção.

Quadro 1 – Cronograma

Encontro	Objetivos	Descrição das Ações
1º- 12/11/2018	Motivar e aproximar os discentes da leitura;	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Roda de Conversa para apresentar o Projeto e combinar os detalhes dos encontros com o grupo; ➔ Apresentação do vídeo “A menina que odiava livros”; https://www.youtube.com/watch?v=geQl2cZxR7Q;
2º- 13/11/2018	Motivar e aproximar os discentes da leitura;	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Roda de Conversa com o Prof. Me. Ivan Nunes Gonçalves, sobre a “Importância da Leitura” e contando sua trajetória como autor de livros;
3º- 19/11/2018	Identificar a biblioteca como espaço de informação e lazer;	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Visita à Biblioteca Pública Municipal; ➔ Cadastro no sistema da Biblioteca Municipal; ➔ Orientação sobre a postura de leitor no ambiente da biblioteca e sugestões de leituras infanto-juvenis e apresentação do acervo a cargo da bibliotecária Virgínia Borges; ➔ Encontrando a sua leitura, ou seja, escolher um livro de sua preferência para levar emprestado ou ler no momento da visita à Biblioteca; ➔ Roda de Leitura;
4º- 20/11/2018	Motivar e aproximar os discentes da leitura;	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Realização de Roda de Leitura dos livros selecionados na Biblioteca Municipal pelos discentes.
5º- 22/11/2018	Motivar e aproximar os discentes da leitura;	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Realização de Roda de Leitura dos livros selecionados na Biblioteca Municipal pelos discentes.
6º- 26/11/2018	Motivar e aproximar os discentes da leitura;	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Apresentação do livro escolhido anteriormente para o restante da turma, onde os discentes seguiram um roteiro pré-estabelecido de como apresentar a obra, tais como explorar os dados catalográficos aprendidos; o gênero (narrativo, HQ, poemas...). O que conta o texto ou suas principais ideias; se há imagens (mostrar). Que parte do livro mais gostou, se o livro correspondeu às expectativas iniciais ao pegá-lo? Indicando também se era recomenda ou não a leitura a todos ou a alguém da sala. Com duração máxima de cinco minutos; ➔ Roda de Leitura;
7º- 27/11/2018	Identificar a biblioteca como espaço de informação e lazer;	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Visita à Biblioteca e às dependências da Unipampa; ➔ Sugestões de leituras infanto-juvenis e apresentação do acervo a cargo da bibliotecária da Unipampa; ➔ Roda de Leitura;

8º- 29/11/2018	Avaliar a interação dos estudantes durante o projeto.	→ Roda de Conversa e aplicação de questionário para avaliar a interação dos estudantes durante o projeto;
----------------	---	---

No capítulo a seguir, exibirei os relatos das ações da intervenção, bem como sua análise.

6 DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DAS AÇÕES

Neste capítulo, as ações serão expostas e analisadas de maneira individual conforme o desenvolvimento do cronograma exibido no item anterior. Cabe destacar aqui, que a intervenção foi edificada com ações voltadas para aproximar o aluno do ato de ler, com o objetivo principal de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart.

As análises serão efetivadas considerando as ideias dos autores como Freire (2003), Esteban (2002), Kleiman (2000), Silva (1987), *Antunes (2003)*, *Bakhtin (2000)*, Lois (2010), Zilbermann (2003), Solé (1998), Lajolo (2003), Gómez (1998) Foucambert (1994), Matos e Silva (2006), entre outros que destacam a relevância de se formar leitores.

As ações que desenvolvi nasceram a partir de observações realizadas em livros, internet e também através de sugestões que obtive dos estudantes através da aplicação de um questionário para verificar o nível inicial de leitura dos alunos e por intermédio da Roda de Conversa com os próprios participantes, dessa maneira foi se configurando esta intervenção.

A escolha dos livros que os estudantes utilizaram nas Rodas de Leitura e as duas bibliotecas que foram visitadas no decorrer das ações, ocorreram considerando as sugestões dos alunos, uma vez que eles eram os principais personagens desta intervenção, as demais atividades ocorreram considerando minhas leituras, como a ação das Rodas de Leitura e das Rodas de Conversas.

A seguir, exponho e analiso as ações da intervenção.

6.1. Primeira Ação – A organização da proposta de intervenção

Os adolescentes são movidos por um interesse natural por desafios, ao chegarem na escola, já apresentam essa capacidade desafiadora. Como sou

professora de Português, preciso constantemente propor atividades que envolvam e estimulem à leitura em sala de aula.

E para o êxito dessas atividades é necessário que o adolescente perceba a sala de aula como um espaço de interação e troca de conhecimentos, conferindo sentidos aos conteúdos que são compartilhados no seu dia-a-dia escolar, associando-os com suas experiências, uma vez que segundo Esteban o ambiente escolar é um espaço plural que “deve criar condições para a interpretação das experiências múltiplas que os sujeitos trazem”, assim, será beneficiada “a apropriação das interpretações e conhecimentos que se mostrem necessários”. (ESTEBAN, 2002, p. 133)

Dei início as ações da intervenção no dia doze de novembro do ano de dois mil e dezoito, na escola Presidente João Goulart, na turma de 8º ano, com os meus dezesseis alunos. Quando estes entraram na sala de aula, pedi para que organizassem as mesas e as cadeiras formando um círculo, informei que estaríamos realizando uma Roda de Conversa.

E assim, comecei explicando para eles a proposta da intervenção. Propus explorarmos o livro e a leitura de uma maneira diferente do que já fazíamos, pois ao realizarmos as atividades em sala de aula, utilizávamos a leitura de pequenos textos para dar suporte as tarefas. E para esta intervenção a sugestão era de termos um tempo mais significativo para os momentos de leitura.

Apresentei para os estudantes os benefícios que um bom livro traz ao leitor, como a produção de conhecimento e o potencial criativo, de hipóteses de leitura e as possibilidades de alteridade mobilizadas por um texto ficcional, possibilitando que o discente passe a raciocinar sobre o objeto lido. Embasada nas ideias de Solé (1998), a qual diz que

[...]ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição. (SOLÉ, 1998, p. 51)

Desta maneira, sugeri um desafio para estimular o contato com a leitura aos alunos do 8º ano. Nessa primeira ação, combinei que deveriam encontrar um livro que fosse especial para eles, algo que ainda não tivessem lido, e que de alguma maneira, chamasse a atenção dos estudantes, seja pelas ilustrações, pelo título ou até pelo número de páginas, acertei com o grupo que nessa primeira escolha deixaria a turma

bem livre em relação aos seus critérios de escolha, e que em um segundo momento, caso houvesse necessidade, como por exemplo um livro que não correspondesse a faixa etária dos estudantes, iria interferir orientando uma nova opção de livro.

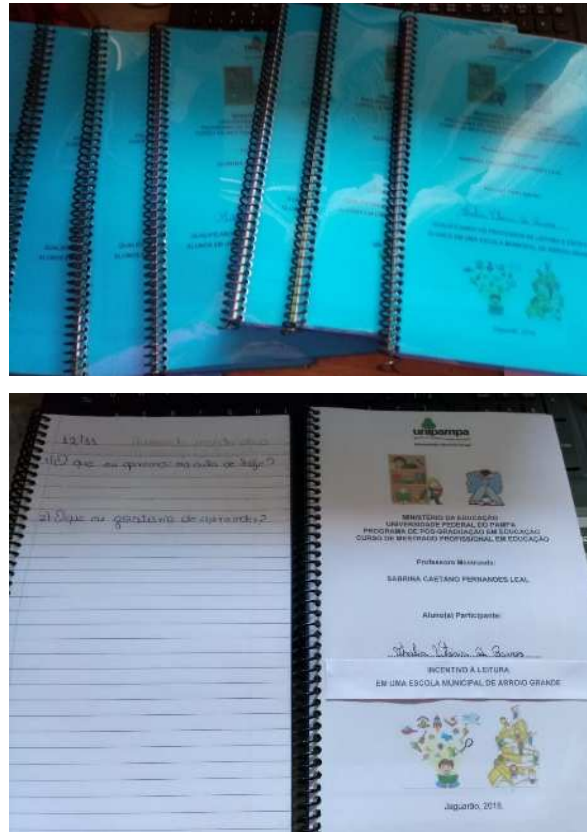
Logo, perguntei aos alunos quais seriam as suas sugestões, de imediato pensaram na possibilidade de visitar biblioteca, para que eles tivessem acesso a livros diferentes para compartilhá-los nas aulas, pois “consagrar a sala de aula como um espaço que promove alguns raros prazeres, como compartilhar uma boa leitura, é um bom começo para enredar o estudante numa rotina prazerosa e de estreitar seus vínculos com a leitura.” (LOIS, 2010, p. 84).

Neste momento expliquei ao grupo sobre a Caderneta de Metacognição, disse a eles que a usaríamos para refletir sobre as ações da intervenção realizadas no dia. Para isso, mostrei aos estudantes que era um pequeno caderno que seria entregue a eles com duas perguntas, “O que eu aprendi na aula de hoje?” e “O que eu gostaria de ter aprendido?”.

Expliquei para que ao final da primeira interventiva, eles estariam escrevendo as suas percepções sobre as temáticas abordadas, as quais foram sobre a leitura e sua importância na vida dos indivíduos, e logo após iríamos apresentar os seus registros aos demais colegas. Disse que essas duas questões serviram para nortear a escrita da Caderneta, dessa forma os estudantes eram desafiados a refletir criticamente sobre o que haviam aprendido ou não durante cada ação.

Expliquei também que essa escrita, durante as próximas ações, seria efetuada em casa e lida de maneira espontânea na ação seguinte para o grupo. Esclareci que era um instrumento de autoavaliação, por parte dos estudantes e por parte da professora, uma maneira de acompanhar os seus progressos, possibilitando sondar se eles estavam aprendendo o que lhes era ensinado e que nem todos precisariam ler todos os dias. Mas que era necessária a ação de ler a Caderneta, pois também era uma maneira de estarem em contato com a leitura.

Figuras 3 e 4: Algumas das Cadernetas de Metacognição



Fonte: Material da pesquisadora

Nas Cadernetas prevaleceram a escrita reflexiva, destacada por Oliveira (1995, p. 154) em que “o sujeito pode refletir e construir conhecimento explícito e a consciência Metacognitiva, pela possibilidade de verificação do discurso escrito enquanto produto de pensamento, de objetivação da experiência pessoal”.

Deste modo, ainda neste dia, doze de novembro, levei os alunos para a sala de informática e apresentei uma animação, que é uma adaptação dos livros dos autores Manjusha Pawagi e Jeanne Franson em formato de vídeo “A menina que odiava os livros”, um curta metragem de incentivo à leitura, com duração de sete minutos e vinte segundos, acessado neste dia na sala de informática da escola pelo endereço: https://www.youtube.com/watch?v=mvekE_X3IjM.

Figura 5: Imagem inicial da do curta metragem



Fonte: Material da pesquisadora

O curta traz a história de Meena, uma menina que odiava os livros. Porém ela não conseguia ficar distante deles, pois em sua residência eles estavam por todos os cantos: nos armários da cozinha, nas gavetas, nas mesas, nos guarda-roupas e nas cômodas. Encontravam-se também sobre o sofá, alguns empilhados na banheira e outros nas cadeiras.

No entanto um dia o gatinho da garota derrubou uma pilha de livros. E assim, as páginas dos livros, foram abertas pela primeira vez, libertaram as personagens e animais dos livros, que invadiram a sala da menina, promovendo uma enorme bagunça. Esse evento mágico fez Meena viajar pelo fantástico mundo da leitura, pois ela precisou ler todos os livros para que as personagens voltassem para as suas histórias de origem. Esta animação tem o propósito de reforçar a importância do ato de ler na vida do indivíduo.

Figura 6: Alunos assistindo o curta metragem



Fonte: Material da pesquisadora

Optei por apresentar este vídeo, pois percebo que na prática diária da sala de aula, o educador necessita buscar formas distintas de trabalhar para tornar as atividades de leitura deleitosas para os estudantes. Dessa maneira, conforme Neves (1988), o educador ao exibir o que será lido por meio de um texto, uma fotografia ou vídeo tem a finalidade de auxiliar os estudantes na interpretação. Assim sendo, compete ao docente no trabalho com a leitura, conforme Neves,

[...] aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em movimento, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia-a-dia (NEVES, 1998, p.14).

De tal modo, havia planejado para os alunos assistirem esse curta metragem de aproximadamente oito minutos. Após assistirem o vídeo, solicitei aos estudantes que retornássemos à posição circular, agora na sala de informática, para dar continuidade a Roda de Conversa, para dialogarmos sobre as ideias da animação assistida e naquele momento poderiam contribuir com sugestões de atividades para serem desenvolvidas durante a intervenção.

Para isso, preparei um roteiro mobilizador para esse diálogo no início das ações, porque os alunos não estão acostumados a exporem suas percepções na escola. Precisei ativar a percepção a partir de questionamentos como: Como é visto a influência dos livros na vida das pessoas; qual a relação da história do vídeo com as experiências dos estudantes; quem já havia lido algum livro naquele ano; entre outros.

Após a aula, fiz alguns registros em meu Diário de Campo sobre algumas percepções sobre essa atividade.

Percebi uma certa insegurança em falar, por parte dos alunos para a atividade proposta, pois deveria ser um momento para expressarem-se com facilidade, já que somente precisariam falar sobre o que haviam assistido no vídeo. Senti que os estudantes estavam acanhados. Encorajei-os a começarem o diálogo, indicando um dos alunos para dar início. Observei que depois que o primeiro aluno começou a falar, a Roda de Conversa fluiu melhor. (Diário de Campo – 12/11/2018)

As abordagens de Paulo Freire (2005) defendem a valorização do diálogo como um grande instrumento na constituição dos sujeitos. E para perceber melhor essa prática dialógica, Freire afirma que

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Dessa maneira, quanto mais o docente observar a dimensão do diálogo como atividade importante em suas aulas, mais significativos serão os avanços que estarão sendo conquistados em relação aos discentes, porque assim, os alunos irão se sentir mais curiosos e mobilizados para modificarem a realidade. Quando o docente age neste aspecto, ele não é visto somente como um transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, um sujeito capaz de articular as vivências dos estudantes com o mundo, conduzindo-os a uma reflexão sobre seu entorno.

Conforme fui solicitando aos alunos para contribuírem com suas falas, houve uma discussão bem proveitosa sobre a influência dos livros na vida das pessoas, os estudantes relacionaram a história do vídeo a suas próprias experiências. Um dos alunos comentou que assim como a personagem do vídeo, também ganhava muitos livros de presentes, que não sentia a necessidade de realizar a leitura deles.

Em contra partida, outro aluno compartilhou com o grupo que até achava interessante a ideia de realizar leitura de vários livros, como no vídeo assistido, mas que afirmava não ter tempo disponível para concretizar essa ideia. Então, perguntei aos participantes, sobre quem já havia lido algum livro naquele ano. Todos responderam, que não haviam realizado leitura de nenhum livro. Esse fato, reforçou a inda mais a necessidade dessa intervenção.

Os alunos, também pontuaram alguns comentários que me chamaram a atenção, os quais considerei necessário registrar no meu Diário de Campo. E foram esses: “Também me sinto como essa menina, perdida em meio a tantos livros.” – falou a Aluna1 – Questionei-a sobre qual momento ela sentia-se dessa maneira e a que tipos de livros se referia. Ela prontamente respondeu: – “Os livros que me refiro são os livros didáticos, pois vários professores utilizam e solicitam muitas leituras de conteúdos que sempre são avaliados em provas.”

Expliquei à estudante que a leitura dos livros didáticos e o domínio da linguagem, servem para facilitar a assimilação do conhecimento necessário às disciplinas estudadas em sala de aula. Sobre isso, Lajolo (1999) defende que a leitura vai além de um instrumento escolar, compare o ato de ler a um passe livre para a entrada na cultura escrita, no entanto, não se atinge uma cidadania plena sem o uso da leitura e a ação de ler na sala de aula é uma maneira de inserir-se sociedade letrada.

A leitura envolve o domínio de um conjunto de aprendizados culturais que estabelecem uma abrangência de mundo diferente daquele dos que não têm acesso ao ato de ler. Ela tem um papel tão expressivo na coletividade que podemos dizer que cria novas identidades, novas maneiras de inserção social.

Já a Aluna3 falou: – “Se fosse comigo, não iria abrir os livros.” – Perguntei a ela o motivo dessa atitude. Ela logo explicou que não gostava de ler, e que considerava chato e cansativo o momento da leitura.

Disse à Aluna3 que a leitura está presente em todos os momentos de nossas vidas e que após sermos alfabetizados acabamos lendo as placas e letreiros da rua, mesmo sem fazer esforço ou querer ler, expliquei que uma vez que aprendemos a ler, não perdemos mais essa capacidade. Sobre isso, Freire (2003), afirma que a leitura está presente desde que nascemos,

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados. (FREIRE, 2003, p.5-6)

Como estamos inseridos no mundo do conhecimento, assinalado pela circulação na sociedade de uma ampla e diversificada quantidade de informações, a competência de ler e de interpretar textos em múltiplas linguagens é indispensável, pois sem ela torna-se mais difícil ter acesso às informações que circulam de maneira escrita e, sobretudo, propor afinidades entre aquelas que já estão ao nosso alcance.

Em contrapartida o Aluno5, ponderou que: – “Como a leitura é importante, só lendo para revolver os problemas que enfrentamos diariamente.” – Então, quis saber sobre qual momento ele se referia em relação ao vídeo. Ele respondeu que falava sobre a cena que a menina precisou ler todos os livros para os personagens voltarem a suas histórias de origem, ele considerou que os livros servem para apontar

caminhos, e que quando ele lê, se sente encorajado, pois se identifica com as histórias que lê.

Figura 7: Roda de Conversa



Fonte: Material da pesquisadora

Sobre isso, explanei que a interação entre o livro e o sujeito, traz inúmeros benefícios, entre eles, a produção de conhecimento, conforme aponta Kleiman (2000). Os estudantes continuaram discorrendo sobre o curta metragem, perguntei se estavam dispostos a participarem do desafio de leitura. Logo, mostraram-se interessados em saber como seria. Retomei a explicação inicial, sobre os estudantes lerem um livro durante a intervenção.

Os estudantes concordaram em participar dessa proposta. Expliquei que aos poucos iríamos nos aproximar da leitura e do livro. Que através das ações desenvolvidas estaria oportunizando momentos da aula para dedicarmos a ação de ler. E assim, construirmos uma maneira para estimular o hábito de leitura da turma.

Solicitei que sugerissem ações para que pudéssemos alcançar o objetivo principal dessa intervenção, o de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart. Os discentes enumeraram algumas ações, que registrei em meu Diário de Campo, como: “Poderíamos visitar outras bibliotecas.” - falou o Aluno7 – “Acho que precisamos conhecer a Biblioteca Municipal.” – falou o Aluno10 – “Seria bom se também visitássemos a Biblioteca onde a professora faz o Mestrado.” – Falou o Aluno15 – “Poderíamos realizar momentos de leitura para os alunos dos anos iniciais.” – Aluno12.

Dessas sugestões, as três primeiras fizeram parte do cronograma de ações da intervenção, enquanto que sobre a ação pontuada pelo Aluno12 expliquei ao grupo

que não teríamos tempo hábil para organizarmos algo significativo para as crianças dos anos iniciais, pois primeiro teríamos que sermos leitores competentes para depois formarmos ou despertarmos o prazer da leitura em novos leitores. Considerei que os alunos são participantes atuantes, e que estimular a sua participação através das sugestões desenvolve noção de cidadania e democracia, conforme defende Pérez Gómez (1998)

[...]facilitar e estimular a participação ativa e crítica dos alunos/as nas diferentes tarefas que se desenvolvem na aula e que constituem modo de viver da comunidade democrática de aprendizagem. (PÉREZ GÓMEZ, 1998, p.26)

Este foi o passo inicial dado no processo da formação de leitores em minha sala de aula, no primeiro dia da intervenção, pois acredito que a leitura de qualidade nos encaminha para um futuro melhor. De acordo com o que Lajolo (2003) comenta sobre Paulo Freire dizendo

Para Paulo Freire, leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E para que a leitura desempenhe esse papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se lê façam sentido para quem está lendo. Ler, assim, para Paulo Freire, é uma forma de estar no mundo (LAJOLO, 2003. p.5).

Segundo Paulo Freire (2003) afirma que leitura adequada é aquela que nos empurra para a vida, que nos conduz para dentro do mundo que nos proporciona viver. E para que a leitura exerça esse papel, é importante que a ação de ler e o assunto lido seja significativo para quem está lendo. Para Paulo Freire (2003), ler é uma maneira de estar no mundo.

Também observei as Cadernetas de Metacognição dos estudantes, verifiquei que embora todos os alunos estivessem participando da mesma ação neste dia suas percepções eram diferentes uns dos outros, conforme apresento no decorrer do texto. Em atividades que envolvam a leitura e a produção do sentido, segundo Koch & Elias (2006), o leitor emprega inúmeras estratégias sociocognitivas.

Assegurar que o processamento textual é estratégico, sugere a hipótese de que o leitor, a procura da compreensão, adota diferentes atitudes dirigidas, efetivas, eficientes, flexíveis e rápidas perante um texto. Na mesma perspectiva de Koch e Elias (2006), dois estudantes registraram, em suas Cadernetas. Destaco alguns excertos sobre a primeira ação.

- Aprendi que devemos experimentar coisas novas e que não podemos julgar algo sem conhecer. (Aluno1)

-Aprendi que antes de dizer que não gostamos de algo, precisamos experimentar antes. (Aluno6)

Falei aos estudantes que a reação de não gostar de algo, porque é novo, diferente do habitual realizado, sem ter a oportunidade de experimentar antes, quase sempre provoca um desconforto como o que estava ocorrendo na sala de aula e acaba na maioria das vezes, dificultando o desenvolvimento das atividades propostas voltadas à leitura, ocasionando um baixo índice nas pesquisas referentes à leitura. Isto é confirmado pelos dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) de 2006, em que aponta a baixa do índice de leitura Brasil, apresentando uma queda de dez pontos (393) comparado ao ano de 2003, quando obteve 403 pontos. De acordo com a informação a respeito da avaliação do PISA, divulgada no Portal de Notícias da Globo,

A situação é crítica para o país na avaliação da leitura: o Brasil se encontra no grupo de países que têm mais de 50% dos estudantes com dificuldades para usar a leitura como ferramenta para obter conhecimento em outras áreas. (JARDON, 2008, p.1)

Os discentes precisam, deste modo, para aprender significativamente, desenvolver habilidades de leitura, compreender e interpretar rapidamente informações, resolver problemas, tomar decisões, dentre outros pontos. É imprescindível promover a leitura como a forma de estimular o pensamento e desenvolvimento de habilidades mentais

Afinal, a formação de um leitor necessita valer-se de experiências ordenadas de leitura carregadas de sentido, significados que colaborem para o ser/estar no mundo. Necessita abranger práticas sociais, nas quais o sujeito perceba a necessidade de ler. Deve, até mesmo, fazer do ato de ler uma ocasião de assimilação de saberes, de conhecimento de si e do mundo, e, sempre que possível, até uma ocasião de bem-estar.

O Aluno3 registrou em sua Caderneta: - Olhamos um vídeo sobre a menina que não gostava de ler até o momento que todos os personagens saíram das páginas dos livros e ela teve que ler para fazer os mesmos voltarem aos seus livros. (Aluno3)

Falei ao estudante que a leitura é fundamental em nossas vidas e que esta atividade vai além de simplesmente decodificar códigos e símbolos, é necessário a

compreensão do que se lê e a troca entre as expectativas e conhecimentos prévios do leitor. Sobre isso afirma Matos e Silva (2006),

Ler é muito mais que simplesmente decifrar símbolos. É um ato que requer um intercâmbio constante entre texto e leitor e envolve um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto – quer seja ele verbal ou não verbal – a partir dos objetivos do leitor, do seu conhecimento sobre o assunto, de tudo o que sabe sobre a linguagem. (MATOS e SANTOS, 2006, p.62)

Já no livro *Estratégias de Leitura*, Isabel Solé aponta a leitura em um aspecto interativo, sobre isso ela aponta que,

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias. (SOLÉ, 1998, p.23)

O Aluno4 também registrou em sua Caderneta: - Aprendi um pouco da importância da leitura na vida das pessoas, também aprendi que o incentivo dos pais ajuda bastante para o jovem a se tornar um futuro leitor. E também é importante encontrar a nossa leitura ideal. (Aluno4)

Disse que também concordava com as falas do estudante e sugeri à turma que todos deveriam se esforçar para encontrar suas leituras favoritas e assim facilitar a aquisição do hábito de leitura. Ainda sobre isso Koch e Elias, destacam que: “a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (2006, p. 11). Expliquei também que é imprescindível que o professor proporcione novas tarefas, procurando o aprimoramento e atualização dos conhecimentos aplicados à leitura e, especialmente, fazendo reflexões sobre a definição do ato de ler.

Possibilitando que os estudantes possam ser estimulados não somente a observar um livro pela capa, quantidade de páginas ou ilustrações neles contidos, mas que permita que fiquem curiosos para começarem a primeira leitura.

A seguir, exibirei o desenvolvimento e análise da segunda ação da intervenção.

6.2. Segunda Ação – Roda de Conversa com o escritor

O segundo dia de intervenção ocorreu em treze de novembro de 2018, comecei pedindo aos alunos que organizassem as mesas e cadeiras em formato de círculo, expliquei ao grupo que naquele encontro estariam recebendo o autor Prof. Me. Ivan Nunes Gonçalves¹ que já havia lançado vários livros como: *O menino que brincava com as palavras* (Figura 8); *A poesia do brinquedo* (Figura 9); *Tempo de criança* (Figura 10); *A poesia na educação* (Figura 11) e *Coisas de Criança* (Figura 12). Perguntei aos participantes se conheciam algum desses livros. Um dos alunos informou que fez um desenho para um dos livros do autor. Que havia gostado muito de ter participado.

Figura 8

Figura 9

Figura 10



Figura 11

Figura 12



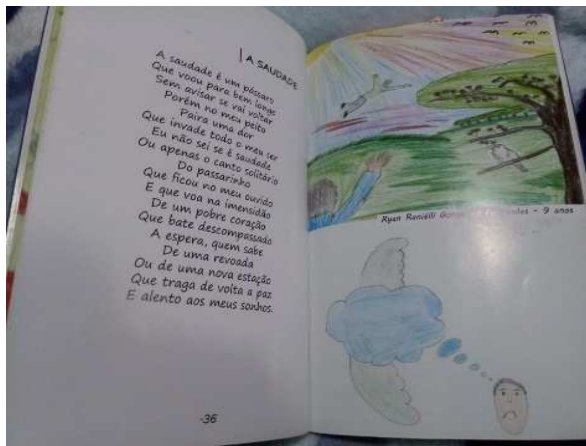
Fonte: Material da pesquisadora

Questionei se esse aluno sabia sobre o assunto do livro, ele respondeu, que sim, que sabia que era um livro de poesias sobre vários assuntos, disse ainda, que havia realizado um desenho no primeiro livro, *O menino que brincava com as palavras*. Mostrei aos demais alunos

o texto e a ilustração que o colega afirmou ter feito no livro. Os demais colegas comentaram que era uma ideia interessante, que também gostariam de participar de um livro.

Então aproveitei para explicar para a turma que os livros do escritor em sua maioria eram de poesias voltadas ao público infanto-juvenil. E que este autor costumava realizar esse tipo de atividade sempre que escreve seus poemas para lançar um livro, ele distribui nas escolas do município para que os alunos também possam fazer parte. Pedi ao grupo que ouvissem com atenção as falas do autor para que pudessem perceber a grande importância que a leitura tem na vida dele.

Figura 13: Ilustração do aluno



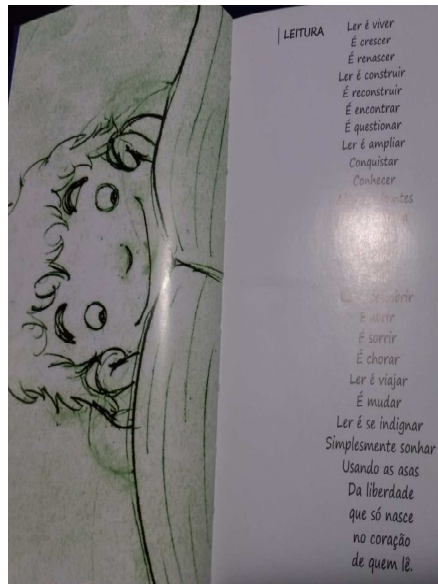
Fonte: Material da pesquisadora

O objetivo da segunda ação era o de motivar e aproximar os discentes da leitura, sobre isso Silva (1987, p. 43), aponta como um dos propósitos básicos para essa aproximação com a leitura é “[...] a compreensão dos horizontes inscritos por um certo autor em uma determinada obra”. E essa relação com o texto, seja ele de qualquer natureza, pode acarretar mudanças significativas no futuro leitor, descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser. É também momento de aprendizado conectado à diversão e prazer.

No momento que o autor começou a Roda de Conversa com os estudantes, realizou uma breve apresentação sobre o seu trabalho, apresentou os livros que já havia lançado, explicando aos alunos que cada livro era diferente, pois a cada lançamento ele aprendia um detalhe novo para agregar ao próximo livro. Explicou para a turma que além de escritor, também era professor e que já havia ganhado algumas premiações através da leitura. O escritor leu uma das suas poesias para os alunos, cujo título era *Leitura*, do seu

primeiro livro lançado: *Menino que brincava com as Palavras* (2014). A poesia aborda o ato de ler comparando-o a ação de viver, de ampliar horizontes.

Figura 14: Poesia - Leitura



Fonte: Material da pesquisadora

O autor continuou explanando sobre seu interesse inicial pela leitura, de como ele havia chegado nessa etapa de escrever fluentemente a ponto de lançar diversos títulos. Contou aos alunos como começou sua identificação com a leitura, explicou que enquanto aluno, se identificou com essa temática, pois sentiu necessidade de aprender a ler para obter boas notas na disciplina de Português que na época enfrentava dificuldades. Falou que o hábito de ler é uma atividade importante que deve ser cultivado, que cada indivíduo precisa encontrar sua afinidade com o livro.

De acordo com o que registrei no meu Diário de Campo, constatei o entusiasmo e atenção que os alunos ouviram o escritor, questionando-o sobre a sua trajetória com a leitura. Os alunos ficaram interessados quando o autor sugeriu que cada um deveria encontrar seu perfil ideal de leitura. Conforme apresenta a Figura 15.

Figura 15: Roda de Conversa



Fonte: Material da pesquisadora

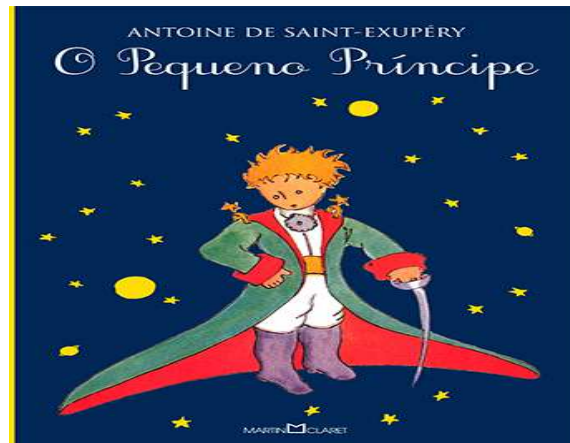
Destaco algumas perguntas dos estudantes registradas no meu Diário, dirigidas ao escritor, assim como as suas respostas.

- Lembra qual foi a reação de ter realizado a leitura do primeiro livro? (Aluno11); sobre essa questão o autor respondeu: - Quando conclui a leitura dos primeiros livros, foi uma sensação de vitória, entendi que poderia ler e também decidi que queria ler mais livros. Foi então que percebi que através dos livros podia conhecer e saber de assuntos que ainda não tinha contato anteriormente. - Esclareceu o autor.

- Que tipo de livro poderias recomendar para a turma ler? (Aluno13);

- Um dos livros que gosto muito, é o Pequeno Príncipe, esta obra literária é do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, que conta a história da amizade entre um homem frustrado por ninguém compreender os seus desenhos, com um príncipezinho que habita um asteroide no espaço. Inclusive já li várias vezes, e por isso recomendo, pois cada vez que faço uma releitura desse texto percebo uma informação nova. A história sempre se renova a cada leitura. – Falou o escritor.

Figura 16: Livro recomendado pelo autor

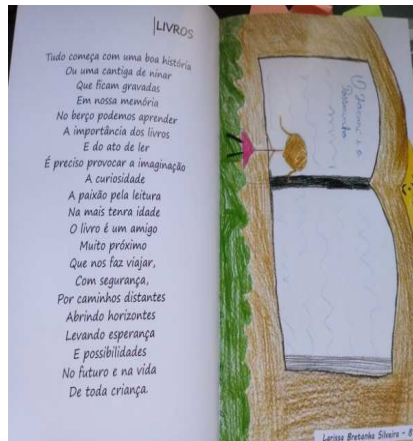


Fonte: Material da pesquisadora

- Como tu resolveste ser escritor de livros? (Aluno15); - Quando comecei a fazer leituras de vários livros, comecei a perceber que poderia também escrever as minhas próprias histórias. Então, comecei a escrever pequenas poesias e fui juntando-as. Meu primeiro livro foi “O menino que brincava com as palavras”, neste eu era o menino do título, pois através do livro estava brincando com as letras, formando palavras e textos. Isto foi uma realização pessoal muito grande, um sonho realizado. – Disse o autor aos estudantes.

O escritor finalizou a Roda de Conversa com os alunos, lendo para eles duas de suas poesias; a primeira cujo título era *Livros*, com a temática voltada para os encantos que os livros trazem a quem faz uso deles, pertencente ao seu primeiro livro lançado: *Menino que brincava com as Palavras (2014)*, antes de começar a ler o texto, o autor apresentou a imagem que ilustrava a escrita, explicando à turma que sempre que escreve livros voltados ao público infanto-juvenil, fazia um chamamento nas escolas da cidade, estaduais, municipais e particulares, convidando os alunos a contribuírem com as ilustrações para os textos e durante essa conversa já fazendo um convite para que os participantes dessa intervenção possam ilustrarem os futuros livros lançados. Segundo exhibe a Figura 17.

Figura 17: Poesia- Livros



Fonte: Material da pesquisadora

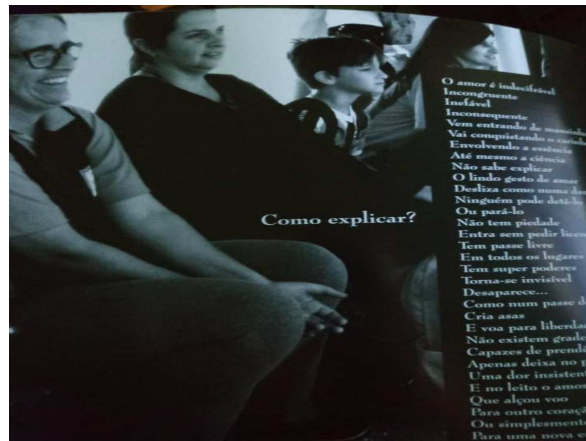
Percebi que os alunos apreciaram muito essa ação, porém observei que apesar do livro do autor circular na escola, nem todos os estudantes tiveram acesso à leitura desse material, notei que deveria ter proposto como uma das ações, antes da Roda de Conversa com o escritor, a tarefa de ler um dos seus trabalhos para que tivessem mais propriedade para a Roda.

Precisaria ter aprofundado os conhecimentos dos estudantes em torno das leituras desse autor, possibilitando um espaço sistemático de convivência e de relacionamento entre leitores e os livros, compartilhando e explorando os detalhes das obras e da biografia do escritor, porque isso haveria de permitir que a turma observasse e apreciasse alguns elementos da linguagem que caracterizam o estilo do autor.

No entanto, o escritor demonstrou-se empenhado em atender todas as curiosidades levantadas pela turma, de uma maneira clara e objetiva. Explicando, que o primeiro passo, é encontrar seu estilo de leitura preferido, e partindo desse ponto, sempre querer se encantar pelo mundo da leitura.

Após essa discussão, o autor fez a leitura para os estudantes de uma segunda poesia do seu livro *A poesia na educação*, com o título: *Como explicar?* – Esta poesia trata sobre o ato de amar, ele aproveitou e fez uma comparação que para os participantes adquirirem o hábito de leitura, deveriam amar os livros.

Figura 18: Poesia – Como explicar?



Fonte: Material da pesquisadora

Ao término, os alunos aplaudiram entusiasmados. Agradei ao escritor pelo tempo de qualidade que os estudantes desfrutaram durante esta Roda de Conversa. O autor por sua vez, também agradeceu a participação e o interesse dos alunos durante as suas falas.

Após o escritor sair da sala, comecei a conversar com os participantes sobre a ação. Perguntei o que eles tinham achado da atividade e, primeiramente o Aluno13 respondeu que havia achado interessante o discurso do autor, e que inclusive, ficou com vontade de escrever um livro. Ressaltei que para querer ser um escritor, deve se começar lendo, realizando várias leituras para buscar inspiração e exemplos de escrita, mais do que um tema, os recursos da escrita criativa são fundamentais. Descobrir uma temática de interesse para preparar as escritas. Sobre isso, Lerner (2006), afirma que

Aprende-se a ler por meio de muitas leituras, do conhecimento de diversos autores, de vários setores da cultura escrita, etc. Tudo isso depende de jornadas longas. É um processo em espiral, no qual se volta a certos conteúdos sob uma nova perspectiva. Há aspectos que ocorrem simultaneamente e necessitam de diferentes situações para que sejam apropriados (LERNER, 2006, p.16).

Segui questionando: “que momento foi mais significativo das falas do autor?” O Aluno14 respondeu que considerou muito expressiva a parte que o escritor falou que todas as pessoas precisam descobrir seu perfil de leitura, pois isso facilita o exercício de ler, tornando a leitura mais prazerosa e atrativa.

Falei aos estudantes que essa intervenção tinha por objetivo incentivar a prática de leitura da turma, propondo várias ações para aproximá-los do livro e da leitura. Possibilitando que encontrem o seu gênero literário ideal. Disse ainda que a escola tem uma responsabilidade de ser a facilitadora do acesso dos alunos aos livros e formadora de novos leitores. O professor por sua vez, com suas habilidades e técnicas, deverá mobilizar o aluno ao gosto e o prazer de ler, garantindo a construção dos conhecimentos necessários para a aprendizagem e amadurecimento.

O docente tem que confrontar, mostrar a partir de questionamentos à obra que estão lendo. Até que com o tempo os leitores de textos conseguem ler o mundo: propagandas para venda de produtos, propagandas políticas e até o contraste entre a fala das pessoas e seu histórico de ações.

Sobre isso, Antunes 2003 afirma que

[...] O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. Mas nenhum, como disse, é neutro, no sentido de que não toma partido em relação a uma determinada concepção das coisas. (ANTUNES, 2003, p.81)

Este leitor precisa ser capaz de apresentar um posicionamento crítico e reflexivo sobre o que foi lido e a escola precisa a ensiná-lo a ponderar criar hipóteses confrontar – debater para que o jovem crie sua voz.

. A vontade do leitor é essencial para que a leitura se torne, verdadeiramente, válida e prazerosa, uma leitura apropriada envolve o leitor em uma relação de amor da qual ele, no que lhe diz respeito, não anseia desprender-se.

Geralmente, quando a criança é incentivada ao hábito da leitura e despertada para o prazer de estar lendo diariamente, ela passa a ter um excelente avanço, de acordo com o que afirma Martins, (1994) “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”. (MARTINS, 1994, p.25).

Neste momento, retomei as Cadernetas de Metacognição, solicitando para que algum aluno lesse o que havia escrito sobre a ação do dia, três alunos se dispuseram a ler o que haviam registrado. Observei como foi significativa essa ação para os alunos, de acordo com suas falas. Percebi que os estudantes conseguiram obter uma interação com o escritor permitindo que refletissem sobre as falas do escritor.

- Aprendi que tudo que se faz com amor se chega longe. (Aluno4)
- Que o escritor falou sobre a sua vida e como ganhou o amor aos livros e seu ódio da Escola. (Aluno5)
- Aprendi que não importa se você é pobre ou rico, você tem que lutar para realizar os seus sonhos, porque nada vem fácil e se vier vai ir fácil do mesmo jeito que veio. (Aluno6)

Falei ao grupo que realmente o amor pelos livros não nasce de repente. É necessário que o sujeito descubra os benefícios que os livros podem proporcionar, porque cada livro pode trazer uma nova ideia, permitindo fazer uma descoberta significativa e assim, expandir o horizonte do leitor. Considerando a pedagogia progressista, Freire (1985) define como se desenvolve o amor pelos livros da seguinte maneira,

[...] eu vou ao texto carinhosamente. De modo geral, simbolicamente, eu ponho uma cadeira e convido o autor, não importando qual a travar um diálogo comigo. Nesta perspectiva o texto não é algo pronto e acabado, mas do leitor que age e passa a construir o texto (dialogismo). (FREIRE, 1985, p. 8)

Disse que os livros contados aos filhos pelos pais, nos primeiros anos de vida, formam a base do interesse de aprender a ler e a gostar dos livros. Perguntei aos participantes, se algum tinha deles tinha a lembrança de ter essa experiência quando pequeno, alguns responderam afirmativamente, dizendo que lembram dos pais contando historinhas antes de dormir.

Enquanto que outros afirmaram que a recordação que traziam de contação de leituras eram as realizadas pelas professoras dos anos iniciais na escola. É essencial, que o sujeito associe a ideia de leitura de um livro e com a sensação de prazer, permitindo que a tarefa de ler na escola seja algo prazeroso e não enfadonho para os alunos.

Sobre isso, Zilberman (2003, p.16) coloca que “[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária [...]”. Desse modo, uma das maneiras de formar um leitor é estimulando esse gosto desde cedo nos sujeitos. Sendo assim, torna-se importante a criação de um ambiente pedagógico aberto, democrático e lúdico que permita a aproximação do indivíduo com a leitura.

Encerrei a atividade, combinando com os alunos que na próxima ação, iríamos visitar a Biblioteca Municipal, e que lá eles poderiam pegar um livro para levar para

casa para lerem. Eles demonstraram interesse e curiosidade para participar desta ação, visto que maioria disse não conhecer esse local.

Dessa forma, a seguir, relatarei como foi a terceira ação dessa intervenção.

6.3 Terceira Ação – Visita à Biblioteca Pública Municipal:

Neste dia, dezoito de novembro, conforme foi sugerido pelos alunos, realizamos uma visita à Biblioteca Pública Municipal de Arroio Grande, um dos objetivos era identificar a biblioteca como espaço de informação e lazer; por volta das 9 horas da manhã, entramos no transporte escolar que conduziu a turma até o prédio da biblioteca. Os estudantes estavam empolgados, conversavam muito entre si, demonstravam-se ansiosos para chegarem ao local combinado.

Figura 19: Biblioteca Pública Municipal de Arroio Grande.



Fonte: Material da pesquisadora

Como havia acertado anteriormente com a equipe da biblioteca que levaria os alunos participantes do projeto para uma visita, os funcionários organizaram previamente espaços para que os estudantes recebessem algumas informações sobre o funcionamento daquele local, um espaço para a Roda de Conversa com a bibliotecária e o acesso ao acervo infanto-juvenil.

Quando chegamos lá, fomos recebidos pelos funcionários e estagiários que trabalhavam naquele local. Estes nos deram as boas-vindas e pediram para aguardarmos a chegada da bibliotecária, pois esta reside em outro município. Os funcionários orientaram aos estudantes para ficarem à vontade naquele ambiente, dizendo que tinham liberdade para explorar o acervo local.

Figura 20: Recepção dos funcionários da biblioteca



Fonte: Material da pesquisadora

Constatei que muitos dos alunos, embora todos residentes no Município, não conheciam as dependências da biblioteca, que todos ficaram maravilhados pelo espaço e pelo acervo literário à disposição. Com a chegada da bibliotecária, os estudantes foram chamados para se reunirem em um dos espaços já previamente organizado pelos funcionários para uma Roda de conversa com a bibliotecária.

Esta iniciou a Roda apresentando-se aos alunos, explicando que era uma bibliotecária concursada para trabalhar neste setor e que acredita que sua função não era somente desenvolver as competências técnicas e gerenciais, mas também sociais e psicopedagógicas, conforme as ideias de Gasque (2010) que sugere que tais profissionais devem, serem capazes de compreender como acontecem as etapas dos processos de ensino e de aprendizagem desenvolvidos no espaço biblioteca, com a finalidade de auxiliar na formação do futuro leitor.

Nessa oportunidade, a bibliotecária Virgínia Borges¹⁷ realizou uma orientação sobre a postura do leitor no ambiente da biblioteca, sugestões de leituras infanto-

¹⁷ Bibliotecária concursada do Município de Arroio Grande.

juvenis, apresentação do acervo disponível e informou sobre o cadastro no sistema da biblioteca para permitir a retirada de livros (Figura 21).

Figura 21: Orientação da bibliotecária



Fonte: Material da pesquisadora

Direcionaram algumas questões para a bibliotecária, relacionadas ao público que frequenta aquele espaço, tipos de literaturas que estavam à disposição e como funcionava o cadastro para os sócios. Ela explicou que o espaço é utilizado por todas as faixas etárias, mas que ultimamente, precisavam fazer algumas campanhas para estimular o seu uso, explicou que o acervo era bem variado, com os mais diversos gêneros literários para uso dos leitores e esclareceu que para ser sócio, era necessário realizar um cadastro, com a apresentação de um documento de identidade e um comprovante de residência, devendo ser necessário ter mais de 18 anos, ou ter um adulto como responsável no cadastro.

Segundo meus registros no Diário de Campo, os estudantes demonstraram-se empolgados com a visita a biblioteca, desde o momento em entraram no ônibus até o instante que chegaram na biblioteca. Alguns relataram que nunca haviam entrado naquele prédio, apenas uma aluna disse que já era sócia da biblioteca.

Perguntei a essa aluna se ela retirava livros com frequência da biblioteca, a aluna respondeu que havia retirado uma vez apenas por insistência da mãe dela, mas mesmo sem ter a vontade de pegar o livro, realizou a leitura até o final e devolveu a biblioteca. Questionei-a o porquê de não continuar a fazer retiradas de livros na biblioteca. Ela respondeu, que não teve mais tempo de ir fazer isso.

Figura 22, 23 e 24: Prédio da Biblioteca



Fonte: Material da pesquisadora

Expliquei à turma que a Biblioteca Pública Municipal de Arroio Grande estava localizada há mais de 30 anos no centro, na Rua Dr. Monteiro, 185, na cidade de Arroio Grande, com um horário de atendimento bem expressivo, que é de segunda a sexta-feira das 8h às 18h, sem fechar ao meio dia, facilitando o acesso das pessoas. Esclareci ainda, que ela disponibilizava à comunidade: - espaço para leitura; - consulta local de obras de diversas áreas do conhecimento, - videoteca; - espaço criança (oportuniza um ambiente adaptado a crianças para o lazer da leitura); - acesso à internet gratuita para trabalhos e lazer e principalmente o empréstimo de livros. Complementei minha explanação convidando os discentes a visitarem e se associarem na biblioteca, pois como são estudantes é necessário que tenham mais contato com os livros e a leitura.

A ação de ler deve ser uma ocasião de assimilação de saberes, de conhecimento de si e do mundo e, além disso, um período de prazer. Assim, o maior

estímulo para a prática de leitura está no empenho dos estudantes, porque somente existe motivação para a leitura quando existe uma necessidade pessoal que incita e necessita ser satisfeita. Dessa maneira, compete ao docente e à escola, procurar inovações em suas práticas de ensino que proporcionem despertar nos alunos o gosto pela leitura.

Foi uma manhã produtiva, pois todos os estudantes escolheram um livro e realizaram uma breve apresentação do livro selecionado, foi proporcionando que todos tivessem o momento de se expressarem e de escutarem seus colegas.

Figura 25 e 26: Alunos escolhendo a sua leitura ideal.



Fonte: Material da pesquisadora

Segundo Milanesi (1988, p.93) a biblioteca é

...também, um instrumento de leitura do cotidiano com os seus conflitos e problemas. Então, a Biblioteca não pode ser algo distante da população como um posto médico que ele procura quando tem dor. Ela deve ser um local de encontro e discussão, um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento.

Essa contribuição da biblioteca na formação de leitores está interligada na relação entre educador, educando e bibliotecário, podendo ser importante no auxílio da autoaprendizagem dos sujeitos. (BEZERRA, 2008). Perante a isso, a ação educacional deve existir buscando a parceria de dois profissionais que, se agirem juntos, podem proporcionar vários benefícios aos processos de ensino e aprendizagem: o docente e o bibliotecário.

Quando todos os alunos realizaram uma leitura rápida dos livros que escolheram, fiz alguns questionamentos a eles. A primeira pergunta foi o que haviam aprendido durante a Roda de Conversa com a bibliotecária, sobre isso um dos estudantes respondeu:

- Aprendi um pouco mais sobre a Biblioteca e sobre a nossa cidade (Aluno 1).

Explanei ao grupo que considerava importante que a visita à biblioteca havia sido significativa, pois era uma maneira de aproximá-los mais dos livros e da leitura. Perguntei se mais alguém gostaria de responder, em seguida outro discente entrevistado respondeu:

- Que a leitura é muito importante para o nosso desenvolvimento e que a aos poucos tu vais gostando de ler. Acho que o hábito da leitura deve ser ensinado. (Aluno 2)

Expliquei aos estudantes que a leitura é parte fundamental da construção do saber de cada indivíduo de modo a alicerçar suas interpretações particulares, com vistas a viabilizar as suas próprias construções do outro e do mundo, porque por meio dela obtemos conhecimentos, estimulamos o raciocínio e a interpretação. Através da leitura desvendamos um mundo novo, cheio de fatos desconhecidos (CASTRO, 2005). Ainda sobre o gosto da leitura ser ensinado aos sujeitos, conforme os dados do Ministério da Educação, no que se refere aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1998, pág. 22), afirma que,

Conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento que possuem, que verifiquem suas suposições – tanto em relação à escrita; propriamente, quanto ao significado.

No que diz respeito ao ensinar o estudante a desenvolver o hábito da leitura, BARBOSA (1990), afirma que “O ato de Ler não nasce com o indivíduo, assim como

as outras funções vitais. Este ato precisa ser ensinado e aprendido, e neste processo o professor é o mediador” (BARBOSA, 1990).

Figura 27: Roda de Conversa com a Bibliotecária.



Fonte: Material da pesquisadora

Questionei os participantes sobre os critérios que utilizaram para escolherem as obras. Prontamente, me responderam que utilizaram critérios de seleção variados como: o título, a quantidade de páginas, a temática, o gênero textual, as ilustrações, por parecer divertido e ainda por terem lido as primeiras linhas do texto e ficando curiosos para descobrirem o que acontecia no desfecho da história.

É preciso que os alunos tenham noção de que é possível múltiplas leituras de uma mesma obra, e somente um leitor ativo é capaz de conferir diversos caminhos para sua leitura. Por esse motivo, o docente necessita ser ainda um leitor-fruidor que estimule nos seus estudantes o prazer de ler. Para que se modifiquem, logo, as táticas empregadas pelo educador na avaliação da leitura, eles próprios devem transformar seu posicionamento perante da leitura nas aulas de português. Sobre isso, Geraldi (1997, p. 98) propõe, por exemplo, a Roda de Leitura, permitindo os estudantes lerem "livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título etc."

Assim sobre isso, Bordini e Aguiar (1998), os mais variados tipos de leitura são importantes, porém a literatura exerce um papel específico,

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta do real, pois,

representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. (BORDINI; AGUIAR, 1998, p. 07).

A leitura necessita ser considerada como algo que coopere para o prazer, contestando aos questionamentos e necessidades de indivíduo. O período de leitura na escola, deste modo, não pode ser visto exclusivamente como uma tarefa escolar a mais, com práticas fora de contexto, mas como uma atividade básica, que necessita ser, desde os anos iniciais, plena de sentido. Assim, pedir que os participantes escolhessem um livro e refletissem sobre os critérios de escolha, possibilitou uma rica experiência para eles.

Em meu Diário de Campo, registrei algumas falas dos discentes sobre esse critério de seleção em relação a escolha dos livros na biblioteca. Em que a grande maioria escolheu os livros considerando os aspectos visuais, em que as ilustrações apresentavam uma mistura de cores que chamava a atenção, outros disseram terem sido influenciado pela estética da capa, esclarecendo que *o livro era bonito e logo no início contava do que tratava a história.*

- *Havia vários livros na biblioteca, mas o que escolhi era o mais colorido e atrativo.*
(Aluno18)

- *A capa do livro que escolhi é muito linda, portanto, a história deve ser boa.* (Aluna 5)

- *Ao ler as primeiras linhas do livro já achei interessante esse livro, a história deve ser do estilo que gosto sobre aventura.* (Aluno6)

Ainda sobre a maneira que os alunos utilizaram para encontrar o seu livro ideal, observei na Caderneta de Metacognição os seguintes registros,

- *O livro que escolhi é bem colorido, com várias imagens. Vai ser fácil ler.*
(Aluno2)

- *Escolhi o livro bonito, com uma capa interessante.* (Aluna5)

- *Meu livro tem um começo interessante. Estou curioso para saber como acaba.*
(Aluno16)

Sobre as imagens, Hernandez afirma (2000) que

As imagens são mediadoras de valores culturais e contém metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual. (HERNANDEZ, 2000, p.1330)

Terminamos a ação deste dia retornando para a escola com os livros escolhidos. Também dialoguei com eles sobre a próxima ação que seria no dia seguinte e que ocorreria de uma maneira diferente, fato que aguçou a curiosidade dos estudantes.

Figura 28: Alunos retornando para a escola com os livros escolhidos.



Fonte: Material da pesquisadora

Esta atividade será descrita e analisada no tópico a seguir.

6.4 Quarta ação – Roda de Leitura

Como havia dito aos alunos anteriormente, neste dia, vinte de novembro de 2018, realizei uma atividade diferente. Para esta ação o objetivo era o motivar e aproximar os discentes da leitura, promovendo um momento de leitura individual do livro que retiraram na ação do dia anterior na Biblioteca Pública e depois, alguns dos alunos realizaram uma leitura compartilhada com o grupo com o objetivo de estimular a linguagem verbal.

Esse aspecto socializador da leitura compartilhada faz com que os indivíduos se sintam parte de um grupo de leitores, com referenciais e conviências mútuas. E “a criação de referências compartilhadas vividas como um círculo integrado têm uma importância decisiva na motivação da leitura”, conforme Colomer (2007).

Ler e compartilhar a leitura com um grupo é uma das maneiras mais fortes de envolver os sujeitos na ação de ler. Ao ler e acompanhar, em grupo, os significados conferidos, os sentidos edificados recebem, normalmente, uma extensão muito maior do que se tinha alcançado em uma leitura individual. Sobre isso Colomer, (2007)

(...) O fato de ter compartilhado contos nos primeiros anos de vida duplica a possibilidade de tornar-se um leitor, falar sobre livros com as pessoas que nos rodeiam é o fator que mais se relaciona com a permanência de hábitos de leitura, o que parece ser uma das dimensões mais efetivas nas atividades de estímulo à leitura. (COLOMER, 2007)

Do mesmo modo, quando os estudantes leem juntos, constrói-se um sentido de coletividade que fortalece afinidades e fortalece a cumplicidade e o repertório de informações literárias edificado coletivamente. O desafio das Rodas de Leitura é permitir que os leitores possam seguir a leitura em exemplares que permaneçam em suas mãos, de maneira que a leitura em voz alta admita, em determinadas vezes, circular entre os mais variados leitores.

Ter o livro em mãos e acompanhar a leitura admite um envolvimento muito detalhado daquele em que apenas ouvimos a leitura de outro. Portanto, além de partilhar a história, se divide verdadeiramente a maneira como está lançada, admitindo o envio de julgamentos de naturezas distintas para a construção de significados compartilhados.

Nesse aspecto, Colomer (2007), indica o exercício nas escolas da leitura compartilhada, a sobre qual sugeriria partilhar o entusiasmo com a literatura, a construção do(s) significado(s), as amarrações que os livros permitem entre os estudantes, e as noções de comunidades de leitores em harmonia e diálogo. Dessa maneira, Colomer (2007) indica que, dada a produção cultural atualizada diversificada e os interesses múltiplos dos leitores em formação, diversos são os trajetos que podemos seguir.

Determinados dos caminhos considerados pela autora compreendem: aceitar-se os livros de uma geração; ser cauteloso e respeitoso aos diversos caminhos e experiências de cada leitor; usar as manifestações dos leitores em formação como insumo para sua própria formação e avanços; emancipar esses leitores para se constituírem “donos” de sua leitura e competentes a falar sobre elas; e aplicar tempo e organizar tarefas que beneficiem o interesse individual e constituam essa conexão para os estudantes se sentirem pertencentes ao mundo dos livros.

As Rodas de Leitura foram pensadas e organizadas, de maneira a ampliar as habilidades de leitura antes, durante e depois da leitura (SOLÉ, 1998), dirigidas pela abrangência de leitura, não apenas como decodificação, mas como compreensão, interação entre texto e leitor e como cópia fiel ao discurso do autor. De uma maneira

ampla, Houaiss (2001) define Roda como “[...] círculo, peça circular que gira em torno de um eixo; grupo de pessoas”. A significação que nos interessa é a de “grupo de pessoas”, ou seja, estudantes do ensino fundamental, que se sentam em formato de círculo para juntos terem um momento direcionando para lerem. Enquanto que Rana; Augusto (2011), abordam a descoberta do prazer de ler associada à Roda de Leitura,

A Roda de Leitura costuma ser associada à descoberta do prazer de ler. No entanto, ela não serve apenas para que as crianças conheçam algumas histórias ou sintam prazer com elas: também permite que os professores observem e desenvolvam uma série de comportamentos leitores em seus alunos (RANA; AUGUSTO, 2011, p. 48).

A Roda serve para a socialização da leitura, inicialmente falam o título e o autor do livro e, logo depois, descrevem resumidamente a história desse livro, suas partes principais ou que mais chamaram sua atenção, dizendo se gostaram ou não da leitura e se recomendam ou não essa história para os demais colegas.

Iniciei a atividade fazendo a seguinte pergunta: - Quem conseguiu realizar a leitura do livro em casa? – Neste momento houve um silêncio total na turma. Então, dirigi a pergunta para o Aluno³ e este respondeu que não havia realizado a leitura em casa por falta de tempo, mas que estava curioso para saber sobre o desfecho da história. Questionei sobre o motivo de não ter realizado a atividade, já que era uma tarefa para ser executada em casa, ele respondeu que havia saído com sua família e voltado somente no horário de voltar para a escola. Quanto aos demais estudantes, todos afirmaram terem realizado a tarefa.

Pedi para que os estudantes organizassem suas cadeiras em círculo e pegassem os livros selecionados na ação anterior, combinei com eles que teriam cerca de trinta minutos para realizarem uma leitura individual do livro e que depois teriam um momento para compartilharem o trecho lido, expliquei que seria um por vez nesta etapa de compartilhar a história para os demais.

Após começarem esse momento de leitura individual, percebi que alguns dos alunos permaneciam em silêncio, porém sem realizar a leitura. Inicialmente esses estudantes pareciam receosos a este momento da realização da Roda de Leitura. Então questionei sobre o que estava acontecendo, queria saber o motivo de não estarem realizando a leitura conforme o que fora solicitado, alguns responderam que não sabiam por onde começarem lendo, outros disseram que não conseguiam ler

silenciosamente, enquanto dois dos participantes do grupos disseram que precisavam de mais silêncio para se concentrarem.

O Aluno10 relatou não possuir o hábito da leitura, porém que estava disposto a participar da ação. Dessa maneira, solicitei para que todos se concentrassem para essa importante ocasião. Após encerrada o diálogo, cada estudante começou sua leitura de maneira individual, alguns não sabiam o que fazer para se concentrarem no texto, outros logo ao abrir as páginas dos seus livros já mergulhavam na ação de ler.

Após passado o tempo estipulado, pedi para que começássemos a segunda etapa da Roda de Leitura, expliquei que era chegado o momento de realizarmos uma leitura compartilhada. Pedi aos participantes para que houvesse atenção à leitura dos colegas e respeito sobre as opiniões e reflexões realizadas após as leituras.

Com o passar dos trinta minutos que propus para que a turma executasse a tarefa, fui observando que os estudantes que no começo da atividade liam com mais dificuldade passaram a apresentar uma maior concentração para ler. Por esse motivo, observei a relevância e a necessidade de estimular a leitura dentro da sala de aula, porque quanto mais essa atividade é incentivada, mais o estudante adquire autonomia para escolher seus livros, ampliando seu próprio gosto literário.

Antes de começarmos as Rodas de Leitura expliquei alguns pontos importantes sobre esta ação. Comecei dizendo que as Rodas são ocasiões em que os participantes se reúnem para ler e comentar as leituras feitas. As tarefas de escuta e leitura são acompanhadas de observações e comentários dos participantes sobre o autor, o material lido, as afinidades deste com outras obras e com a realidade.

Esclareci ao grupo que na Roda temos a oportunidade, através da reflexão, de conhecer melhor o “outro”, fazer amigos, observar com certa disciplina. Nos possibilitando estar sempre aprendendo, atentos a tudo com o que acontece ao nosso redor e são uma oportunidade de compartilhar opiniões (negativas ou positivas) sobre o que leu ou aprendeu.

Disse aos discentes que a ação de ler torna-se indispensável, contudo, realizar leitura é mais complexo ou mais fácil, dependendo do julgamento do sujeito que estiver realizando a leitura. O ato de ler nos conduz à compreensão. Isto é, fazer leitura é realizar a compreensão do que se leu e com isso realizar conexões com sua leitura, com diversas leituras efetivadas e com contextos ao seu redor.

Expliquei também aos participantes que ler é um instrumento essencial para que o ser humano saiba posicionar-se, ter opiniões próprias e ser crítico. Uma vez

que, ler se constitui de ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, é edificar uma resposta que associa parte dos novos subsídios ao que já se é (FOUCAMBERT, 1994).

Conforme foi proposto anteriormente, chegou o momento para os alunos compartilharem suas leituras com os demais colegas, como os estudantes já estavam dispostos em roda, pedi para que a Aluna5 começasse a leitura do trecho escolhido do seu livro, orientei para que ela falasse de maneira que todos pudessem entender as falas com clareza e atenção. Assim, um de cada vez, realizou leitura de uma pequena parte do seu livro. Enquanto os demais colegas permaneciam de maneira respeitosa e atenta as histórias lidas na sala.

Em meu Diário de Campo registrei que nesse primeiro dia da Roda de Leitura na escola, percebi que os alunos estavam inseguros para participarem da atividade proposta. Senti que os alunos estavam acanhados para começar a leitura compartilhada, notei que depois que pedi que a primeira aluna que começou a falar sobre o trecho que havia lido para a turma, a Roda de Leitura dos demais fluiu melhor.

Essa atividade vem proporcionando que os estudantes desenvolvam sua expressão oral e a criatividade. Desenvolvida através das falas ocorridas nas Rodas os estudantes foram capazes de produzir conhecimento, porque eram marcadas pelo diálogo entre os participantes, o que valoriza a vivência trazida por cada sujeito. E assim, aconteceu nas Rodas de Leitura com os discentes do 8º ano da EEEFM “Presidente João Goulart”, em que todos puderam compartilhar suas leituras, enquanto os demais ouviam de maneira respeitosa.

Ao longo da ação e, principalmente após, o compartilhamento sobre o trecho lido, em que ocorriam novas perguntas, como: - Quem era o personagem principal do texto? - Por que gostastes mais desse trecho do livro? -; entre outras, no entanto, todas as questões estavam, em conexão com os acontecimentos vivenciados/refletidos pelos participantes.

Quando todos expuseram seus fragmentos de seus textos, compartilhando suas leituras, perguntei o que haviam achado dessa experiência de ler e depois partilhar com os colegas. O Aluno1 falou que no começo, achou estranho, pensou que os colegas iriam rir ou realizar algum comentário inoportuno. Quis saber se de fato essa primeira impressão aconteceu, no entanto, este aluno me afirmou que não havia acontecido conforme ele havia imaginado, que pelo contrário o grupo demonstrou-se

interessado e atento enquanto realizava a leitura. Abaixo exibo alguns dos livros e algumas falas dos alunos que registrei no meu Diário de Campo alguns exemplos para ilustrar essa atividade. Conforme apresento abaixo,

-Eugênia Grandet (1833), conta a história de um amor frustrado e ao mesmo tempo da falta de adaptação das pessoas à sociedade materialista. (Resumo da capa do livro da Aluna5)

Figura 29: Livro da Aluna5



Fonte: Material da pesquisadora

- No livro o Homem Tecnológico, autor começa falando sobre a tecnologia, dizendo que a humanidade atingirá a sua maioria com a chegada do homem à lua. Para Ferkiss (personagem do livro), o fato de o homem ter saído do planeta Terra e chegado ao espaço mostra que a espécie humana alcançou um nível desenvolvimento tecnológico altíssimo. (Resumo da capa do livro do Aluno7)

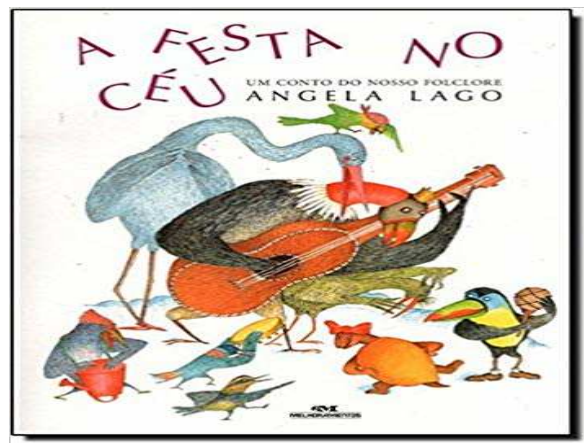
Figura 30: Livro da Aluno7



Fonte: Material da pesquisadora

- O livro *A festa no Céu* fala sobre uma festa no céu e todos os bichos da floresta foram convidados. O assunto em alta era a festa no céu, na qual entrariam só os bichos que tivessem asas. Os animais que voassem. Os outros bichos ficaram muito revoltados. Especialmente o jabuti, ficou muito indignado, ele não desistiu, foi de carona com a garça. Preguiçoso, dormiu em um canto e perdeu a carona de volta. Não tendo como voltar, entrou escondido na viola do Urubu, que em pleno voo se achou muito pesado e pensou, será que comi demais? Mas logo sentiu algo se mexendo e descobriu o jabuti. (Resumo da capa do livro do Aluno11)

Figura 31: Livro da Aluno11



Fonte: Material da pesquisadora

-O livro do Rex, fala sobre um dinossauro muito curioso e aventureiro que veio da Pré-História. A história é em formato de HQ. (Resumo da capa do livro do Aluno17)

Figura 32: Livro da Aluno17



Fonte: Material da pesquisadora

Após as apresentações conversei mais um pouco com o grupo, dizendo a eles que na maioria das vezes, quando as pessoas pensam em leitura, a principal imagem que nos vem no pensamento é a de um indivíduo solitário, com um livro ou um texto aberto na mão, rodeado de silêncio, a solidão parecendo ser a maneira correta para que a leitura aconteça. No entanto, nem sempre funciona dessa forma, destaca Vargas (2009, p.135) que “[...] pensamos dessa forma por hábito, mas a leitura, para dar frutos, não necessariamente pressupõe o estarmos sós”. Bem pelo contrário, a companhia de alguém nos incentiva, proporcionando em nós a capacidade de alcançar uma leitura aberta dos fenômenos objetivos e particulares que nos rodeiam. A leitura adequada é sucessivamente uma comparação crítica com o que estamos lendo e essa confrontação em grupo se multiplica, após falar isso, fui conduzindo o grupo para a finalização da ação deste dia.

Antes de retomarmos as escritas das Cadernetas de Metacognição, quis saber dos estudantes, através de uma conversa informal, quais haviam sido as suas percepções diante da Roda de Leitura realizada dentro da sala de aula. Por isso, direcionei aos alunos três perguntas, para serem respondidas de maneira oral pelos discentes, que foram as seguintes: O que achou da atividade? O que mais gostou? O que mudaria? Conforme os alunos respondiam, ia registrando em meu Diário de Campo, todas as respostas que os estudantes foram me fornecendo. Para facilitar o entendimento, organizei um quadro com as respostas, que foram as seguintes:

Quadro 2 – Avaliação da atividade

Aluno	O que achou da atividade?	O que mais gostou?	O que mudaria?
Aluno 1	Interessante.	De compartilhar as leituras.	Colocaria um tapete com almofadas.
Aluno 2	Boa.	De sentarmos juntos para ler.	Nada.
Aluno 3	Ótima.	De ter um momento de leitura.	Colocaria um colchonete.
Aluno 4	Legal.	De ler.	Colocaria umas almofadas macias.
Aluna 5	Diferente.	De realizar a Roda de Leitura.	Retirava as cadeiras.
Aluno 6	Interessante.	Tudo.	Colocaria almofadas.

Aluno 7	Interessante.	De compartilhar a leitura.	Colocarias almofadas e tapetes.
Aluno 8	Boa	De ler.	Nada.
Aluna 9	Diferente.	De ter um momento só para ler.	Estrutura da sala.
Aluno 10	Diferente.	Da concentração para ler.	Colocaria tapetes e almofadas.
Aluno 11	Diferente.	Da Roda de Leitura.	A estrutura do ambiente.
Aluna 12	Boa.	De ler.	Colocaria tapetes e almofadas.
Aluno 13	Legal.	Da Roda de Leitura.	Colocaria colchonetes.
Aluna 14	Interessante.	Tudo.	Colocaria almofadas.
Aluno 15	Muito boa.	Tudo.	Colocaria almofadas e tapetes.
Aluno 16	Ótima	De ler e compartilhar o que li.	Colocaria almofadas e tapetes.

No que diz respeito à primeira questão, “o que achou da atividade?”, todos os participantes responderam de maneira positiva, afirmando que a atividade foi, interessante, boa, legal, muito legal, diferente, interessante, muito boa. Dessa maneira, foi possível verificar que a Roda de Leitura foi interessante para os estudantes. Conforme o que destaca Freire (1999) sobre a importância da escola ao proporcionar aos educandos possibilidades para “lerem o mundo”, ao lerem a palavra.

Em relação à segunda questão, “o que mais gostou?”, 6 alunos gostaram de ter um momento reservado para a leitura, 3 estudantes asseguraram que gostaram de compartilharam a sua leitura, 3 fizeram referência a Roda de Leitura, 3 disseram ter gostado de tudo e 1 dos estudantes se referiu ao ato de ter que se concentrar para ler. Sobre a terceira questão “o que mudaria?”, teve as seguintes respostas: 14 estudantes sugeriram mudar a estrutura e organização da sala, enquanto que 2 afirmaram que não mudariam nada.

Estas respostas me possibilitaram repensar que ainda que de grande parte dos discentes destacarem a ação do dia de maneira positiva, ainda existiam aspectos a serem aprimorados para a próxima Roda de Leitura. Além disso no que diz respeito ao ambiente em que a ação foi desenvolvida, percebi que os estudantes estavam mais críticos, pois recomendaram modificações na maneira de organizar o ambiente,

sugerindo a colocação de almofadas, tapetes e colchonetes para que se acomodassem com mais conforto para realizarem a Roda de Leitura.

Para Braun, Moraes, Oliveira e Almeida (2009, p. 5) a Roda de Leitura envolve desde a organização de um círculo entre os estudantes, ao espaço físico dentro da sala de aula, de preferência que todas as mesas e cadeiras sejam afastadas; como “uma forma de dinamizar um certo aprendizado ou efetivar um objetivo ou conteúdo curricular, as rodas têm representado no cotidiano uma oportunidade de diálogo, conhecimento, pesquisa e aprendizado, não só para os alunos, como também para nós, professoras.”

Ao realizar a Roda de Leitura, precisa se considerar o fato que a maneira que se ler o livro nesta tarefa, é o jeito que se apresenta o personagem, pois, “o autor constrói o seu leitor muito mais do que seus personagens. Quando o faz bem, ou seja, quando consegue interessá-lo, então o leitor faz a metade do trabalho”. (COLOMER, 2007, p. 70-72).

Neste momento retomei as escritas da Caderneta de Metacognição, pedindo para que algum dos estudantes pudesse realizar a leitura dos seus registros, quatro alunos disseram que poderiam ler suas Cadernetas. De acordo com os apontamentos abaixo:

- Nós lemos os nossos livros que pegamos na Biblioteca. (Aluno5)
- Lemos uma parte do livro da biblioteca Municipal em casa. (Aluno3)
- O meu livro é sobre uma ilha, ele é de aventura. (Aluno2)
- Ainda não tive a oportunidade de ler o livro. (Aluno1)

Os estudantes fizeram referência aos momentos de leitura, destacando que realizaram essa tarefa inclusive em casa, o Aluno2 pontuou sobre o gênero textual do livro, indicando que era de aventura e sobre a temática do livro, indicados pelo seu registro Caderneta.

Os registros demonstram o interesse dos estudantes à atividade proposta. Conforme Solé (1998), é indispensável que ao realizarem uma atividade de leitura, os estudantes permaneçam motivados para isto, é importante que se percebam capazes de ler e achar significativo o que foi lido. Ainda, segundo Yunes (2009) as Rodas de Leitura [...] põe em movimento a consciência crítica que predispõe à cidadania. Depois que se aprende a pensar e a dizer o que se pensa, [...]

No entanto, apenas dois dos que falaram, deu uma opinião que considerei negativa, pois falou que não teve oportunidade para ler. Questionei o aluno para saber

o motivo disso ter ocorrido, ele explicou que não teve tempo para fazer isso em casa, pois estava estudando para a prova de matemática que precisava fazer e no momento da Roda de Leitura, havia se retirado para fazer essa avaliação. Mas, concluiu, externando sua vontade em realizar logo a leitura do seu livro para saber um pouco sobre a temática

Ao finalizar a atividade expliquei aos estudantes que a próxima Roda de Leitura poderia ser em um ambiente diferente. Propus ao grupo que lessem às biografias dos seus livros em casa para compartilhar sobre isso na próxima ação. Também perguntei aos participantes se tinha algum ambiente para sugerir para a realização da próxima Roda, eles sugeriram realizar esta ação na rua, no pátio da escola. Questionei o porquê de citarem esse ambiente, eles responderam que consideravam mais agradável e que na rua podiam ter o contato com a natureza.

As salas de aulas são observadas como ambientes convencionais de educação, o que permite proferir que os espaços fora de sala de aula podem ser considerados, conforme indicam Xavier e Fernandes (2008), como ambientes não-convencionais de ensino. A sala de aula, como asseguram esses autores, é um recinto físico dinamizado pela relação pedagógica, contudo não é o único ambiente da ação docente. Para, Xavier e Fernandes (2008), sobrepõem ainda determinadas características dos procedimentos de ensino e de aprendizagem nos lugares não convencionais, afirmando que

no espaço não-convencional da aula, a relação de ensino e aprendizagem não precisa necessariamente ser entre professor e aluno(s), mas entre sujeitos que interagem. Assim, a interatividade pode ser também entre sujeito e objetos concretos ou abstratos, com os quais ele lida em seu cotidiano, resultando dessa relação o conhecimento. (XAVIER E FERNANDES, 2008, p. 226)

Assim, depois desse diálogo, combinamos que a próxima Roda de Leitura seria ao ar livre, mais precisamente no pátio da escola. A seguir apresentarei a 5ª ação desta intervenção.

6.5 Quinta ação – Roda de Leitura

A quinta ação foi realizada no dia vinte e dois de novembro de 2018. Esta tinha por objetivo motivar e aproximar os discentes da leitura. Ao chegar na sala de aula, os estudantes já me aguardavam eufóricos e fizeram questão de me lembrar o local

para a realização da Roda de Leitura, que havia sido combinado anteriormente. Disse a eles que lembrava da sugestão, porém expliquei que sair para fora da sala de aula não significaria que deixariam de realizar a atividade proposta, lembrei aos alunos sobre o comportamento que deveriam ter para executar a ação.

Ao chegarmos no pátio da escola, solicitei que indicassem o melhor lugar para nos acomodarmos. Todos entraram num consenso e indicaram um espaço próximo a uma das portas de saída de um dos prédios, alegando que poderiam usar a calçada em frente a porta para sentarem. Ao sentarem, logo perceberam que não havia espaço pra todos se acomodarem, foi então que os meninos foram buscar dois bancos que ficam dispostos no pátio da escola.

Concluída essa etapa de organização, pedi que ficassem dispostos o mais próximo possível, uns dos outros, expliquei ao grupo que disponibilizaria um tempo de 30 minutos para realizarem a continuação da leitura individual do livro e depois realizaríamos uma leitura compartilhada. Sobre isso, todos concordaram.

Percebi um diferencial neste dia, pois os estudantes começaram a leitura mais dispostos, acredito que por dois motivos: por já terem realizado anteriormente esta atividade e também por estarem no ambiente fora das quatro paredes da sala de aula.

Observei que os estudantes estavam bem à vontade nesse ambiente aberto permaneciam concentrados na atividade proposta, conforme o registro da Figura 20. Sobre isso, Seniciato e Cavassan (2008), os sentimentos dos estudantes e seus interesses tornam-se mais visíveis em aulas fora da sala de aula, observa-se uma dimensão maior de manifestações por parte do aluno. Para eles, as emoções, assim como o interesse, são reguladoras da energia do indivíduo, sendo suficiente que uma atividade seja interessante para parecer fácil e para que o cansaço abrande.

No contexto da aula de campo, que demonstrou despertar mais os sentimentos e os interesses, os alunos podem alcançar um rendimento maior, quando comparado ao da aula teórica, pois, de forma geral, em toda a conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto que a técnica e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo, seja ele sensório-motor ou racional. (SENICIATO; CAVASSAN, 2008, p.129)

O contexto da Roda de Leitura, realizada no pátio da escola, demonstrou despertar mais interesses, possibilitando aos estudantes alcançarem um maior rendimento, quando comparado ao da mesma atividade realizada dentro da sala de aula. Concluí, que a ideia da conexão entre os fatores afetivos e cognitivos nas Rodas

de Leitura realizadas fora das quatro paredes da sala de aula, despertam interesse maior e por decorrência, acabam motivando mais o estudante. Durante a leitura individual e silenciosa que propus para os alunos, todos ficaram muito concentrados lendo o seu livro.

Figura 33: Roda de Leitura realizada no pátio.



Fonte: Material da pesquisadora

Concluído o prazo combinado, lembrei a turma que passaríamos para o momento da Roda de Leitura compartilhada. Perguntei se havia alguém disposto a começar a atividade e, para minha surpresa dois alunos se dispuseram a iniciarem a leitura. O próprio grupo definiu quem começaria dizendo que preferiam ouvir a Aluna5 lendo sua história. Questionei o motivo de terem preferido esta aluna ao invés do Aluno1, neste momento houve um silêncio seguido de risos entre o grupo, porém o Aluno6 rompeu o silêncio e falou que seria por que na Roda de Leitura anterior, esta aluna chamou a atenção do grupo pela empostação da voz, dando vida aos personagens da história, o que foi muito divertido.

A leitura realizada em voz alta possui a responsabilidade e o vantagem de estimular seus ouvintes a gostar de ler. O contato com ela intermediado pelo emissor e sua voz permite a consciência sobre as expressões escritas. Ouvir induz ao gosto pela leitura, quando lemos em voz alta, conduzimos as reações dos ouvintes para uma leitura dramática, irônica, sensível, ativa, marcante, ação que exige responsabilidade, porque nos coloca como porta-vozes do texto.

O sentido do ato de ler claramente o texto literário será completo a partir do momento em que colocarmos essencialidade, substancialidade e precisão às palavras lidas através de alto e bom som. De acordo com Bakhtin (2004),

Os sentidos das palavras alicerçam-se por serem trazidas à vida por intermédio da sonoridade da voz entendendo-a como 'humana', possuidora de valor ético, persuasivo, transformador. Para ele, da mesma forma que o sujeito 'eu' existe por haver interação com outro ser que lhe acolhe ao lhe dirigir palavras pelo som da sua voz, nos apoderamos imediatamente do 'tu' que ele nos oferece. (BAKHTIN, 2004, p.159).

Em referência os momentos de diversão que a leitura proporciona, Leal e Pessoa (2012) afirmam que os indivíduos devem “ler para se divertir, sentir prazer para refletir sobre a vida”. (LEAL & PESSOA, 2012b, p.29). Conforme as autoras, o tempo dedicado à leitura deve ser sempre de prazer e reflexão sobre o que é lido sem que haja necessidade de ficar se detendo às questões formais da língua. Um por um dos participantes realizou a leitura de mais de um trecho do seu livro. Em alguns momentos precisei intervir pedindo que apenas escutassem o colega que lia e que depois das leituras abrisse um espaço para as discussões.

Figura 34: Roda de Leitura, momento de compartilhar o texto lido.



Fonte: Material da pesquisadora

Comecei interrogando se haviam gostado de ler desta maneira, através da Roda de Leitura. O Aluno13 respondeu que “sim, gostei pois o livro que estou lendo é em formato de HQ, com várias imagens e pouca leitura, e na Roda de Leitura é fácil de apresenta-lo”. O Aluno9 disse que “eu gostei, mas prefiro mais ler silenciosamente, do que compartilhar a leitura para o grupo”, quis saber o motivo, então indaguei o

motivo e ele respondeu “quando leio silenciosamente, parece que me concentro mais e entendo melhor a história”.

A leitura silenciosa consente considerar um grupo de palavras e associá-lo, mentalmente, ao referente sentido, configurando um ato solitário, íntimo, adequado para quando permanecemos sozinhos, que tem como benefícios possibilitar ao leitor ler à velocidade que quiser, voltar atrás e reler, e até mesmo realizar uma leitura rápida. Sobre a leitura silenciosa, Batista e Klinke (1996) afirma que esse tipo de leitura proporciona uma maior interiorização, a memorização, compreensão e rapidez na leitura, possibilitando ainda a visualização do conteúdo do texto.

Já a Aluno17 falou “gosto mais quando os colegas e eu lemos em voz alta, pois parece que estamos dentro da história, porquê até a voz de quem lê, influência nesta ocasião.” Nesse momento, outros estudantes também se manifestaram concordando com o Aluno17. A Aluna5 ainda complementou dizendo “fica mais interessante quando a leitura é realizada em voz alta”.

Sobre isso, reflito sobre os estudos de Roger Chartier (2007) relacionados à prática da leitura em voz alta. De acordo com o autor, a leitura bem realizada

ensina a compreender. A leitura oral bem feita coloca em relevo o que é importante, produz modulações de efeito, cuida da pontuação, pronuncia corretamente os nomes próprios, as palavras difíceis e propicia o acesso a textos longos e complexos demais, para os alunos abordarem sozinhos (CHARTIER, 2007, p. 181).

Dessa maneira, ficou comprovado que através das falas dos estudantes, a importância do papel de mediador de leitura, que ao realizar a leitura de um texto em voz alta, está promovendo a ação de ler em sua prática diária, estando “entre os leitores e o livro como agente motivador e dinamizador da prática da leitura” (RESENDE, 1997, p. 164).

Então, continuamos discorrendo sobre as leituras que haviam sido realizadas naquele dia e a Aluna5 falou “cada um tem à sua maneira de ler e compartilhar a leitura”. Perguntei se ela poderia me explicar melhor o que havia falado. A estudante disse que se referia aos aspectos ligados a maneira de ler falando sobre a entonação que os colegas faziam ao lerem em voz alta, ela concluiu dizendo que “quando quem está lendo faz uma voz diferente para um determinado personagem, entendo melhor a história.”

Nesta ocasião, questionei os demais participantes se concordavam com a Aluna5 e a maior parte da turma disse que sim, que ao mudarem o tom de voz permitem que o personagem crie vida, facilitando o entendimento da história. Concluí que o grupo entendia melhor os textos lidos quando a leitura era realizada em voz alta de maneira que respeitavam os sinais de pontuação, como também a entonação da voz, identifiquei isso quando a Aluna5 afirmou que quando estavam lendo e dando vozes aos personagens era mais fácil de entender.

Segundo Benjamin (1994, p. 201), “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Desta maneira, concomitante a essa atividade, percebi que os estudantes ainda estimulavam a desinibição, o ato de narrar, o estilo, a colocação de voz, a expressão corporal e a interação com os demais colegas que escutavam as leituras.

Quando todos terminaram de ler uma parte do livro, fiz a retomada da tarefa que solicitei que realizassem em casa. Perguntei se lembravam que havia ficado combinado de realizarem em casa. Todos os alunos responderam que lembravam, porém, três alunos disseram não terem realizado a tarefa. Quis saber o motivo desses não terem realizado o que combinamos. Eles me responderam que não tiveram tempo, pois estavam envolvidos em outras tarefas domésticas.

Então passei a questionar os outros alunos que disseram terem realizado a tarefa em casa. Perguntei o que haviam identificado ao ler a biografia. Antes de que começassem a falar sobre o que identificaram através da leitura da biografia, pedi para que nos dirigíssemos à sala de informática.

Chegando lá, apresentei uns slides conceituando o que era biografia, pois percebi que não havia feito isso antes de solicitar essa tarefa, neste momento identifiquei também, que teria sido importante termos lido a biografia do escritor que realizou a Roda de Conversa com os estudantes. Apesar, do autor Prof. Ivan Nunes Gonçalves ter realizado a sua apresentação pessoal em meio à Roda de Conversa, não foi lido ou apresentado a sua biografia escrita em seu livro.

De acordo com a ideias de Cosson (2016) é parte integrante da introdução de uma atividade com leitura, a apresentação do autor e de sua obra. Ele assegura que “a biografia do autor é um entre outros contextos que acompanham o texto.” Ao inserir uma obra para trabalhar a leitura, “é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor, e se possível, ligadas àquele texto.” (COSSON, 2016, p. 60).

Portanto, concordando com o que orienta este autor, dei continuidade as minhas falas, dizendo que iria exibir à turma uma breve biografia do autor Prof. Ivan Nunes Gonçalves. Levei esse material em slides para eles acompanharem as explicações. Conforme estava exibindo os slides, também ficava explicando que a biografia é uma maneira de descrever a trajetória singular de um sujeito, original e irrepetível; é de certa maneira traçar a identidade refletida em atos e palavras.

É uma escrita que a vida de uma determinada personalidade, respeitando a ordem cronológica ou não. Falei sobre os itens que devem constar em uma biografia, como: datas, lugares, pessoas, acontecimentos marcantes da vida dessa personalidade, dados familiares, percurso acadêmico ou profissional, destaquei que ela vem sempre redigida na terceira pessoa.

Figura 35, 36 e 37: Slides sobre a biografia.



Fonte: Material da pesquisadora

Depois que apresentei as explicações referentes sobre à biografia, solicitei que os participantes retomassem suas leituras em seu livro. Em seguida, direcionei algumas perguntas aos alunos. Através das questões quis saber se os estudantes encontraram alguns itens que havia explicado, tais como: datas, lugares, acontecimentos marcantes da vida dessa personalidade, percurso acadêmico ou profissional.

Os estudantes responderam afirmativamente, dizendo que encontraram a grande maioria desses dados. Ainda quis saber se esses dados havia tido alguma relevância para eles, os dez alunos que afirmaram positivamente, disseram que por meio dessa leitura puderam descobrir outros títulos escritos pelo mesmo autor, possibilitando realizar uma nova leitura, também disseram que sentiram-se mais próximos ao escritor depois de saber mais sobre sua vida e assim também passaram a entender melhor a história do livro.

Essas conversas sobre a biografia foram bem interessantes, e eles envolveram-se na atividade. As falas dos estudantes, foram realizadas de maneira ordenada, pois os alunos demonstraram interesse em participar e trocaram suas percepções sobre a biografia. Registrei em meu Diário de Campo o que os alunos pontuaram sobre essa atividade,

- Lendo a biografia, percebi todos os obstáculos que o escritor enfrentou para lançar seu livro. (Aluno 3);

- Ao ler a biografia, descobri as motivações que levaram o escritor a escrever o livro. (Aluno17);

- Conheci os detalhes da vida do autor, lendo a sua biografia. (Aluna5)

Antes de finalizar esta ação, solicitei se alguém poderia ler sobre os registros escritos na Caderneta de Metacognição, dois estudantes se dispuseram a realizar a leitura, ambos destacaram o aspecto positivo da ação, conforme os trechos abaixo.

-Lemos mais uma parte do livro da biblioteca Municipal e foi bem legal. (Aluno3)

- A leitura traz benefícios para todos. (Aluno1)

Depois da conversa, combinamos que na próxima ação, realizaríamos a última Roda de Leitura e está seria para avaliar todos esses períodos de leitura em Roda já realizados. Pedi para que se realizassem momentos de ler em casa, fizessem um registro fotográfico e me enviassem. Assim, a seguir, relatarei como ocorreu a sexta ação desta intervenção.

6.6 Sexta ação – Roda de Leitura / Avaliação

Neste dia, 26 de novembro de 2018, realizei a 6ª ação. Para começarmos convidei os alunos para realizarmos a Roda de Leitura no pátio da escola, pois percebi que na ação anterior os estudantes se sentiram mais à vontade no ambiente aberto e interessados. Os objetivos dessa atividade eram o de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart e ainda contribuir para formação de leitores autônomos e competentes.

Os alunos organizados em círculo, começaram a ler individualmente o livro escolhido por eles, para depois compartilhar, ou seja, contar para os demais colegas

as histórias lidas e dizer o que achou da sua própria leitura aos demais colegas. Um aluno por vez, deveria ler seu livro, enquanto os demais alunos deveriam escutar a explanação do leitor. Durante trinta minutos os estudantes realizaram uma leitura silenciosa, durante este período percebi o grupo concentrado lendo.

Ao encerrar o tempo previsto, combinei com a turma que ficaríamos dispostos em círculo para facilitar o entendimento de todos e evitar a dispersão do grupo. Os alunos concordaram em organizarem-se rapidamente, no pátio da escola. Assim, dei início ao momento de compartilhar a leitura que realizou durante todos os dias da Roda de Leitura.

Expliquei aos alunos como iria ocorrer essa parte da ação, dizendo a eles que teriam que apresentar o livro escolhido lá da Biblioteca Municipal, no dia dezanove de novembro, durante a 3ª ação. Apresentariam para o restante da turma. Combinei ainda, que eles deveriam seguir um roteiro pré-estabelecido de como apresentar a obra, tais como explorar os dados catalográficos aprendidos; o gênero (narrativo, HQ, poemas...). Deveriam dizer aos demais colegas sobre o que conta o texto ou suas principais ideias; se há imagens (deveriam apresentar). Solicitei ainda, que eles indicassem ou lessem a parte do livro mais gostaram, e também deveriam informar se o livro correspondeu às expectativas iniciais ao pegá-lo? Indicando também recomendavam ou não a leitura a todos ou a alguém da sala.

Depois de ouvirem as minhas falas os estudantes questionaram quanto tempo teriam para desenvolver essa tarefa. Respondi ao grupo que essa etapa teria uma duração máxima de cinco minutos. Perguntei a eles se todos teriam entendido, todos responderam afirmativamente, dizendo que haviam compreendido minhas explicações.

Para dar início, solicitei ao Aluno1 que começasse a apresentação do seu, prontamente fui atendida pelo estudante que começou lendo um trecho do livro, que de acordo com o que falou ao grupo, era a parte que considerava mais importante, pois falava da chegada do homem à lua e relacionava esse evento com aos avanços tecnológicos. Os demais estudantes permaneciam em silêncio e escutavam com atenção.

Em seguida, o Aluno1, seguiu apresentando o livro, dizendo aos colegas que pertencia ao gênero narrativo e disse que não apresentava muitas ilustrações. O Aluno17 quis saber para quem seria recomendado esse livro, o estudante respondeu

dizendo, - Todos deveriam ler, pois essa leitura chama a atenção, porque tem uma história sobre um assunto que a turma inteira gosta, que é a tecnologia. (Aluno1)

Observei através das falas do Aluno1, que tanto o objetivo geral da intervenção que era de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, bem como o objetivo específico para essa ação que era de motivar e aproximar os discentes da leitura, ambos haviam sido alcançados, pois além do Aluno1 dizer que havia gostado do livro, ainda o recomendou para o restante do grupo.

Ainda foi possível notar que o Aluno1 relacionou seus conhecimentos e suas experiências as ações propostas através da Roda de Leitura, proporcionando assim, um maior significado e atribuindo sentidos próprios a cada leitura realizada. Segundo Santos e Souza (2011) ativar os conhecimentos prévios dos participantes é a base para uma melhor apreensão do que se lê, já que resulta na formulação de hipóteses fundamentadas em informações que já possui interligando com o que está sendo lido, permitindo uma melhor interpretação. Identifiquei que o Aluno1, havia recorrido aos conteúdos sobre os gêneros textuais, pois identificou corretamente o do seu livro.

Partindo-se das orientações que constam nos PCNs (BRASIL, 1998), as aulas de Língua Portuguesa precisariam ser baseadas no trabalho com os diversos gêneros textuais, que objetivam a proporcionar aos estudantes um melhor domínio dos eventos linguísticos exercitados nos múltiplos meios de comunicação. Dessa maneira, a língua é avaliada partindo dos seus aspectos comunicativos e interacionais, ou seja, a língua em uso em diferentes situações comunicativas e variadas intenções de sentido, não levando em conta a sua estrutura formal (aspectos gramaticais) como elemento principal de análise.

Para compreender melhor o conceito de gêneros, busquei nas ideias de Bakhtin (2000), à qual mencionam vários autores contemporâneos. De acordo com o linguista russo, todos os campos da atividade humana permanecem sempre pertinentes com o emprego da linguagem. Daí a relevância de compreender e saber utilizar da maneira correta. Esses dados estão diretamente interligados e produzem uma dada especificidade de uma esfera comunicativa. De acordo com essa perspectiva, toda conversação organiza seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” o que foi chamado, de acordo com Bakhtin (2000, p. 279), gêneros do discurso,

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (Bakhtin, 2000, p. 279)

Os gêneros acomodam o nosso discurso e escrita da mesma maneira que a gramática estabelece as formas linguísticas (BAKHTIN, 2000). Sobre isso, Marcuschi (2005, p. 32) define os gêneros como “um tipo de gramática social, isto é, uma gramática da enunciação”. Ao ter esse conhecimento, o docente será capaz de perceber melhor o contexto de produção dos múltiplos gêneros e os processos sociohistóricos nos quais eles estão inseridos e isso possibilitar a propor atividades de leitura que envolvam os estudantes proficientes e que derivem no prazer de ler.

Figura 38: Roda de leitura no pátio da escola;



Fonte: Material da pesquisadora

A seguir pedi para o Aluno2 para dar continuidade na Roda de Leitura, lendo um trecho do seu livro. Ele, prontamente atendeu a minha solicitação. No entanto, começou me perguntando quanto tempo teria para ler, respondi que deveria ser até o momento que considerasse o suficiente para apresentar a parte mais significativa do texto para ele.

Então o estudante começou a ler, o restante da turma ouvia em silêncio a leitura. Quando terminou o texto, o questionei se havia encontrado dificuldades em ler essa parte do texto para os colegas, o aluno me respondeu que não havia encontrado dificuldade, pois os demais permaneceram em silêncio em uma atitude respeitosamente.

Por fim, perguntei qual eram as suas percepções sobre o trecho lido, ele me respondeu que havia achado interessante essa parte do livro e também destacou

sobre a importância de os colegas manterem uma postura de respeito, possibilitando que a leitura fosse realizada até o fim.

Os alunos continuaram lendo, o Aluno3, realizou a leitura de uma história em quadrinhos, quando este terminou de ler, quis saber o motivo de ter escolhido este tipo de livro, ele me respondeu havia considerado que seria mais fácil e rápido de ler. Questionei o motivo que queria que a leitura fosse realizada com rapidez, ele riu e acabou contagiando os demais colegas com sua risada.

Pedi para que a turma ficasse em silêncio, para o colega responder o que eu havia perguntado, então, ele me respondeu que como não tinha o hábito de ler, pensou que pegando um livro com um número menor de folhas e no formato de HQ, seria mais fácil de ler.

Sobre os HQs, Barbosa (2004), considera que a leitura de quadrinhos ajuda no desenvolvimento do hábito da leitura. Para este autor,

a ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo (BARBOSA, 2004, p. 23).

Disse ao aluno que havia achado interessante sua escolha e questionei se havia gostado de ler os quadrinhos, ele respondeu que sim, pois as ilustrações o ajudavam a entender a história. Para Rezende (2009) as HQs são

obras ricas em simbologia – podem ser vistas como objeto de lazer, estudo e investigação. A maneira como as palavras, imagens e as formas são trabalhadas apresenta um convite à interação autor-leitor. (REZENDE, 2009, p.126)

Depois que todos compartilharam suas leituras, perguntei o que haviam achado dessa experiência de participarem das Rodas de Leitura, registrei meu Diário de Campo as mais significativas. O Aluno13 falou que quando apresentei a proposta de realizar essa atividade, ele não entendeu muito bem sobre como seriam desenvolvidas, mas destacou que com o passar das ações acabou entendendo a proposta e gostando muito de participar.

Conversei mais um pouco com a turma e através desse diálogo, quis saber mais sobre as percepções dos discentes em relação as Rodas de Leitura, pois observei que as Cadernetas de Metacognição, de certa maneira, acabavam por limitar alguns alunos em suas análises, avalei que somente as duas questões contidas para que os estudantes registrassem suas apreciações, apesar de serem bem amplas, possibilitando as mais variadas respostas, acabavam recebendo uma escrita que por vezes percebia ser superficial, mesmo assim vejo que alguns alunos ainda preferem muito essa escrita reflexiva orientada pelas duas perguntas da Caderneta. Neste momento, considerei que seria propício em meio a conversa informal com os discentes saber mais especificamente sobre as Rodas de Leitura realizadas.

Para isso, fiz aos participantes, dirigindo-me um a um, três perguntas, que ao serem respondidas de maneira oral, foram registradas, uma a uma, em meu Diário de Campo. As questões foram as seguintes: O que achou das Rodas de Leitura? Um ponto positivo das Rodas de Leitura? Um ponto a ser melhorado nas Rodas de Leitura? Registrei as respostas que os alunos foram me fornecendo, e ao registrá-las considerei que nenhuma das questões recebeu uma crítica com impressões negativas sobre as Rodas de Leitura, porém acredito que como direcionei as perguntas de maneira individual, mas em meio ao grande grupo, esse fato pode ter influenciado algumas respostas, visto que uns acabavam escutando as respostas fornecidas pelos outros.

Figura 39: Avaliação sobre as Rodas de Leitura.



Fonte: Material da pesquisadora

As respostas foram as seguintes:

Quadro 3 – Avaliação da atividade

Aluno	O que achou das Rodas de Leitura?	Um ponto positivo das Rodas de Leitura?	Um ponto a ser melhorado nas Rodas de Leitura?
Aluno1	Legais.	De compartilhar as leituras.	Que fossem realizadas por mais tempo.
Aluno2	Interessantes.	De sentarmos juntos para ler.	Ter mais tempo para realizar essa atividade.
Aluno3	Muito boas.	De ter um momento de leitura.	Poderíamos ter ido em alguma praça para ler à sombra das árvores.
Aluno4	Ótimas.	Tudo.	Nada.
Aluna5	Legais.	De ter um momento só para ler.	Mais tempo para essa atividade acontecer.
Aluno6	Me motivou para ler mais.	De realizar a atividade ao ar livre.	Nada.
Aluno7	Diferentes.	De ler no pátio.	Realizar as Rodas de Leitura na praça.
Aluno8	Diferentes.	De reunirmos para ler.	Nada.
Aluna9	Interessantes.	Ir para o pátio fazer as leituras.	Nada.
Aluno10	Me despertou a vontade de ler outros livros, pois o assunto desse era algo que eu já conhecia.	De escolher o livro que eu mais gostasse para ler.	Realizar as Rodas de Leitura na praça.
Aluno11	Diferentes.	De ler e compartilhar o que li.	Realizar as Rodas de Leitura na praça.
Aluna12	Boas.	De ir para o pátio ler.	Nada.
Aluno13	Legais.	Da atividade ser realizada também fora da sala de aula.	Ter mais tempo para realizar essa atividade.
Aluna14	Me despertou a vontade de ler.	De nos reunirmos para ler.	Ter mais tempo para realizar essa atividade.
Aluno15	Muito boas.	De ler no pátio.	Ter mais tempo para realizar essa atividade.

Aluno16	Fez com que eu lesse mais.	Tudo.	Ter mais tempo para realizar essa atividade.
---------	----------------------------	-------	--

No que diz respeito à primeira questão, “O que achou das Rodas de Leitura?”, todos os alunos responderam de forma positiva, destacando que as Rodas de Leitura foram: legais; interessantes; muito boas; ótimas; diferentes e boas. Dentre essas respostas destaco ainda as de quatro alunos que apontaram como uma maneira de despertarem para o hábito de ler. Conforme a Aluna14 pontuou,

- Me despertou a vontade de ler. (Aluna14)

Assim sendo, foi possível observar que as Rodas de Leitura foram avaliadas pelos estudantes de maneira satisfatória. Contudo, para que os alunos se sintam à vontade para ler e divulgar suas percepções, necessita existir entre o educador e estudantes certa cumplicidade. Cabe destacar também, que o docente deve acolher apreciações diferentes da sua, na ocasião em que a leitura for posta em discussão, evidenciando aos discentes a intensidade de um texto e assim despertando o hábito de leitura dos alunos.

Discorrendo com essa ideia, Petit (2008) assegura que

ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz o mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal. (PETIT, 2008, p. 43)

Portanto, ao promover a leitura enquanto diálogo em torno do que foi lido, o professor cumprirá seu papel de mediador, tornando estes momentos mais significativos e prazerosos para todos.

Em relação à segunda questão, “Um ponto positivo das Rodas de Leitura?”, 6 estudantes gostaram de ter realizado as Rodas ao ar livre, em ambiente aberto, 3 dos discentes citaram sobre a importância de lerem juntos, 2 estudantes destacaram sobre a oportunidade de terem um momento destinado só para a leitura, 2 alunos afirmaram

que gostaram de compartilharam a sua leitura, outros 2 disseram ter gostado de tudo e 1 dos participantes se referiu ao poder de escolha que teve, podendo pegar o livro que mais gostou.

Em relação ao ambiente aberto citado pelos estudantes, percebo que tornar o espaço destinado às Rodas de Leitura mais atrativo para os envolvidos, torna-se um suporte para que a atividade proposta obtenha sucesso. A organização desse espaço é um reflexo da ação do docente estabelece, procura e promove relações de influência mútua e troca com seus estudantes. Por meio desta disposição o educador avalia a sua prática e propõe a maneira de trabalhar com seus discentes. Estes ajustes também são importantes no trabalho com a leitura.

Apesar disso, a escola tem enraizado em seu interior, um modelo formal de educação. Logo, ela também está

necessitando de mudanças e transformações importantes para a ultrapassagem de alguns modelos e visões de homem, mundo, sociedade e educação que, através dos ethos, dos princípios e normas estratificadas se arraigaram nas culturas, cabem indagações sobre as formas de (re)configurações exigidas para demarcar tais transformações e as mudanças. (RODRIGUES, 2008, p.88)

Dessa maneira, a transformação e o rompimento destes paradigmas podem e, devem iniciar pela ação do professor. Porque atualmente, nos permitimos dominar “por uma lógica cruel de restrição e de reatividade ao novo” (Ibden, p. 88), que vincula alguns princípios que acabam por determinar a maneira de trabalhar e entender a educação.

A organização interfere naquele ambiente, influenciando no diálogo e no convívio entre os estudantes, possibilitando o desenvolvimento de emoções e lançando efeitos cognitivos nos educandos. Um espaço dinâmico que apresente como base novas compreensões necessitará requerer um ambiente de conhecimento mais interativo entre os que nele estão.

Sobre a terceira questão “Um ponto a ser melhorado nas Rodas de Leitura?”, obtive as seguintes respostas: 7 alunos indicaram que as Rodas de Leitura deveriam durar mais tempo; 5 participantes afirmaram que não mudariam nada e os outros 4 estudantes sugeriram que as Rodas poderiam ter sido realizadas também em uma das praças da cidade, à sombra das árvores.

Através dessas respostas me permitiram a refletirem sobre a visão positiva que os discentes tiveram em relação às Rodas de Leitura, pois percebi em todas as falas a mudança sobre o posicionamento da turma em relação às atividades propostas, visto que em outras oportunidades, os estudantes não esboçavam suas preferências, considerando que está ação foi um fator que auxilio nesse maturação do grupo, bem como o para despertar e incentivar o ato de ler. Como a resposta destacada por seis alunos, falando sobre a questão do tempo, que disseram que precisava ter mais tempo para realizar a Roda de Leitura.

Bem como o destaque que os participantes deram relacionada a relevância das Rodas terem sido realizadas no pátio da escola, em um ambiente aberto, salientando que consideraram muito positiva a realização nesse espaço. Como destacou a Aluna9,

- Ir para o pátio fazer as leituras. (Aluna9)

Ainda afirmaram existirem pontos a serem melhorados e aprimorados para as futuras ações que envolvessem leituras, dando ênfase a sugestão de continuar realizando as Rodas de Leitura em um ambiente aberto, porém fora do espaço escolar, como a praça, conforme apontaram os participantes.

Notei o crescimento e a criticidade dos estudantes, evidenciado pelas indicações de alteração em relação ao ambiente a ser realizada a ação, conforme o que foi destacado pelo Aluno3, dizendo -"Poderíamos ter ido em alguma praça para ler à sombra das árvores." Aluno3. Quando este fui questionado sobre um ponto que deveria ser melhorado nas Rodas de Leitura. O aluno sugeriu que as próximas Rodas de Leituras fossem realizadas na praça propiciando um lugar melhor para que eles se acomodassem com mais conforto à sombra das árvores para realizarem a Roda de Leitura.

A essa ação ofereceu a possibilidade de quebra do paradigma de uma prática escolar formatada e realizada somente dentro das quatro paredes da sala de aula. Sobre os conhecimentos prévios dos estudantes, foi registrado em uma das Cadernetas de Metacognição a seguinte colocação: - Me despertou a vontade de ler outros livros, pois o assunto desse era algo que eu já conhecia. (Aluno10)

Nesse mesmo sentido, Lajolo destaca que "ler é ser capaz de atribuir aos textos significados, relacionando-os a todos os outros textos. É perceber as inferências que o texto traz consigo, permitindo melhor esclarecimento para o leitor". (LAJOLO, 1993,

p.59). De tal modo, o sujeito busca a todas as informações que já possui e estabelece novas informações.

Ainda este mesmo Aluno10 destacou como positivo, cada estudante poder escolher seu livro preferido, conforme havia sido recomendado na Roda de Conversa com o autor Prof. Ivan Nunes Gonçalves, que cada discente deveria encontrar a sua leitura ideal para possibilitar o desenvolvimento do hábito de leitura. - De escolher o livro que eu mais gostasse para ler. (Aluno10)

Para Cosson, é importante a opção de encontrar um livro que irá ser lido pelo leitor, que tenha um texto que ocasione ao sujeito uma pretensão de ler, um anseio pelo novo, pela descoberta, pela novidade, pela história contada, a imaginação, a sedução, o prazer. O poder de escolher o livro está amarrado a fatores que cooperam de maneira positiva e que estimulam ao leitor a ir até o final do texto. Para Lajolo (1993),

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida em que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida. (LAJOLO, 1993, p.6)

A partir disso, eu observei que, além de despertar no estudante o gosto pelo livro e pela leitura, é necessário estimular no aluno a sensibilidade, a aptidão de se situar frente ao livro. Ao finalizar a atividade combinei com os alunos que a próxima ação, expliquei que seria a visita à Biblioteca da Unipampa – Campus Jaguarão, com o objetivo era identificar a biblioteca como espaço de informação e lazer. Lembrei sobre o horário que estaríamos saindo para o município vizinho, solicitei que trouxessem as autorizações, que havia entregue, assinadas pelos seus responsáveis e que poderiam levar um lanche para compartilharmos ao final da visita. A seguir exibirei a 7ª ação desta intervenção.

6.7 Sétima ação – Visita à Biblioteca da Universidade

A 7ª ação ocorreu no dia trinta de novembro de 2018. Esta ação tinha por objetivo era identificar a biblioteca como espaço de informação e lazer. Conforme o que já havia sido combinado com alunos neste dia estava prevista a visita à Biblioteca da Unipampa Campus Jaguarão.

Para a realização desta ação precisei de alguns suportes anteriormente organizados, como solicitar a Secretaria de Transporte a cedência de um ônibus para conduzir os participantes da intervenção até a Unipampa, visto que necessitaríamos nos deslocar para outro Município, o de Jaguarão.

Solicitei aos colegas professores da escola João Goulart, que liberassem a turma do 8º ano das aulas durante esse dia. Convidei a equipe diretiva da escola campo de pesquisa para nos acompanharem durante essa ação. E por último entreguei aos estudantes a autorização, conforme a Figura 40 abaixo, para que os seus responsáveis pudessem assinar permitindo que os alunos pudessem viajar.

Figura 40: Autorização para a visita à Biblioteca da Unipampa Campus Jaguarão.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE Pais OU RESPONSÁVEIS	
AUTORIZAÇÃO DE VIAGEM	
Autorizo o (a) menor:	<u>Kenelam Babetti Barniero</u>
Portador da Cart. De Identidade nº.	<u>1109136441</u>
Órgão Expedidor:	<u>SJS</u>
Aluno (a) do (a) <u>E. M. E. Presidente João Goulart</u> , da cidade de Arroio Grande, a viajar para conhecer a Biblioteca e as dependências da UNIPAMPA - RS, e localizar-se na cidade de Jaguarão.	
Arroio Grande, <u>27</u> de <u>NOVEMBRO</u> de <u>2018</u>	
Pai, mãe ou Responsável:	<u>Cleonice A. Babetti</u>
Cart. Identidade:	<u>4304333366</u>
Órgão Expedidor:	<u>SJS</u>
Assinatura:	<u>Cleonice A. Babetti</u>

Fonte: Material da pesquisadora

Também contei com o apoio do grupo de alunos do -Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)/Letras da Unipampa-Jaguarão. Pensei nesse grupo específico, pois eles já desenvolvem um trabalho na Escola João Goulart mantendo um contato com a turma do 8º ano e também, esses pibidianos são universitários na Unipampa-Campus Jaguarão, sendo assim conhecem muito bem as dependências daquele espaço.

Através de uma conversa prévia com os alunos do PIBID perguntei se eles poderiam orientar a visita dos estudantes no 8º ano, apresentando a Universidade e conduzindo-os à Biblioteca do Campus. Os universitários concordaram na realização da tarefa, destacando sobre a importância de conduzir os adolescentes para

conhecerem um pouco mais sobre a Universidade, sabendo que esses poderão ser futuros estudantes daquele local.

Quando cheguei na Escola João Goulart, os alunos e grupo de pibidianos já me aguardavam. Conferi se todos os estudantes estavam com a autorização para viajar devidamente assinada pelos responsáveis. Após constatar que estava correto em relação as autorizações, comecei a explicar como se desenvolveria essa ação. Disse que andaríamos em grupo pela Universidade, aguardando os pibidianos nos apresentarem as dependências da Unipampa. Lembrei aos alunos que deveríamos ter uma postura adequada naquele ambiente, evitando gritos, brigas ou empurrões, pois estavam representando a Escola João Goulart.

É preciso destacar que parte da Equipe Diretiva da Escola João Goulart, representada nas pessoas da Diretora Ivana Rhebham e da coordenadora pedagógica Sandra Silveira, que também reforçaram as falas sobre o comportamento que os alunos deveriam ter durante a visita. Explicando que acompanhariam o grupo nesta ação.

O deslocamento até a Unipampa ocorreu de maneira tranquila, quando chegaram no local de destino, foi visível o encantamento do grupo em relação a estrutura do prédio. O grupo logo ao chegar quis se reunir para registrar esse momento, na escadaria em frente à Universidade através de uma fotografia. Conforme a Figura 41.

Figura 41: Participantes desta ação na frente da Unipampa.



Fonte: Material da pesquisadora

Registrei algumas falas em meu Diário de Campo, todas manifestaram a curiosidade e a euforia dos participantes em relação a esta ação.

- Que lindo! (Aluna 5)
- Nunca estive aqui! (Aluna 4)
- Vamos entrar, pois quero conhecer tudo. (Aluno 10)

- Ao entrarem na Universidade o primeiro lugar que os pibidianos apresentaram foi a recepção, explicando que era um espaço amplo, onde os universitários costumavam promover Rodas de Debates.

Depois os alunos conheceram as demais dependências da Unipampa como: algumas salas de aula, secretária, cozinha, sala de alunos, brinquedoteca, auditório e sala de coordenação de cursos. Os estudantes foram recebidos por alguns dos professores do Curso de Mestrado da Universidade, conforme o registro abaixo.

Figura 42: Professores do Curso de Mestrado recebendo os alunos.



Fonte: Material da pesquisadora

Por último, visitaram a Biblioteca. Quando os alunos entraram na Biblioteca, demonstraram-se admirados. Na oportunidade, questionei sobre a primeira impressão que eles tiveram e registrei algumas respostas em meu Diário de Campo.

- Tem wi-fi liberado? (Aluno 15)
- Quanto livro. (Aluno11)
- Será que pode mexer nos livros? (Aluno 14)

Sobre o estudante poder interagir com os livros, Lajolo (2005) destaca que as instituições educacionais são essenciais para aproximar dos livros dos indivíduos, “é na escola que os alunos precisam viver as experiências necessárias para, ao longo da vida, poderem recorrer aos livros...” (LAJOLO, 2005, p.12). E também conforme Lajolo, não importa qual será o livro que será explorado com os sujeitos, pois

...eles serão uns diferentes dos outros: tratam de diferentes assuntos, têm tamanhos diferentes, são escritos em diferentes estilos, alguns são ilustrados em cores, outros em preto e branco, outros nem são ilustrados. Uns foram escritos há muito tempo, outros são recentes. Muitos são brasileiros, e muitos vêm de diferentes partes do mundo. (LAJOLO, 2005, p.15)

Expliquei aos alunos que eles poderiam apreciar e até mesmo ler os exemplares disponíveis. Em relação ao wi-fi, expliquei que todos os universitários possuem um cadastro para internet vinculado ao seu número de matrícula. Disse ainda, que o acervo da Biblioteca era disponível para a consulta dos universitários dentro das salas da Unipampa e também que os alunos podiam retirar emprestados os livros para pesquisarem em casa. E que ela possuía um grande e organizado acervo literário, sobre este assunto Schwarcz (2002) descreve que,

esse local labiríntico é, entretanto, e acima de tudo, uma instituição, onde se desenham desígnios intelectuais, realizam-se políticas de conservação, elaboram-se modelos de recolha de textos e de imagens. Mais que um edifício com prateleiras, uma biblioteca representa uma coleção e seu projeto. Afinal qualquer acervo não só traz embutida uma concepção implícita de cultura e saber, como desempenha diferentes funções, dependendo da sociedade em que se insere. (SCHWARCZ; 2002, p.120)

Em seguida, os estudantes foram recebidos pela Equipe de bibliotecários da Universidade, que recepcionaram os participantes dando as boas-vindas ao grupo e se colocando à disposição para esclarecer qualquer dúvida. Perguntei os alunos se gostariam de realizar algumas questões para a bibliotecária, e para minha surpresa os estudantes estavam curiosos sobre o funcionamento, indagando sobre isso. Conforme mostra a Figura 43.

Figura 43: Recepção dos funcionários da biblioteca



Fonte: Material da pesquisadora

Registrei em meu Diário de Campo algumas das perguntas dos alunos. - Como os alunos fazem para retirar livros na Biblioteca? (Aluna5)

Sobre essa questão a bibliotecária explicou que ao ingressar na Universidade, os estudantes precisam fazer a matrícula e com esse cadastro tem acesso à biblioteca e também ao sinal de wi-fi.

Já o Aluno2 quis saber sobre a periodicidade que os universitários podem permanecer com os livros, através da seguinte pergunta: - Qual o tempo que o aluno pode ficar com o livro em casa? (Aluno2)

Sobre essa questão a bibliotecária respondeu explicando que o empréstimo dos livros funciona da seguinte maneira, os alunos da Graduação, podem retirar até três livros com o tempo para a devolução de sete dias, já os alunos da Especialização, de Mestrado, Professor e Funcionário podem retirar até quatro livros com o tempo para a devolução de 14 dias.

Já o Aluno4 quis saber sobre a frequência que os Universitário utilizam os serviços da biblioteca, perguntando: - Os universitários retiram muitos livros ou vem fazer pesquisas aqui? Sobre isso, a bibliotecária explicou que os universitários geralmente retiraram os livros com muita frequência para a realização de trabalhos solicitados em sala de aula, também realizam pesquisas dentro do ambiente da biblioteca, bem como organizam pequenas reuniões para organizarem trabalhos e consultas via internet.

De acordo com Milanese (1988, p.93) a biblioteca

é, também, um instrumento de leitura do cotidiano com os seus conflitos e problemas. Então, a biblioteca não pode ser algo distante da população como um posto médico que ele procura quando tem dor. Ela deve ser um local de encontro e discussão, um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento.

Assim, entendo sobre a relevância da biblioteca quando esta desempenha com firmeza o seu papel na sociedade, porque, além de proporcionar a aquisição do conhecimento apresenta a função de conduzir a discussão crítica da realidade.

O Aluno11 ainda dirigiu mais uma pergunta a bibliotecária, - Quais as funções uma bibliotecária? Ela explicou que a bibliotecária tem a função de organizar e catalogar os acervos, além de orientar as pesquisas dos estudantes dentro da

biblioteca. Tem a função de desenvolver o hábito da leitura, sendo necessário que três elementos básicos estejam interligados entre si: bibliotecários, livros e usuários. Sobre esse assunto Silva (1997) explica que,

Sem o bibliotecário, com os seus conhecimentos organizacionais e de orientação, o espaço dos livros torna-se altamente caótico e tende a perecer rapidamente. Sem livros, o espaço torna-se inútil. Sem usuário, o espaço da biblioteca não se dinamiza, perde o seu valor e morre. SILVA (1997, p.106)

Conforme defende Silva (1997), na ausência do bibliotecário com seus conhecimentos para as orientações sobre os livros, ou a falta de livros e/ou usuário a biblioteca não se desenvolve. Isso demonstra que esses três elementos: bibliotecários, livros e usuários estão interligados e são necessários para o funcionamento de uma biblioteca.

Percebi o entusiasmo de todos ao conhecerem o grande acervo da Biblioteca do Campus, ficaram por um longo tempo percorrendo os corredores e procurando títulos já conhecidos anteriormente por eles. Conforme mostram as Figuras 44 e 45.

Figura 44 e 45: Alunos dentro da biblioteca da Unipampa.



Fonte: Material da pesquisadora

Depois que escolheram alguns livros os estudantes, organizaram-se, por iniciativa própria, ao redor de uma das mesas, que estavam à disposição dentro do ambiente da biblioteca, para começarem a leitura desses livros. Conforme mostra a Figura 46.

Figura 46: Alunos lendo da biblioteca da Unipampa.



Fonte: Material da pesquisadora

Essa foi a ação que mais agradou ao grupo, pois tratava-se da aula-passeio à Unipampa¹⁸, isso se deve ao fato de ser um local nunca antes visitado por eles, segundo o que me relataram. Neste dia, fiz alguns registros em meu Diário de Campo sobre as minhas percepções em relação aos alunos que serviram para avaliar essa ação como positiva. Nesses registros escrevi que: “Percebi que estavam mais empolgados do que de costume, curiosos para chegarem a Jaguarão no Campus da Unipampa. Todos ficaram admirados com a estrutura do prédio. Os pibidianos, conforme o combinado, orientaram todos o passeio. Quando chegaram na biblioteca ficaram encantados com toda a infraestrutura do ambiente. Após ouvirem a bibliotecária sobre a importância da leitura e do livro. Cada estudante percorreu as prateleiras procurando os títulos que já haviam lido. Foi uma atividade muito significativa, pois os alunos voltaram empolgados, querendo repetir a visita”. (Diário de Campo)

Ao finalizarmos a visita na biblioteca, reuni o grupo para fazermos um registro fotográfico, conforme apresenta a Figura 10, neste momento, também os questionei sobre o que haviam achado sobre esta ação. Prontamente, me responderam, - “Ótima!”, em uníssono, e ficaram rindo, demonstrando que estavam satisfeitos com a visita.

¹⁸ Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão

Figura 47: Registro fotográfico da visita.



Fonte: Material da pesquisadora

Ao sairmos da biblioteca, nos dirigimos até a área verde da Universidade, lá os estudantes realizaram um piquenique e aproveitaram para descansar um pouco para regressarmos ao Município de Arroio Grande. Aproveitei essa oportunidade para realizar algumas perguntas aos participantes. Quis saber o eles acharam em relação à infraestrutura da biblioteca, o Aluno6 respondeu: - Ambiente acolhedor, ótimo para a realização de leituras e estudos. (Aluno6), já o Aluno16 falou: - Cheios de recursos tecnológicos e equipamentos de informática, muito legal! (Aluno16).

Outros dois alunos, destacaram a limpeza e organização do ambiente em suas falas. – Considerando as condições gerais do prédio, classifico como a biblioteca como ótima! (Aluno5)

-Considerando os móveis (mesas, cadeiras, estantes), limpeza da biblioteca e a quantidades de livros disponíveis, dou nota 1000! (Aluno2)

- Considerando a estrutura adequada para receber todas os estudantes que precisarem, com um rico acervo de vários livros o atendimento de uma bibliotecária que nos recebeu e nos explicou sobre os livros. E principalmente referente à organização da biblioteca para facilitar o trabalho de pesquisa e o empréstimo dos livros. (Aluno15)

Através dessas falas é possível destacar a importância das condições de uma biblioteca ideal, conforme as ideias de Silva (1997) que afirma que sem o bibliotecário e os seus conhecimentos para as direções sobre os livros, ou a falta de livros e/ou usuário a biblioteca não se desenvolve. O que destaca que os três elementos: bibliotecários, livros e usuários estão integrados e são fundamentais para o

funcionamento de uma biblioteca que tenha condições de atender ao público visando desenvolver o hábito da leitura. Sob esta questão Silva (1997,) afirma que,

Sem o bibliotecário, com os seus conhecimentos organizacionais e de orientação, o espaço dos livros torna-se altamente caótico e tende a perecer rapidamente. Sem livros, o espaço torna-se inútil. Sem usuário, o espaço da biblioteca não se dinamiza, perde o seu valor e morre. (SILVA, 1997, p.106)

Portanto a biblioteca precisa representar um ambiente prazeroso e organizado, com um bibliotecário disponível para fornecer orientações, considerando o ato de ler como uma experiência de satisfação e encantamento, buscando estratégias que possibilitem o sujeito a utilizar a informação e que contribuam para a formação de mais leitores.

Figura 48: Registro do piquenique.



Fonte: Material da pesquisadora

Ainda no pátio da Unipampa, fiz a retomada da Caderneta de Metacognição, como estávamos ao ar livre, pedi para que me respondessem de maneira oral e depois em casa realizassem o registro na Caderneta. Dois alunos quiseram compartilhar suas respostas.

- Conheci novos livros, conheci novas pessoas. Quero voltar a visitar a biblioteca da Universidade. (Aluno 1)
- Preciso descobrir mais além, pois tem várias histórias para descobrir. (Aluno 6)

Sobre isso, percebi que essa ação tomou as dimensões almeçadas e seu desenvolvimento foi significativo para os estudantes, pois ao serem questionados, os

alunos responderam entusiasmados todas as questões e ainda solicitaram para que repetíssemos a atividade em outro momento.

Ao entrarmos no ônibus para retornarmos à escola, combinei com o grupo que a próxima ação seria a oitava ação, ou seja a última, adiantei que eles que estaríamos realizando uma avaliação considerando todas as ações da intervenção. E retornamos à escola de maneira tranquila e organizada.

A seguir, descrevo esta ação, a última da intervenção.

6.8 Oitava ação – Avaliação final da Intervenção

Neste dia, 29 de novembro de 2018, comecei a atividade explicando aos alunos que estaríamos encerrando a intervenção neste dia. Pedi que organizassem as mesas e cadeiras em formato circular para realizar uma Roda de Conversa sobre as percepções deles sobre as ações desenvolvidas durante a intervenção.

Perguntei se eles haviam gostado das ações realizadas e eles responderam entusiasmados que sim. Segui dirigindo a conversa e questionei “por que vocês dizem que gostaram?” e prontamente o Aluno2 respondeu que “porque realizamos alguns passeios e foi muito divertido”. Então a Aluna5 falou “até tivemos a oportunidade de ler um livro em sala de aula”, o Aluno10 afirmou “foi interessante ouvir os colegas contarem sobre os seus livros”. Os demais alunos concordaram com as falas dos colegas.

Segundo Solé (1998) a atividade que envolvem a leitura em sala de aula e as estratégias de leitura precisam embasar a prática docente antes, durante e após a leitura, é necessário sugerir discussões partindo das leituras proporcionadas em sala de aula, possibilitando refletir sobre os conhecimentos dos estudantes a partir da temática do livro lido, examinar prováveis hipóteses para explorar o texto em questão. Quando o educador compreende a relevância da relação do leitor com o texto acontece a interatividade, isto é, o discente não se traduz mais um indivíduo passivo, entretanto como aquele com competência de compreender, analisar e sintetizar novas ideias, bem como realizar julgamentos e argumentar.

Para ler necessitamos simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ, 1998, p. 23).

Antes das ações da intervenção, sempre que uma tarefa com leitura era proposta, existia muita resistência e, se fosse proposto ler em voz alta, era maior ainda a falta de interesse dos estudantes. Na maioria das vezes, por considerarem, não saber ler de maneira adequada ou por timidez, ler em voz alta, para eles é considerado uma tortura.

Contudo, durante a intervenção, todos os estudantes evidenciaram interesse em participar e realizarem a leitura do livro escolhido por eles mesmos, comentavam entre si o quanto haviam gostado das ações, relembrando das atividades concretizadas. Destacaram em suas avaliações as Rodas de Leitura, lembrando dos momentos que realizaram a ação de ler para os colegas, afirmando que ler em voz alta, durante as Rodas não foi um problema, ao contrário, como disse o Aluno15, “foi uma maneira de vencer as barreiras da timidez e também uma forma de aprendermos mais”.

A leitura em voz alta na escola, de acordo com Pastorello (2010)

tem sido utilizada sistematicamente nos processos de impostura do texto, e assim, de alguma forma, criou-se a imagem equivocada de que a prática de dar voz ao escrito estava em si mesma associada ao controle, à avaliação e ao autoritarismo. (PASTORELLO, 2010, p.45)

Dessa forma, na atividade realizada, a leitura oral deixou de ser uma prática imposta, um procedimento de avaliação, e passou a ser uma tarefa prazerosa para os estudantes, que lhes proporcionou a liberdade de ler em voz alta e também escutar os colegas.

Foi possível perceber que uma grande parcela dos estudantes relacionou seus conhecimentos e suas experiências às atividades realizadas, atribuindo, um melhor significado aos textos lidos. Destacando que é por meio da interação que o conhecimento prévio se distingue, conforme a totalização dos significados e conhecimentos novos (MOREIRA, 2001, p.263), a transformação do conhecimento ocorre de maneira individual em cada aluno.

Ainda de acordo com o que defende Ausubel (1982) citado por Reis (2010, p.132) a aprendizagem expressiva é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a enorme quantidade de conceitos e subsídios representados em qualquer área do conhecimento.

Sobre isso, Kleiman destaca que o que acontece é uma transformação na compreensão originada pela ativação do conhecimento já obtido, isto é, "devido à procura na memória (que é nosso repositório de conhecimentos) de informações relevantes para o assunto, a partir de elementos formais fornecidos no texto". (KLEIMAN, 2004, p. 22). Deste modo, posso afirmar que estas ações, foram proveitosas para os estudantes e também significativas.

Neste dia, como dito anteriormente, era o encerramento da intervenção. Assim, entreguei um questionário fechado com sete questões que a partir das respostas obtidas, permitiu avaliar as ações e perceber se o objetivo incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, havia sido alcançado.

Para melhor exibir os resultados deste questionário, a seguir, no próximo capítulo desta ação, transcrevo e analiso os resultados obtidos.

6.8.1 Transcrição e análise do questionário

O questionário foi aplicado aos dezesseis estudantes que formavam a turma participante e possuía sete questões que tinham por objetivo conhecer a opinião dos estudantes sobre as ações desenvolvidas durante a intervenção, assim como de verificarem se o objetivo geral proposto que era de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, havia sido alcançado.

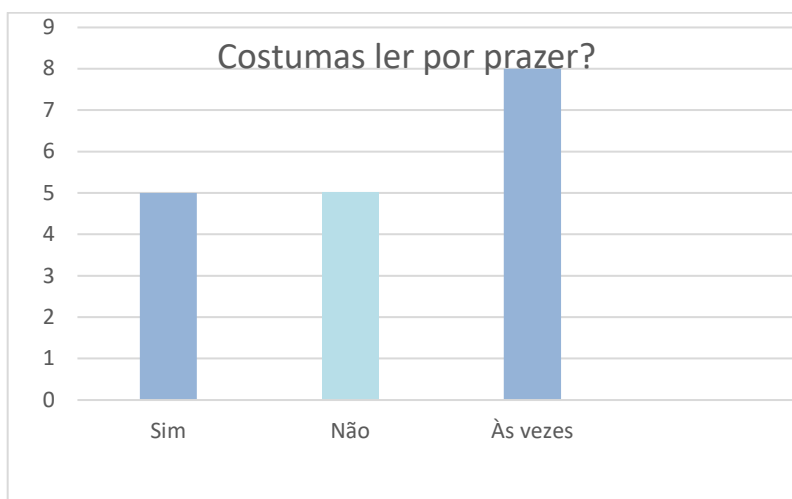
Com este questionário foi possível conferir como a temática abordada esteve sendo desenvolvida durante a intervenção, abordando assuntos que contribuíram com o arremate desta pesquisa, através das perguntas que serviram para pontuar a visão dos estudantes sobre as ações.

Os resultados dos questionários aplicados aos estudantes foram apresentados neste relatório ao final da oitava ação desta intervenção e analisados com reflexões de autores que também defendem a temática de promover o encontro dos alunos com a leitura e o livro, assim como, serviu para verificar a visão por parte de alguns alunos, sobre o tema da intervenção.

Atendendo à principal finalidade deste questionário busquei organizar questões que ressaltassem a temática sobre a leitura e induzissem a conclusões sólidas sobre o assunto abordado. Em seguida, exibo as questões e os gráficos sintetizando as respostas dos estudantes, assim como suas possíveis análises, que serão realizadas após cada gráfico de respostas.

O questionário realizado com os participantes era composto de 6 (seis) questões, dessas 4 (quatro) questões objetivas e 2 (duas) questões dissertativas. O Gráfico 1 exibe uma pergunta muito importante realizada com os discentes: Costumas ler por prazer? Como apresenta o gráfico abaixo.

GRÁFICO 1 – Costumas ler por prazer?



Fonte: Material da pesquisadora

Seis, desses alunos responderam ter prazer pelo hábito de ler somente às vezes. E os demais empataram, os que diziam gostar e os que diziam não gostarem desse momento da leitura. Percebi que é necessário dar continuidade na escola de ações que tenham por objetivo incentivar a prática de leitura dos alunos. Segundo,

Colombo “o gosto pela leitura não é algo que nasce com o sujeito” (COLOMBO, 2009, p.75), o que evidencia que esse tipo de ação, que busca aproximar o aluno da leitura, deve ser realizado diariamente.

Conforme defende Silva (2007)

Para que todos os alunos continuem a desenvolver a aprendizagem, é preciso que o professor oportunize uma interação, socialização e valorize as diferenças, bem como criar condições para que o aluno se sinta estimulado. De maneira lúdica diversificada e dinâmica, contextualizando com a realidade a qual está inserido. (SILVA, 2007, p.71)

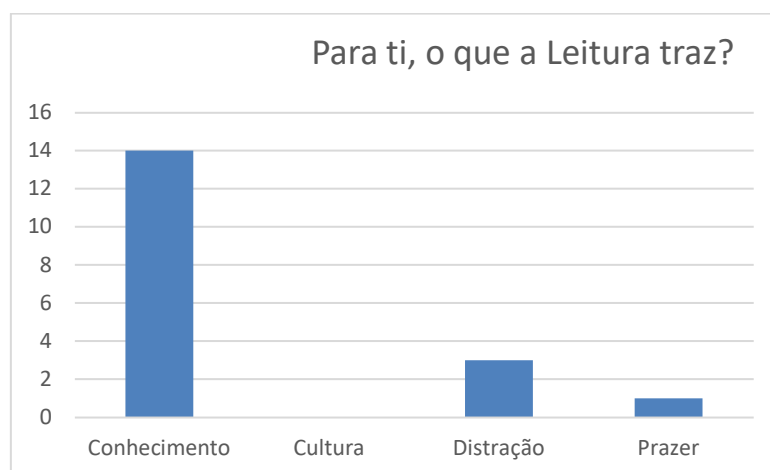
Analisando as respostas dessa questão sobre a maneira que os alunos percebem a leitura, entendo que somente essas oito ações não foram suficientes para atingir a totalidade dos estudantes. É importante lembrar que, de acordo com Solé, para aprender a ler um livro é necessário encontrar sentido e ter interesse na leitura, porque aprender a ler “significa aprender a se considerar componente para a realização das tarefas de leitura e a sentir a experiência emocional gratificante da aprendizagem” (SOLÉ, 1988, p. 172). Sobre isso, considero que a ação de escolher e levar o livro para casa, na oportunidade da visita à Biblioteca Pública Municipal de Arroio Grande foi uma das tarefas de leitura muito expressiva para os estudantes, já que partiram do interesse e da apreciação de cada um, conforme os registros em suas Cadernetas de Metacognição.

Para Colombo, “a formação do gosto leitor possui certas características relacionadas intimamente ao entorno ao qual o indivíduo está inserido.” (COLOMBO, 2009, p. 75). Dessa maneira, como os estudantes puderam ao escolher e levar para o seu ambiente, não só escolar como também familiar, o livro de sua preferência quando visitaram à biblioteca, permitindo com que estes pudessem desfrutar de momentos de leitura também nas suas casas. No mesmo sentido, Magnani assegura que o despertar do gosto pela leitura nos sujeitos “traz marcas do aprendizado de leitura, a partir da exposição, desde muito cedo, aos produtos da indústria cultural e ao contexto social em que vive” (MAGNANI, 1992, p. 102).

Então, cabe destacar que a pessoa que possui o contato desde cedo com o ambiente dos livros no ambiente escolar, tem grandes possibilidades de se tornar um leitor, de tal modo, percebe-se a importância dos estímulos que possibilitem auxiliar o desenvolvimento do hábito da leitura.

Já o Gráfico 2 foi construído a partir da pergunta que tem com objetivo de saber quais os resultados que a leitura proporciona para aos adolescentes questionados. Então, assim temos o Gráfico “Para ti, o que a leitura traz?”

GRÁFICO 2 – Para ti, o que a leitura traz?



Fonte: Material da pesquisadora

Com o resultado, observei que uma pequena parte dos pesquisados costuma ter prazer ou até mesmo ver a leitura como modo de distração, uma maneira de passar o tempo. A maioria dos estudantes citou a leitura como maneira de ampliar o conhecimento sobre o assunto lido, porém ninguém cita conseguir cultura através da leitura.

Analiso que os estudantes tenham relacionado a leitura e a sua utilidade dentro do ambiente escolar. Dessa maneira, é perceptível que ter possibilitado a visita dos alunos às bibliotecas, permitiu que eles pudessem ter contato com diversos tipos de livros, consentiu que se abrisse um novo caminho de possibilidades infinitas para que aprofundassem suas leituras, encontrando outros tipos de livros, além dos que costumavam ter acesso no ambiente escolar, e por sua vez outras maneiras de ler e principalmente de como aproveitar os momentos de leitura.

De acordo com Cosson, “é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação dos horizontes de leitura” (COSSON, 2016, p. 35).

Portanto, quanto maior for a disponibilidade de livros no dia-a-dia dos estudantes, maior será sua capacidade de lidar com a leitura. Percebi que deveria ter proposto a organização de um local para disponibilizar livros para os estudantes dentro da sala de aula, proporcionando um estímulo para a formação dos futuros 3.

No próximo Gráfico 3, vemos uma questão importante sobre avaliações, questionando os estudantes sobre a maneira que consideram adequada para avaliar a leitura.

GRÁFICO 3 – Na tua opinião como a leitura deveria ser avaliada na escola?



Fonte: Material da pesquisadora

Pelo que podemos ver no gráfico acima, a grande maioria dos pesquisados sugerem como avaliação, trabalhos escritos, seguido por debates e teatro. Em nenhuma resposta foi citado fichamento, provas ou seminário. Constatei que mesmo que os estudantes reclamem de serem maçantes as atividades relacionadas à escrita, ainda sim, preferem trabalhos escritos para serem avaliados. Suscitando uma incoerência, entre à prática e as falas dos estudantes. O que por sua vez, acarreta uma dificuldade, para os docentes, que como eu, são das áreas de linguagens, em se tratando sobre a maneira de como avaliar as atividades voltadas à leitura na escola.

Uma vez que a avaliação é necessária na escola para diversos fins, considerada uma etapa do processo de ensino e aprendizagem de grande relevância para o docente acompanhar o crescimento ou não do seu aluno. De acordo com Silva (2003),

A avaliação é concebida como processo/instrumento de coleta de informações, sistematização e interpretação das informações, julgamentos de valor do objeto avaliado através das informações tratadas e decifradas, e, por fim, tomada de decisão (como intervir para promover o desenvolvimento das aprendizagens significativas). (SILVA, 2003, p.12)

Essas mesmas ideias também são defendidas por Beserra (2007),

A avaliação deve caminhar para além da mera constatação e classificação do aluno, tornando-se parte integrante do processo de ensino, subsidiando o professor com informações que vão ajudá-lo a orientar e reorientar a sua prática. (BESERRA, 2007, p. 49)

É importante ao avaliar a leitura considerar a importância do processo avaliativo deste eixo, empregando vários instrumentos de avaliação, para que assim seja verificada as aprendizagens adquiridas e as dificuldades indicativas ao que se trabalhou em sala, bem como, possibilitar uma reflexão sobre a contribuição da sua prática pedagógica, sendo possível alterar a partir das necessidades exibidas (BRASIL, 2012; BESERRA, 2007).

Quando se discute educação temos um amplo campo a ponderar, ocasionando o aparecimento de várias vertentes e maneiras de avaliar os estudantes, diferente em seus instrumentos e práticas. Na perspectiva de avaliação formativa-reguladora, defendida por (PERRENOUD, 1999, p.15 apud SILVA, 2003):

(...) a avaliação formativa reguladora vai favorecer ao docente desenvolver intervenções diferenciadas, que, por sua vez, precisam vir acompanhadas de “meios de ensino, de organização dos horários, de organização do grupo-aula, até mesmo de transformações radicais das estruturas escolares. (PERRENOUD, 1999, p.15 apud SILVA, 2003)

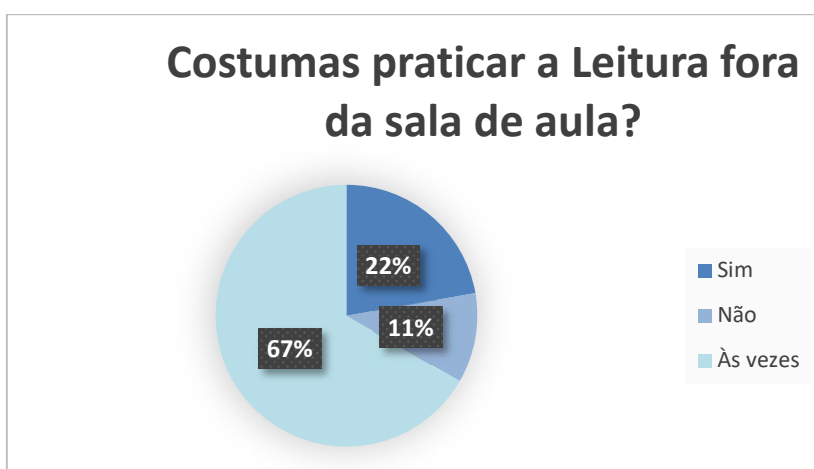
Dessa maneira, a função da avaliação formativo-reguladora defendido por Silva (2003) encontrar-se ligada ao acompanhamento da relação ensino e aprendizagem dos estudantes ao permitir os subsídios indispensáveis para os docentes. Com relação as maneiras de avaliarem o desenvolvimento da leitura, (BRASIL, 2012) evidencia algumas habilidades que os estudantes necessitam apropriar-se por meio desse eixo de ensino e que influenciam na avaliação de maneira direta.

Sobre as competências para a avaliar a leitura, podemos destacar: localizar informação explícita no texto; compreender a finalidade do texto; apreender assuntos/temas tratados em textos; estabelecer relação de intertextualidade, entre outros. Do mesmo modo, a avaliação da leitura necessita acontecer para que o docente seja capaz de planejar o ensino da leitura refletindo em outras habilidades

importantes que este eixo proporciona, como a interpretação textual, fluência, etc. (BRASIL, 2012).

O gráfico abaixo (5) contém respostas sobre a questão feita sobre a seguinte pergunta: “Costumas praticar a leitura fora da sala de aula?”. Abaixo então o gráfico 5, com respostas sobre a pergunta.

GRÁFICO 4 – Costumas praticar a leitura fora da sala de aula?



Fonte: Material da pesquisadora

Com isso podemos observar que apenas 22% das pessoas costumam praticar a leitura fora da sala de aula e que a minoria de 11% respondeu que não. Enquanto que, 67%, a maioria, respondeu que pratica apenas às vezes. Através dessas respostas, nota-se que nem todos os alunos desenvolveram o hábito da leitura, mesmo estando expostos a tantos estímulos de leitura. Como o que está registrado, nas Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa, (2008, p. 48), exhibe claramente quando afirma que:

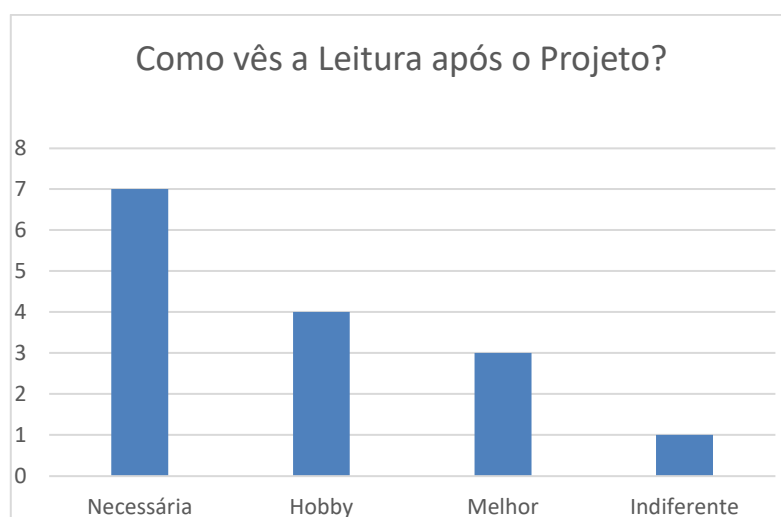
[...] Mesmo vivendo numa época denominada “era da informação”, a qual possibilita acesso rápido à leitura de uma gama imensurável de informações, convivemos com o índice crescente de analfabetismo funcional, e os resultados das avaliações educacionais revelam baixo desempenho do aluno em relação à compreensão dos textos que lê.

Sobre esses dados, é necessário que todos os educadores adotem o compromisso de trabalhar a leitura na sala de aula, com a finalidade de melhorar.

Pois, afinal como defende Silva (1995) a leitura não está presente exclusivamente na disciplina de língua portuguesa, mas ainda em todas as disciplinas acadêmicas que tem como finalidade de transmitir os conhecimentos, informações, cultura e valores a novas gerações.

No sexto gráfico temos a indagação de “Como vê a Leitura após o projeto?”, está era uma questão aberta, então classifiquei as respostas em 4 categorias distintas, como é demonstrado no Gráfico 5 a seguir.

GRÁFICO 5 – Como vê a leitura após o projeto?



Fonte: Material da pesquisadora

Assim observei que a maioria dos estudantes consideram a leitura após a participação no projeto como algo necessário, porém também percebi que alguns alunos veem a leitura com algo divertido, citando-a como hobby. Dentre outras opiniões citadas ainda foi apontada como melhor e apenas uma pessoa não apresentou diferença em sua visão sobre o assunto.

Desse modo, cabe destacar que as ações desenvolvidas a partir das Rodas de Leitura, obtiveram um resultado positivo, pois grande parte dos alunos apontou como necessária a ação de ler. Portanto, saliento aqui a relevância de se repensar a prática da leitura na sala de aula, porque promover momentos de leitura e o acesso a livros diferentes que eles buscaram “[...] para ler inteiros, para olhar as ilustrações, para

consultar palavras, para encontrar informações pontuais, etc.” (COLOMER; CAMPS, 2002, p. 96). Realizando a atividade sem imposições ou cobranças para que a leitura realizada. À escola propõe para algo precisa assumir seu papel, mas gradativamente e ter claro como avançar sem seu objetivo de formação de leitor – criar o gosto e a capacidade crítica, esse é o desafio.

Observando as respostas, é possível perceber que grande parte dos alunos afirmam ter gostado das atividades desenvolvidas. Suas respostas refletem o resultado de uma ação simples que foi edificada para eles e com participação deles.

Assim, é possível destacar que a formação do leitor pode acontecer em ambientes em que ocorre a mediação dos processos de leitura em vários momentos. Além disso, como os próprios participantes, também puderam escolher o seu próprio livro para realizar a leitura. É importante que sejam oferecidos diversos gêneros, oportunizando aos estudantes que tenha poder de escolha, selecionando por textos que tragam algum significado para eles conforme suas preferências e necessidades de leitura, porque dessa maneira os materiais lidos estarão “vinculados ao repertório de interesses, aspirações e necessidades da classe” (SILVA, 1993, p. 25).

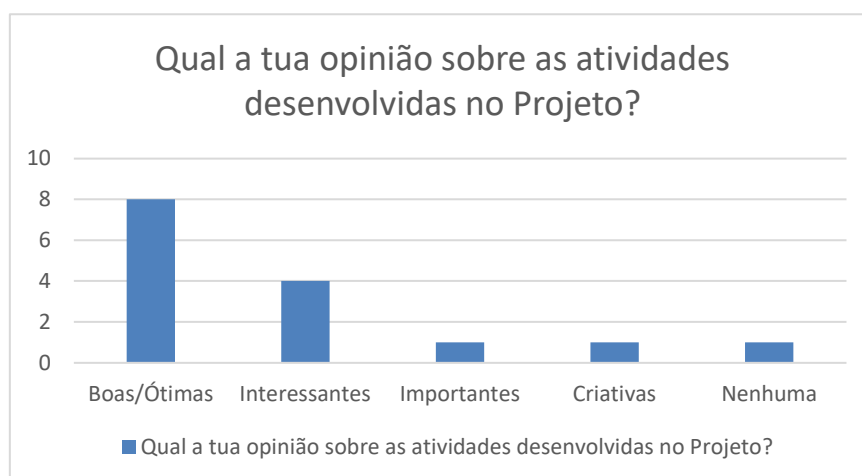
Nesse sentido, as atividades propostas com o objetivo de incentivar a prática de leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, forma administradas de maneira democrática, sem imposições, pois os estudantes puderam se expressar a cada final de atividade, contribuindo com sugestões, escolhendo o livro, com momentos de leitura sozinhos ou em grupo, partindo de momentos que foram oportunizados aos estudantes ações que buscavam aproximar os alunos da leitura.

Para o final desse questionário, temos o sexto Gráfico, minha última pergunta sobre as ações realizadas. Aborda sobre o que os participantes acharam das atividades desenvolvidas durante a intervenção. O prazer estético de uma boa leitura é de suma importância na formação intelectual do discente. A forma como são apresentadas as palavras no texto, possibilita ao leitor iniciante um viagem ao mundo fascinante da leitura. Acerca desses aspectos estéticos do texto Antunes (2003) nos diz que

[...] a leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler. Para admirar. Para deleitar-se com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior. (ANTUNES, 2003, p. 76)

Desse modo o aluno irá descobrir que poderá ler para se divertir e ao mesmo tempo adquirir conhecimentos que lhe serão úteis durante toda a jornada escolar e pessoal.

GRÁFICO 6 – Qual a tua opinião sobre as atividades desenvolvidas no projeto?



Fonte: Material da pesquisadora

Trata sobre o que os participantes acharam das atividades desenvolvidas durante a intervenção. Observei que a opinião sobre essas ações, num geral, era boa ou até mesmo ótima. Porém há outras apreciações como importantes ou criativas, que também considerei como opiniões positivas. Apenas um dos pesquisados não expressou uma opinião concreta sobre o assunto.

Essas respostas positivas reforçam a consequência de que os estudantes ao manterem contato com uma variedade maior e diferente de livros que costumavam ler, e sentindo-se à vontade para escolher o que queriam ler, expandindo suas possibilidades, pois, só “[...] se atinge o objetivo do ensino da leitura [...] quando se começa com os interesses existentes, tentando constantemente expandir lhes o horizonte” (BAMBERGER, 2004, p. 58).

As Rodas de Leitura proporcionaram aos estudantes a oportunidade de ampliar suas capacidades leitoras, já que tiveram certa autonomia tanto na escolha do que

iam ler, quanto sobre a definição do ambiente em que ocorreria a realização dessa atividade: em sala de aula e fora dela.

De tal modo, que ao mediar a leitura é indispensável que vários momentos sejam oportunizados aos discentes, períodos em que haja interação, troca e diálogo sobre o que foi lido, que possam ser oportunizadas interrelações com o real e o imaginário, sobre conhecimento prévio e o novo, desta maneira, o docente pode despertar nos estudantes o hábito de ler.

A leitura, dessa forma, “é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura - a de conhecimento do mundo e do ser” (ZILBERMAN; LAJOLO, 1985, p.25). O ambiente escolar representa forte influência para desenvolver esse hábito de leitura.

Neste momento, passo às considerações finais desta intervenção.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este relatório, considero que percorri uma longa jornada até chegar aqui. Alguns obstáculos se levantaram durante o caminho, destaco como um dos principais o distanciamento dos alunos quando a proposta de atividade envolve a ação de ler, porém, consegui ultrapassar barreiras fazendo com que os estudantes fossem mais receptivos às atividades relacionadas à leitura.

Foram essenciais várias buscas em suporte teórico para ancorar as ações da intervenção para que concretizassem e, por inúmeras vezes, por conta de minha limitação e falta de experiência com uma pesquisa de tão relevante importância, o que acabou de me ocasionar algumas dificuldades.

Durante o andamento em que a pesquisa foi desenvolvida e a intervenção foi colocada em prática, várias foram as ponderações sobre a minha prática pedagógica, este acontecimento fica evidente quando avalio as ações. De algum modo, percebo que esta pesquisa torna perceptível que a grande parte do trabalho com leitura é de responsabilidade da escola, logo, na pessoa do docente, que necessita ser um mediador da leitura. Partindo disso, é de grande relevância transformar a maneira de trabalhar a leitura em sala de aula.

Contudo, a responsabilidade da escola na pessoa do educador, não desobriga a tarefa da família de também desempenhar seu papel na formação dos sujeitos, apresentando-os ao mundo dos livros desde muito cedo, porque é na família que se ocorrem suas primeiras relações e conhecimentos de mundo. Dessa maneira, é evidente que estimular o hábito de ler necessita ser partilhado por estes dois cenários tão necessários na formação dos indivíduos.

Considerando que o objetivo geral da intervenção era o de incentivar a prática de Leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, ao refletir sobre os resultados obtidos das ações, posso considerar que o objetivo geral foi alcançado, pois os estudantes, em sua maior parte, afirmaram que agora gostam mais de ler, além de terem solicitado para que desse continuidade à intervenção. Todos se mantiveram envolvidos nas ações com entusiasmo e dedicação.

No início, a ideia era aproximar os alunos da leitura e do livro através das Rodas de Leitura. No entanto, ao apresentar a ideia para os estudantes, eles contribuíram com algumas sugestões, dentre elas, a visita às bibliotecas, para que permitisse um contato ainda maior com o mundo dos livros.

De modo geral, os efeitos alcançados durante e após as ações foram recompensantes, apesar disso, seria uma enorme ambição assegurar que somente esta intervenção formou leitores, e que a partir dela nada mais necessita ser realizado, porque estimular o hábito de leitura nos estudantes deve ser um ato contínuo que abranja a escola como um todo e não somente uma turma, com apenas alguns discentes.

Outra conclusão que abordo neste momento, é a de que a leitura não necessita ser imposta aos estudantes, porque considero que quando realizamos algo por obrigação, perdemos o prazer e a efetivação que esta ação poderia gerar. Sabendo que é nossa obrigação na escola ter espaço que possibilite as práticas de leitura, há, no entanto, bem como planejar e ir propondo ações que os propicie a crescer como leitores e pessoas.

Cabe destacar que se o docente conseguir fazer com que os estudantes experimentem/pratiquem a leitura enquanto ato prazeroso, possibilitando que descubram que dentro dos livros e histórias há um mundo mágico que nos permite viajar, apreciar pessoas e lugares variados sem sair do lugar, ele estará mobilizando-os no mundo da leitura e dos livros de maneira agradável.

Do mesmo modo, que algumas falhas acabaram ocorrendo durante este trajeto, tais como não possibilitar que os alunos lessem os livros do autor convidado para a Roda de Conversa ou ler sobre a biografia dele, a falta de tempo que alguns alunos pontuaram ao justificarem o motivo de não terem realizado algumas leituras ou tarefas solicitadas, acredito que se eles tivessem tempo e um maior prazo para desenvolver suas tarefas - selecionar um livro na biblioteca, folhar em casa, não ter gostado, voltar a buscar, dizer porque não gostaram, buscar outros. E que todos pudessem concluir suas leituras e cada um tratar apresentar seus textos ao grupo quando já concluída uma primeira leitura.

mesmo assim, considero que foi um processo válido, porque foi estimulante para os envolvidos, que foram apresentadas ao universo da leitura, de maneira diferente da rotina habitual na sala de aula. E partindo deste trabalho, na sala de aula,

proporcionando que os estudantes se tornem mais abertos às práticas – exercícios – com a leitura.

Como docente pretendo reformular minha prática, pois considero que um dos papéis essenciais do professor é o de incentivar a prática da leitura e ajudar a estimular o gosto pelos livros, porque por meio dessa prática é que se torna possível ter uma afinidade íntima com a linguagem, sem que isso, possa ser entendido como uma obrigação pelo estudante. Almejo ainda, abordar a leitura em minha sala de aula sempre com um aspecto emancipador e construtor de sentidos, pois entendo que esta seja uma condição necessária para a metodologia formativa dos indivíduos.

Assim sendo, acredito ser fundamental, que como professora, eu deva exercer minha ação docente com sensibilidade e empenho afim de descobrir as áreas de interesse de meus discentes, proporcionando que estes possam edificar uma afinidade com a língua portuguesa, de tal maneira, que possa proporcionar que minhas aulas de Português e de Produção Textual sejam mais motivadoras e atrativas, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento dos meus alunos. Oportunizando que estes possam trabalhar com os mais variados gêneros textuais de maneira atrativa, possibilitando que a postura dos meus alunos, seja de compreender o que está sendo exposto nas atividades realizadas por mim em sala de aula.

Percebo a relevância deste estudo, foi uma etapa considerável, para mim como educadora da Área das Linguagens. Tenho noção das possibilidades e potencialidades e agora trago para a minha prática e pretendo propagar entre os meus colegas docentes. Considero que esta pesquisa significará somente o ponto de partida para novos caminhos a serem percorridos por mim em um extenso percurso na formação do leitor.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p.55.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo – Parábola, 2003.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.
- BAJARD, Élie. **Caminhos da escrita: espaço de aprendizagem**. 2a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991. 109p.
- BARBOSA, A. et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVAO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. **Livros escolares de leitura: uma morfologia** (1866-1956). Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro, n. 20, p. 27-47, agosto de 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200003&lng=en&nrm=iso>. acesso em 08 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000200003>.
- BESERRA, Normanda. **Avaliação da compreensão leitora: em busca da relevância**. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (org). Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BEZERRA, M. A. da C.. **O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto educacional**. Revista CRB-8 Digital. São Paulo, v. 1. n. 2. p. 04- 10. Out. 2008. Disponível em:< <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/24/24>> Acesso em 04 out. 2019.

BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.** Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto editora, 1994.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2012. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Provinha Brasil: Apresentação.** Disponível em <http://provinhabrasil.inep.gov.br/apresentacao>. Acesso em 04/12/2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRAUN, Patricia; MORAES, Jacqueline, OLIVEIRA, Cristiane; ALMEIDA, Mônica. **A roda como espaço tempo de aprendizagem no ensino fundamental.** 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística:** 4ª ed. São Paulo, SP, Editora Scipione, 1994.

CASTRO, G. (2006). **O discurso sobre a leitura e o leitor na mídia escrita brasileira no período de 1970 a 2000.** In: 15º COLE – Congresso de Leitura no Brasil, Campinas: ALB.

CATTANI, Maria Izabel; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura no 1º grau: A proposta dos currículos.** In: ZILBERMAN et.al. org. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 7 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

CHARTIER, A. M. **A leitura e sua aquisição: modelos de ensino, modelos de aprendizagem.** In: CHARTIER, A. M. **Práticas de leitura e escrita: história e atualidade** Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 2007, p. 147-184.

CHASSOT, Attico, (2003). (inédito). **Educação consciência.**

COLOMBO, F. J. **A literatura infantil como meio para a formação da criança leitora.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bma/33004110040P5/2009/colomb_o_fj_me_mar.pdf> Acesso em 24 de novembro de 2019.

COLOMER, T. **Andar entre livros – a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2ª ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

DAMIANI, M. F. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. In: ENDIPE – Encontro nacional de didática e práticas de ensino, 16., 2012, Campinas. Anais ...Campinas: Junqueira e Marins Editores, 2012. Livro 3. p. 002882.

DAMIANI, Magda Floriana; NEVES, Rita de Araújo. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem**. UNIrevista, vol. 1, n.2, 2006.

ESTEBAN, M. T. **A Avaliação no cotidiano escolar**. In: _____ (Org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 7-28.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157p.

FOUCAMBERT, J. (1997). **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. 9ª ed. São Paulo, SP: Olho d'Água, 1998.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.ª edição.

FREIRE, Paulo. **The politics of education: culture, power, and liberation**. Westport, CT: Bergin and Garvey, 1985. 209 p.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

GASQUE, K. C. G. D. **Arcabouço conceitual do Letramento Informacional**. Ciência da Informação, v. 39 n. 3, p.83-92, set./dez., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores Da Cultura Visual proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

https://www.youtube.com/watch?v=mvekE_X3IjM. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

IBGE, Panorama, <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/arroio-grande/panorama>. Acesso em: 16 jan.2018.

IV CÍRCULO Rodas de Conversa bakhtiniana: nosso ato responsável, 2012, SÃO CARLOS - SP. **CÍRCULO Rodas de Conversa Bakhtiniana**. SÃO CARLOS: Pedro & João Editores, 2012. v. IV. p. 159-161.

JARDON, Carolina. **Alunos da região Sul têm melhor desempenho no Pisa**. Globo.com. Disponível em [HTTP://g1.globo.com/ Notcias](http://g1.globo.com/Noticias). Acesso em 23/11/2019.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo Redes nos Projetos da Escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **A concepção escolar da leitura**. In: Oficina de leitura. Teoria e Prática. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Leitura, texto e sentido**. In **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa (Org.). **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 4ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2005. 109p.

LEITE, S. A. S.; HIGA, S. E. L. **Aproximação e afastamento na relação entre crianças e as práticas de leitura: o papel da mediação pedagógica do professor**. In: LEME, M. I. S.; OLIVEIRA, P. S. **Proximidade e distanciamento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 139-160.

LERNER, Delia. **É preciso dar sentido à leitura**. Nova Escola. São Paulo: Abril, 2006.

LERNER, Délia. **Ler e Escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed. 2002, 120 p.

LOIS, L. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **“Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?”** In: Caderno de campos, 1992. Disponível em, http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol2_n2_1992/cadernos_d_e_campo_n2_48-51_1992.pdf> Acesso em 24 de novembro de 2019.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. E XAVIER, A. C (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**.19, ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006b). **Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados**. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra.

MILANESE, Luis. **O que é biblioteca**. São Paulo: Editora Brasiliense. 5ª edição, 1988.

MOREIRA, M. A. **A Resolução de Problemas como um tipo especial de Aprendizagem Significativa**. Porto Alegre, v.18, n.3; p.263-277. 2001.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa**—Secretaria do Estado da Educação do Paraná, Curitiba: SEED, 2008.

PASTORELLO, L. M. **Leitura em voz alta e produção da subjetividade: um caminho para a apropriação da escrita**. São Paulo: Editora da USP, 2015.

REIS, E. M.; LINHARES, M. P. **Ensino de Ciências com Tecnologias: um caminho metodológico no PROEJA**. [S.l.], Educação e realidade. jan/abr 2010.

RESENDE, V. M. **Literatura infantil & juvenil: vivências de leitura e expressão criadora**. São Paulo: Saraiva, 1997.

REZENDE, L. A. de. **Leitura e Formação de leitores: Vivências Teórico-Práticas**. Londrina: Eduel, 2009.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. **Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição à formação crítica sociocultural do educando. Transformação**, São Paulo, v.6, n.1/2/3, p.60-73, Jan./ Dez.1994.

RIBEIRO, V. M. (Org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

RODRIGUES, Zita Ana Lago. **Paradigma da ciência, do saber e do conhecimento e a educação para a complexidade: pressupostos e possibilidades para a formação docente**. In: Educar, Curitiba, n. 32, p. 87-102, 2008. Editora UFPR.

RUFINO, Cristiene Silva. MIRANDA, Maria Irene. **A contribuição da pesquisa de intervenção para a prática pedagógica**. Horizonte Científico, v. 1, n. 1, 2007.

SANTOS, Ana Maria Martins da Costa; SOUZA, Renata Junqueira de. **Andersen e as estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

SCHWARCZ, Lilia M. **A longa viagem da biblioteca dos reis**. São Paulo: companhia das letras, 2002.

SENICIATO, Tatiana; CAVASSAN, Osmar. **AFETIVIDADE, MOTIVAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO NAS AULAS DESENVOLVIDAS EM AMBIENTES NATURAIS**. Ciências & Cognição, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 120-136, abr. 2009. ISSN 1806-5821. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/67/64>>. Acesso em: 08 Dez. 2019.

SIGNORINI, I.; DIAS, R. **Até agora, só ferrada, cara! O cognitivo, o afetivo e o motivacional na alfabetização de jovens**. In: BAGNO, M. (org.). **A linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SILVA, E. T. **Leitura e realidade brasileira**. 5 ed. Porto Alegre: mercado aberto, 1997.

SILVA, E. T. **O professor leitor**. In SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). **Mediação de Leitura. Discussões e alternativas para formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, O. M. **A epopéia ignorada- a história da pessoa deficiente no mundo de ontem e hoje**. São Paulo: Cedas, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Autêntica, Belo Horizonte: 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leituras**. 6ª ed. Editora Artmed – Porto Alegre, 1998.p.50.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. 6ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

XAVIER, O. S. e FERNANDES, R. C. A. **A Aula em Espaços Não-Convencionais**. In: VEIGA, I. P. A. **Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas**. Campinas: Papirus Editora. 2008.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. 1ed. Curitiba: Aymará, 2009.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. **Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas** In: TAVARES, J. (Org.).

Resiliência e Educação. São Paulo: Cortez, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. Ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO DOCENTES DAS ÁREAS DE LINGUAGEM



Universidade Federal do Pampa
Campus Jaguarão
Programa de Pós-Graduação em Educação
Curso de Mestrado Profissional

Questionário aplicado às docentes das Áreas de Linguagem para coleta de dados referente ao Projeto desenvolvido pela

Mestranda Sabrina Leal:

Nome: Idade:

Formação:

Tempo de atuação:

- 1) Como ocorre, na sala de aula, o processo de compreensão e produção textual?

- 2) Como percebes a relevância e o domínio da linguagem culta nos processos de Produção e Interpretação de textos dos alunos?

- 3) Quais os desafios e possibilidades nos processos de produção dos alunos?

- 4) Como os alunos envolvem-se durante as atividades nas aulas?

OBS: Se preferir poderás responder este questionário de maneira online acessando o link <https://www.surveio.com/survey/d/I2S6B5N1B1W9E5P4D>

APÊNDICE II – DADOS DAS QUATRO DOCENTES DA ÁREA DE LINGUAGENS

<u>CATEGORIAS</u>	<u>SUBCATEGORIAS</u>	<u>REGISTROS ESCRITOS</u>
Processos de Leitura	Cotidiano	<p>“principalmente do cotidiano.” (P1)</p> <p>“[...]de uma conversa que surge durante as aulas.” (P3)</p>
	Material de apoio	<p>“[...] recorte e colagem.”</p> <p>“[...] reportagens e livros.” (P2)</p>
	Vocabulário (expressões)	<p>“[...] trazem um vocabulário carregado de gírias [...]” (P4)</p> <p>“A não tem vocabulário.” (P4)</p> <p>“[...] que todas as avaliações partem do domínio da língua culta [...]”(P1)</p> <p>Possibilitar um vocabulário rico e variado. ”(P3)</p> <p>“[...] mais como aspecto quantitativo[...]” (P6)</p>
Dificuldades no processo de Leitura	Expressão das ideias	<p>[...] “despertar mais o aspecto qualitativo em suas produções escritas.” (P6)</p> <p>“[...] o desafio é fazer com que o aluno coloque no papel suas ideias.” (P1)</p> <p>“Se eles lerem mais, saberão escrever.” (P5)</p>
	Tecnologia	<p>“Utilizar a tecnologia como uma ferramenta.”(P4)</p>
	Assunto motivador	<p>“[...] para que eles tenham um conhecimento maior sobre o assunto.” (P5)</p>

		<p>“O importante é levar um assunto que envolva toda turma [...]” (P4)</p> <p>“[...] cada um tem suas características próprias [...]” (P1)</p> <p>“[...] com uma conversa surge durante as aulas com assuntos da atualidade [...]” (P3)</p> <p>“[...] assuntos abordados com a vida real [...]” (P6)</p>
Pontos fortes do Processo	Atividades em grupos e em duplas	<p>“Durante as atividades os alunos trabalham em grupos ou duplas [...]” (P5)</p> <p>“[...] como veem seus colegas produzindo.” (P4)</p> <p>“Criar histórias coletivas e individuais [...]” (P3)</p> <p>“[...] são muito unidos e amigos uns dos outros.” (P6)</p>
	Professor mediador	<p>“[...] que como mediador oportuniza a construção do conhecimento.” (P5)</p> <p>“Procuro escolher o assunto junto com a turma [...]” (P3)</p>
	Alunos criativos	<p>“[...] transformar pequenos títulos em grandes histórias [...]” (P2)</p> <p>“Os alunos são bastante criativos!” P2)</p> <p>“[...] para os alunos sentirem prazer no que escreve.” (P3)</p> <p>“São bem criativos.”(P6)</p>

Fonte: Material da pesquisadora.

--

9) Já pensaste em escrever algum livro?

() Sim;

() Não;

10) Qual é o gênero de filme que mais gostas?

- | | |
|--------------------|------------------|
| () Comédia; | () Terror; |
| () Ação; | () Drama; |
| () Aventura; | () Animação; |
| () Romance; | () Musical; |
| () Ficção; | () Outros; |
| () Educativos: | |

11) Que estilo musical costumavas ouvir?

- | | |
|---------------------------------|---|
| () Eletrônica; | () Pop; |
| () Sertanejo Universitário; | () MPB; |
| () Axé; | () Forró; |
| () Pagode; | () Hip Hop; |
| () Samba; | () Jazz; |
| () Funk; | () Infantil e / ou Cantigas de Rodas; |
| () Clássica; | |

12) Que tipo de websites acessas com mais frequência?

- () Notícias;
- () Humor;
- () Tecnologia/ Informática;
- () Games;
- () Celebridades;
- () Portais de Música;
- () Letras de Músicas;
- () Modas/ Tendências/
comportamentos;
- () Blogs diversos;
- () Facebook;
- () Twitter;
- () WebWhats;
- () Outras Redes Sociais;
- () Filmes;

APÊNDICE IV – QUESTIONÁRIO ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Este questionário servirá para coleta de dados referente ao Projeto desenvolvido pela Mestranda Sabrina Leal. Por favor, responda-o com toda a sinceridade possível. Obrigada!

Questionário sobre hábitos de Leitura pós-Intervenção:

Gênero: () Masculino () Feminino

1. Costumas ler por prazer?

- Sim
- Não
- Às vezes

2. Para ti, o que a Leitura traz?

- Conhecimento
- Cultura
- Distração
- Prazer

3. Na tua opinião, como a Leitura deveria ser avaliada na Escola?

- Fichamentos
- Trabalhos escritos
- Provas
- Debates
- Teatro

Seminários

4) Costumas praticar a Leitura fora da sala de aula?

Sim

Não

Às vezes

6) Como vês a leitura após o Projeto?

7) Qual a tua opinião sobre as atividades desenvolvidas no projeto?

OBRIGADA POR RESPONDER!

ANEXOS

ANEXO I –Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)

MESTRADO PROFISSIONAL

CAMPUS JAGUARÃO

**Título do projeto: QUALIFICANDO OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA EM
UMA TURMA DE OITAVO ANO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL PRESIDENTE JOÃO GOULART**

Pesquisador responsável: Prof^ª. Dr^ª. Cristina Pureza Duarte Boéssio

Pesquisador participante: Sabrina Caetano Fernandes Leal

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa Campus Jaguarão

Telefone celular do pesquisador para contato:(53) 984133464,

E-mail: profeleal2016@gmail.com

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), nesta pesquisa, que tem por objetivo de incentivar a prática de Leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart.

A participação do(a) seu(ua) filho(a)/dependente na pesquisa constituirá em responder por escrito o questionário elaborado pelos responsáveis, assim como participar da proposta de Intervenção.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O nome e a identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável.

Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas (ou outra forma de divulgação). Também serão apresentados na conclusão desta pesquisa e disponibilizados à comunidade escolar desta instituição.

Estando ciente dos objetivos, preencha o nome completo do(a), seu(ua), filho(a)/ dependente e assine no local indicado nas duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável.

Nome completo do(a) participante da pesquisa

Pai/ Mãe/ Responsável Legal

Sabrina Caetano Fernandes Leal
Pesquisadora

Jaguarão (RS), ____ de ____ de 2018.

ANEXO II – Termo de Consentimento À Escola**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)****MESTRADO PROFISSIONAL****CAMPUS JAGUARÃO****AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DO TIPO INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA****Título do projeto: QUALIFICANDO OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA EM
UMA TURMA DE OITAVO ANO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL PRESIDENTE JOÃO GOULART****Pesquisador responsável:** Prof^ª. Dr^ª. Cristina Pureza Duarte Boéssio**Pesquisador participante:** Sabrina Caetano Fernandes Leal**Instituição:** Universidade Federal do Pampa – Unipampa Campus Jaguarão**Telefone celular do pesquisador para contato:**(53) 984133464,**E-mail:** profeleal2016@gmail.com

O Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, tem como proposta de trabalho dos alunos, uma Intervenção a ser realizada no ambiente de trabalho do acadêmico. Nesse sentido, a aluna Sabrina Caetano Fernandes Leal, professora da rede municipal de ensino de Arroio Grande, sob matrícula 1707110093, vem através deste documento, solicitar a autorização da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, para realizar a sua Intervenção que tem que tem objetivo de incentivar a prática de Leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart.

Será aplicada junto aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, turma na qual é professora titular.

Primeiramente, a professora realizará um questionário com as professoras das Áreas de Linguagens, a fim de identificar quais as dificuldades encontradas ao desenvolver atividades de leitura em sala de aula, bem como o envolvimento e interesse dos alunos pela leitura.

Posteriormente, fará a Intervenção com os alunos do 8º ano. Em seguida, fará a análise das aulas ministradas no Projeto e o Relatório Crítico-Reflexivo.

Ivana Nunes Gonçalves Rebhahn / Diretora da EMEF Presidente João Goulart

Jaguarão, ____ de ____ de _____.

ANEXO III – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA IMAGEM**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)****MESTRADO PROFISSIONAL****CAMPUS JAGUARÃO****TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA IMAGEM**

Eu _____,

responsável pelo aluno(a) _____, da turma _____, autorizo que os trabalhos escolares que incluam meu/minha filho (a) sejam feitos e utilizados para fins de divulgação da pesquisa para o Mestrado Profissional em Educação, vinculado à Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão.

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins de pesquisa e não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Número de telefone: _____

Assinatura do responsável

Jaguarão, ____ de ____ de 2018.

ANEXO IV – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA



INSTITUTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)

MESTRADO PROFISSIONAL

CAMPUS JAGUARÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto: QUALIFICANDO OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA
EM UMA TURMA DE OITAVO ANO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL PRESIDENTE JOÃO GOULART**

Pesquisador responsável: Prof^ª. Dr^ª. Cristina **Pureza Duarte** Boéssio

Pesquisador participante: Sabrina Caetano Fernandes Leal

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa Campus Jaguarão

Telefone celular do pesquisador para contato:(53) 984133464,

E-mail: profeleal2016@gmail.com

Tu estás sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), nesta pesquisa, sendo que teus pais/representante legal permitiram que tu participes. Ela tem por objetivo desvendar caminhos e revelar ferramentas para incentivar a prática de Leitura dos alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, ampliando assim, o seu universo literário.

Tua participação na pesquisa constituirá em responder por escrito a uma entrevista elaborada pelas responsáveis, assim como participar da proposta de Intervenção, que inclui Rodas de conversa com o autor Ivan Nunes Gonçalves e bibliotecárias, Rodas de Leituras, visitas as Bibliotecas, dentre outras atividades.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO SUJEITO DA PESQUISA:

Eu li e discuti com a pesquisadora responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito e aceito participar da pesquisa.

Participante da Pesquisa

Sabrina Caetano Fernandes Leal

Jaguarão (RS), ____ de _____ de 2018.